

UNIVERSIDADE FEEVALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS

EMANUELE BARBOSA

A constituição identitária da adolescência na personagem Kamala Khan

Novo Hamburgo

2023

EMANUELE BARBOSA

A constituição identitária da adolescência na personagem Kamala Khan

Dissertação de mestrado acadêmico do
Programa de Pós-graduação em Processos e
Manifestações Culturais da Universidade
Feevale.

Orientadora: Dra. Sarai Patricia Schmidt

Co-orientador: Dr. Fernando Simões Antunes Junior

Novo Hamburgo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Barbosa, Emanuele

A constituição identitária da adolescência na personagem Kamala Khan /
Emanuele Barbosa. – 2023.

110 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sarai Patrícia Schmidt.

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Simões Antunes Júnior.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Feevale – Pós-graduação em Processos
e Manifestações Culturais, Novo Hamburgo, 2023.

1. Adolescência. 2. Constituição identitária. 3. Representatividade. 4. Super-
heroína. 5. História em quadrinhos. I. Schmidt, Sarai Patrícia, orient. II. Antunes
Júnior, Fernando Simões, coorient. III. Título.

CDU 159.9-053.6

CDD 155.5

Bibliotecária responsável
Jéssica Paola Macedo Müller CRB10/2662

AGRADECIMENTOS

À professora Saraí Patricia Schmidt e ao professor Fernando Simões Antunes Junior, por todos os ensinamentos e pela maneira acolhedora e afetuosa com que me guiaram durante esse processo.

Aos colegas do grupo de pesquisa Universos Paralelos, pelos ensinamentos e por me apresentarem à riqueza do universo das representações na cultura pop.

Ao meu companheiro Denver e os amigos e amigas, por entenderem as minhas ausências e me motivarem sempre a seguir em frente.

Dedico esse trabalho à memória de minha mãe, minha grande incentivadora, a quem um dia prometi que realizaria todos os meus sonhos.

RESUMO

O presente estudo versa sobre a constituição identitária na adolescência. Considerando a importância do período da adolescência no desenvolvimento do indivíduo, objetiva-se analisar a constituição identitária de adolescentes e sua representação na narrativa ficcional da personagem Kamala Khan. A metodologia utilizada é de natureza aplicada e exploratória, com abordagem qualitativa cujos procedimentos técnicos utilizados serão o estudo bibliográfico e documental. Visando atender aos objetivos estabelecidos, definiu-se como objeto de estudos a História em Quadrinhos *Ms. Marvel: Nada Normal* (WILSON; ALPHONA, 2021) e *Os Campeões: o mundo ainda precisa de heróis* (WAID; RAMOS, 2021). Quanto à análise e interpretação dos dados, levando em consideração a multidisciplinaridade na qual esse estudo está inserido, se embasada teoricamente nos estudos da Psicologia do Desenvolvimento (PAPALIA; FELDMAN, 2013) e da compreensão psicodinâmica da adolescência, tendo como base autores da psicanálise clássica e contemporânea (ERIKSON, 1987; ABERASTURY, 1980; DOLTO, 2015; KANCYPER, 2013, RASSIAL, 1999), na interface com os conceitos de Cultura (GEERTZ, 2008; SANTOS 2006; LARAIA, 2007), Representação e Identidade (HALL, 1997, 2000, 2006; WOODWARD, 2012; BOURDIEU, 1989; CHARTIER, 2002). O percurso metodológico de análise de dados utiliza a Análise de Conteúdo tendo como contribuição os estudos de Laurance Bardin (2016). Os achados da pesquisa demonstram que a representação da constituição identitária da adolescência está presente na narrativa ficcional da personagem de uma maneira complexa, entendendo o indivíduo em seu aspecto biopsicossocial. A história apresenta conteúdos relacionados aos conflitos emocionais vividos pelos adolescentes bem como a representação da importância do olhar do outro e a adoção de comportamentos de risco, comuns nessa fase do desenvolvimento. Destacamos, também, a relevância da esfera cultural na constituição identitária da personagem que precisa reconhecer-se em sua totalidade como uma adolescente, mulher, muçulmana, descendente de imigrantes nos EUA, inserida em um contexto sócio-histórico.

Palavras-chave: Representação. Adolescência. Identidade. História em Quadrinhos.
Kamala Khan.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the identity constitution in adolescence. Considering the importance of adolescence on the individual development, the objective is to analyze the identity constitution of adolescents and their representation in the fictional narrative of the comic book character Kamala Khan. In relation to the methodology, it is an applied and exploratory study, with a qualitative approach. The technical procedures used are the bibliographic and documentary study. In order to meet the established objectives, the comic books Ms. Marvel: No Normal (WILSON; ALPHONA, 2021) and The Champions (WAID; RAMOS, 2021) were selected to compose the object of study. The analysis and interpretation of the data, taking into account the multidisciplinary in which this research is inserted, is based on the studies of Developmental Psychology (PAPALIA; FELDMAN, 2013) and the psychodynamic understanding of adolescence, based on authors of classical and contemporary psychoanalysis (ERIKSON, 1987; ABERASTURY, 1980; DOLTO, 2015; KANCYPER, 2013, RASSIAL, 1999), in the interface with the concepts of Culture (GEERTZ, 2008; SANTOS 2006; LARAIA, 2007), Representation and Identity (HALL, 1997, 2000, 2006; WOODWARD, 2012; BOURDIEU, 1989; CHARTIER, 2002). The data analysis methodology used is the Content Analysis, based on Laurance Bardin (2016). The research findings demonstrate that the fictional narrative presents the representation of the identity constitution of adolescence in a complex way, understanding the individual in his biopsychosocial aspects. The narrative address contents related to the emotional conflicts experienced by the adolescents. In addition, there are also representation of the importance of the dimension of otherness and the risk-taking behaviors, common in this phase of human development. We also highlight the relevance of the cultural sphere in the identity constitution of the character who needs to recognize herself in her entirety as a teenager, woman, Muslim, descendant of immigrants in the USA, inserted in a socio-historical context.

Key-words: Representation. Adolescence. Identity. Comic Books. Kamala Khan.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. CAPA DA FOLHA DE S. PAULO.	52
FIGURA 2. CAPA DA HQ Ms. MARVEL #1 (2006).....	56
FIGURA 3. CAPA DA HQ CAPIÃ MARVEL #3 (2012).....	56
FIGURA 4. CAPA DA HQ CAPITÃ MARVEL #2 (2006).....	57
FIGURA 5. ROSIE THE RIVETER (1943).....	57
FIGURA 6. CAPA DA HQ: OS CAMPEÕES (2021).....	62
FIGURA 7. TRANSCRIÇÃO DOS DESTACAMENTOS.	66
FIGURA 8. CENA DE Ms. MARVEL: NADA NORMAL (2015).....	67
FIGURA 9. PERCURSO DE LEITURA.....	68
FIGURA 10. CAPA DA HQ Ms. MARVEL: NADA NORMAL (2015).....	69
FIGURA 11. CENA DE Ms. MARVEL: NADA NORMAL (2015).....	80
FIGURA 12. THE TRANSFIGURATION, DE RAFFAELLO SANZIO AO LADO DE IMAGEM RETIRADA DA HQ: Ms. MARVEL: NADA NORMAL (2015).....	81
FIGURA 13. EVOLUÇÃO DO UNIFORME..	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HQ: História em Quadrinhos

CAPES: Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 NEM CRIANÇA, NEM ADULTO: QUEM É O SUJEITO ADOLESCENTE?	17
2.1.1 <i>Um conceito recente na história</i>	17
2.1.2 <i>Um sujeito em crise</i>	21
2.2 CULTURA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE	29
2.2.1 <i>Da crise de identidade à identidade em crise</i>	34
2.2.2 <i>Representação da adolescência nas produções culturais</i>	36
3 METODOLOGIA	42
3.1 OBJETO DE ESTUDOS: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS	42
3.1.1 <i>A Superaventura e sua representação</i>	43
3.1.2 <i>Apresentando a Ms. Marvel</i>	54
3.1.3 <i>Apresentando Os Campeões</i>	58
3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	62
4 ENSAIO DE ANÁLISE	69
4.1 AS METÁFORAS DA ADOLESCÊNCIA	70
4.2 QUASE COMO UM REFLEXO: A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO OUTRO ...	76
4.3 TRANSITANDO ENTRE DOIS MUNDOS: AS ENTRELINHAS DO PODER SIMBÓLICO	78
4.4 TECENDO A IDENTIDADE: A REPRESENTATIVIDADE DO UNIFORME.....	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	100

1 INTRODUÇÃO

Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo. Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos.

(Sigmund Freud)

Adolescência, identidade, histórias em quadrinhos (HQ), Freud: pistas iniciais sobre o conteúdo que se encontrará a seguir. Analisando pela perspectiva do pensamento de Freud, penso que as motivações para a temática dessa pesquisa dialogam com um desejo de entrar em contato com a minha adolescente interior e, talvez, ressignificar vivências desse período. A psicóloga que, durante a adolescência, buscou refúgio nas histórias de personagens ficticiais de quadrinhos, livros e filmes, busca agora, através da “ponta de seus dedos”, colaborar com a construção do conhecimento científico sobre esse período do desenvolvimento humano.

A infância e a adolescência são temas que me instigaram durante todo o percurso da minha graduação em Psicologia. Devido a uma percepção da necessidade de compreender as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos durante a adolescência, somado a um desejo de buscar por maneiras de ajudá-los a atravessar esse período, iniciei as pesquisas acadêmicas sobre o tema no desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso, quando elaborei uma intervenção psicossocial que utilizou as super-heroínas como figuras representacionais de empoderamento feminino para adolescentes. Nesse estudo, pude constatar que as personagens ocuparam um espaço de identificação positiva como modelos de superação de adversidades, visto que as participantes da intervenção se identificaram com a personalidade, características emocionais e com a forma utilizada pelas super-heroínas no enfrentamento e seus conflitos. Utilizando as personagens Carol Danver e Kamala Khan percebi que, enquanto as participantes se identificaram com a capacidade de resiliência e superação das adversidades apresentada por Carol Danvers, a identificação com Kamala Khan dialogava com as suas vivências da adolescência. Em decorrência desse fato, finalizei o estudo com o desejo de compreender de forma mais aprofundada o desenvolvimento identitário da personagem e de que forma sua história como uma

super-heroína dialogava com a história de vida das adolescentes participantes da pesquisa. Ademais, atualmente, atuando profissionalmente na psicologia clínica, volto meus estudos e campo de atuação para a infância e adolescência e percebo, na prática, a importância da identificação dos adolescentes com figuras representacionais, ficcionais ou não, para o processo de elaboração de seus conflitos emocionais. Portanto, é o somatório de vivências pessoais, profissionais e acadêmicas que culminam nas motivações para a realização do presente estudo que versa sobre a constituição identitária na adolescência e sua representação em personagens de narrativas ficcionais.

O sujeito adolescente é um produto da modernidade. Nas sociedades antigas, quando surgiam as marcas corporais da puberdade, o indivíduo era conduzido para a vida adulta através de ritos de passagem que estipulavam que esse havia chegado à maturidade social e poderia ocupar uma posição responsável na comunidade. Os ritos de passagem estavam ancorados nas tradições locais e forneciam sustentação para a função simbólica da transição.

As sociedades modernas, em função da expansão do sistema capitalista, passam a demandar mão de obra qualificada para suprir a grande demanda de produção. Com isso, o tempo de escolarização e preparação para o trabalho aumenta e a escola passa a representar um espaço de convivência dos jovens com seus iguais, contribuindo para a construção desse novo grupo identitário. Ainda, na modernidade há um enfraquecimento dos ritos de passagem, contribuindo para que a identificação não esteja articulada com os saberes da tradição, gerando sentimentos de desamparo e solidão, que contribuem para os processos disruptivos dessa fase do desenvolvimento humano.¹ Além do mais, esse é um momento em que o sujeito começa a fazer uma ressignificação de suas vivências infantis que serve como estrutura e orientação na constituição de uma identidade individual e social assumida com responsabilidade.²

Na tentativa de entender sua função social, construir sua identidade e romper com as identificações da infância, o sujeito adolescente busca referências identificatórias fora do seu núcleo familiar, em uma tentativa de diferenciar-se das figuras parentais. Nesse processo de constituição identitária, ocorre uma

¹ (LE BRETON, 2016)

² (KANCYPER, 2013)

identificação com referências encontradas, geralmente, entre o grupo de iguais e nas produções culturais.

Conforme aprofundaremos no capítulo dois, na atualidade, a adolescência tem se tornado uma fase mais longa na vida dos indivíduos, em função da puberdade iniciar em idades menores, se comparada com gerações anteriores. Somado a isso, em função do maior tempo de formação escolar e profissional e do acirrado mercado de trabalho, os jovens tendem a permanecer por mais tempo dependentes financeiramente de seus pais, postergando a entrada na vida adulta.

Segundo dados da Secretaria Geral da Juventude da Organização das Nações Unidas (ONU)³, um a cada três jovens em idade entre 15 a 24 anos sofre para encontrar uma oportunidade de emprego digna. Essa taxa é três vezes maior se comparada com a população adulta. Ainda, destaca-se que tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento, as mulheres encontram mais dificuldades em ingressar no mercado de trabalho, em comparação aos homens. Nos países em desenvolvimento, cerca de 200 milhões de jovens não completaram o ensino fundamental, não estando assim, qualificados para o mercado de trabalho. A estimativa é a de que, globalmente, 600 milhões de novos postos de trabalho serão necessários nos próximos 15 anos para abranger a população jovem.

Os conflitos enfrentados nessa fase de amadurecimento podem se configurar como fator de risco para a saúde mental dos indivíduos. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴, estimam a incidência de 10% à 20% de problemas relacionados à saúde mental em adolescentes em todo o mundo. A depressão e a ansiedade estão entre as 10 doenças que causam maior incapacidade entre os adolescentes. Tais índices deflagram um alerta para a necessidade de estudos que visem a compreensão das dificuldades enfrentadas pelos jovens na atualidade.

Em vista do exposto, entende-se que analisar a maneira que a adolescência vem sendo representada na cultura midiática, bem como o processo de identificação dos jovens com tais representações, pode dar direções na compreensão dos conflitos que os jovens vêm enfrentando na atualidade.

A narrativa ficcional elegida para compor o corpus do estudo é a personagem das Histórias em Quadrinhos (HQ) da editora *Marvel Comics*, Ms. Marvel. Importante salientar que esse codinome já foi utilizado por duas personagens diferentes: Carol

³ <https://www.un.org/youthenvoy/>

⁴ <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>

Danvers e Kamala Khan, em períodos históricos distintos e em diferentes fases do desenvolvimento humano das mesmas. Carol Danvers, uma personagem adulta e primeira Ms. Marvel foi apresentada ao público em 1968, enquanto a primeira HQ de Kamala Khan é lançada somente no ano de 2015, sendo essa um personagem adolescente. Para esse estudo, devido a delimitação de sua temática, optou-se por analisar a história da personagem Kamala Khan. Para tal, serão utilizadas as HQs *Ms. Marvel: Nada Normal* (WILSON; ALPHONA, 2015) e *Os Campeões: o mundo ainda precisa de heróis* (WAID; RAMOS, 2021).

Em função do caráter interdisciplinar deste estudo, que engloba as áreas dos Estudos Culturais e da Psicologia, justifica-se sua inserção na linha de pesquisa Linguagens e Processos Comunicacionais do Mestrado Acadêmico em Processos e Manifestações Culturais, uma vez que um de seus objetivos é o de discutir a influência do campo discursivo e simbólico presente nas produções culturais na construção da memória e identidade.

Nessa direção, a questão norteadora do estudo é: entendendo a importância de referências identificatórias para os adolescentes, de que maneira a adolescência vem sendo representada na cultura midiática?

O objetivo geral é o de analisar a constituição identitária de adolescentes e sua representação na narrativa ficcional da personagem Kamala Khan.

Objetivos específicos também foram delimitados, com a finalidade de alcançar o objetivo geral:

a) analisar a representação da constituição identitária da adolescência na História em Quadrinhos *Ms. Marvel: Nada normal*;

b) compreender a importância da dimensão social na vida dos adolescentes através da análise do grupo de heróis *Os campeões*;

Tratando-se de um estudo interdisciplinar, esta pesquisa está embasada teoricamente nos estudos da Psicologia do Desenvolvimento (PAPALIA; FELDMAN, 2013) e na compreensão psicodinâmica da adolescência, tendo como base autores da psicanálise clássica e contemporânea (ERIKSON, 1987; ABERASTURY, 1980; DOLTO, 2015; KANCYPER, 2013, RASSIAL, 1999), na interface com os conceitos de Cultura (GEERTZ, 2008; SANTOS 2006; LARAIA, 2007), Representação e Identidade (HALL, 1997, 2000, 2006; WOODWARD, 2012; BOURDIEU, 1989; CHARTIER, 2002). A metodologia desta pesquisa tem como base teórica as orientações de Prodanov e Freitas (2013). Trata-se de uma pesquisa de natureza

aplicada e exploratória quanto a seus objetivos. Em relação aos procedimentos técnicos, configura-se como um estudo bibliográfico e documental com abordagem qualitativa. O percurso metodológico de análise de dados utiliza a Análise de Conteúdo tendo como contribuição os estudos de Laurance Bardin (2016).

A dissertação está organizada em cinco capítulos. Inicialmente, apresentamos a introdução com a contextualização da pesquisa. Após, o segundo capítulo corresponde aos aportes teóricos que embasam a pesquisa. Em um primeiro momento, é realizado um breve panorama histórico do conceito de adolescência, seguido pelo entendimento psíquico dessa fase do desenvolvimento humano. Segue-se a esse, uma discussão sobre Cultura, Identidade e Representação e um estudo sobre a representação da adolescência nas produções culturais. O terceiro capítulo corresponde ao percurso metodológico, quando são apresentados os objetos de estudos e a metodologia ao qual se optou para análise e interpretação dos dados. Segue-se a esse o Ensaio de Análise sobre a representação da identidade adolescente na personagem Kamala Khan. Por fim, no quinto capítulo, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos sobre a adolescência perpassam diferentes áreas do conhecimento como Saúde, Educação e Estudos Culturais. De acordo com os dados disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes⁵, nos últimos cinco anos foram publicados mais de 6000 estudos sobre a adolescência, com uma concentração superior a 50 por cento na área das Ciências da Saúde. Da mesma forma, as pesquisas sobre as Histórias em Quadrinhos também encontram-se em diferentes áreas de estudos. Nos últimos cinco anos, foram publicados mais de 1000 estudos sobre a temática, com maior incidência da grande área de conhecimento Linguística, Letras e Artes e das áreas de concentração Letras e Educação.

Contudo, na intersecção entre Adolescência e História em Quadrinhos, percebe-se uma escassa produção de pesquisas relacionadas com a temática. Para a localização dos estudos, foi definida a delimitação de pesquisas em língua portuguesa, utilizando os descritores “adolescente(s)” com suas variações “adolescência” e “juventude” (AND)⁶ “história(s) em quadrinhos”, com suas variações “arte sequencial”, “gibi” e “nona arte”. O período de tempo de publicação foi estipulado para os últimos 5 anos, ou seja, entre os anos de 2017 e 2022. Em um primeiro momento, foram localizados um total de 13 estudos. Após a verificação de possíveis pesquisas duplicadas e leitura dos resumos para avaliar a aproximação das temáticas, restaram 8 estudos a serem analisados. Destaca-se, no entanto, que os estudos ambientados na área de enfermagem “Tradução de conhecimento e narrativas de famílias nos cuidados às crianças após reversão de colostomia: produção de história em quadrinhos”, desenvolvido por Oliveira (2018) e “História em quadrinhos para adolescentes sobre suporte básico de vida: construção e validação” (LUZ, 2018), não possuem autorização de divulgação na plataforma e por essa razão, não irão compor a análise das produções. O mesmo ocorre com a pesquisa “Reminiscências do colonialismo: colonialidade, diáspora e identidade na Síria e no Irã a partir de “O Árabe do Futuro: uma juventude no oriente médio” (2014-2017) de Riad Sattouf e Persépolis” (2000) de Marjane Strapi” (MATTOS, 2022), ambientada na área de história comparada.

⁵ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

⁶ Para localizar estudos que integrasse ambas as temáticas, optou-se pela utilização dos operadores booleanos.

As pesquisas encontram-se nas áreas de Educação, Comunicação, História e Enfermagem. Faz-se notar que, enquanto o maior número de pesquisas com Histórias em Quadrinhos concentra-se na área da Linguística, Letras e Artes, ao tratar-se da adolescência, sua prevalência está na área da Saúde. Dos 9 estudos mapeados, 6 estão inseridos em Programas de Enfermagem e utilizam as HQs como ferramenta de prevenção e promoção da saúde.

Abordando a temática da sexualidade e reprodução, as pesquisas “Iniciação sexual: já estou pronto/a para iniciar a minha vida sexual? – Validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva” (FERREIRA, 2017) e “História em Quadrinhos como recurso pedagógico para adolescente: métodos contraceptivos” (ALMEIDA, 2017) buscaram a validação de HQs como material didático para ser utilizado com adolescentes. Segundo Ferreira (2017), o formato de quadrinhos pode auxiliar os enfermeiros a tratar do tema de forma divertida, despertando o interesse dos adolescentes. Do mesmo modo, Almeida (2017) considera que o formato em HQ auxilia no processo de ensino-aprendizado de jovens sobre métodos contraceptivos. Em ambas as pesquisas, o material analisado foi validado como recurso pedagógico para ser utilizado com adolescente, ainda que tenha sido demonstrada a necessidade de algumas adequações em relação à ilustração gráfica, linguagem verbal e conteúdo.

Na pesquisa intitulada “Construção e validação de Gibi educacional sobre saúde sexual e reprodutivo de adolescentes escolares”, Oliveira (2018), a partir de grupos focais e de oficinas realizadas com adolescentes, constrói uma HQ cuja finalidade seria torná-la uma ferramenta diferenciada para a abordagem dos temas de saúde sexual e reprodutiva com o público jovem. Conforme expõe a autora, “na saúde, os Gibis tem a proposta de melhorar a comunicação entre profissionais e comunidade, quebrando barreiras, isto porque, são meios que interagem com a cognição, aprendizado e mudanças de comportamento de saúde.” (OLIVEIRA, 2018, p.31). Com objetivo e percurso metodológico seguindo na mesma direção das pesquisas anteriores, Paula (2017) na dissertação “Construção e validação de um gibi como tecnologia em saúde para prevenção da obesidade em adolescentes escolares” constrói um material validado para o trabalho com adolescentes escolares cuja finalidade é a prevenção da obesidade.

Na área da Educação, a pesquisa “Educação e História em Quadrinhos: Análise das representações dos jovens do campo no gibi “Chico Bento moço”” (Vaz,

2021), investiga os preconceitos derivados das representações estereotipadas da imagem do jovem do campo. Na história elegida pelo autor, Chico Bento é apresentado já adolescente tendo que lidar com as escolhas para o seu futuro. De acordo com Vaz (2021), a migração de Chico Bento do campo para a cidade e o ingresso no ensino superior não foram suficientes para que ele deixasse de ser representado como alguém sem conhecimentos urbanos, que utiliza linguagem e vestimenta inadequadas. Ainda que a história amplie a visão do mundo rural, não é possível desvincular a imagem do personagem com o estereótipo representado na mídia sobre as pessoas do campo, reforçando as diferenças de classe social.

Ao considerar os dados que apresentam uma alta produção de estudos científicos sobre a importância da representação nas HQs, aliado aos baixos números de pesquisas relacionadas entre adolescência e HQs, encontra-se um vasto campo de estudos a ser explorado. Uma vez tendo apresentado as pesquisas atuais sobre a temática central desta pesquisa, seguiremos para o próximo capítulo, onde abordaremos o conceito de adolescência que embasará o estudo.

2.1 NEM CRIANÇA, NEM ADULTO: QUEM É O SUJEITO ADOLESCENTE?

2.1.1 Um conceito recente na história

Estudar o sujeito adolescente requer a compreensão de que o conceito da adolescência, ou de uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, nem sempre existiu. Por essa razão, iniciaremos esse capítulo com um breve panorama sobre essa etapa do desenvolvimento humano.

Moraes e Weinmann (2020), em uma revisão bibliográfica sobre a história da adolescência, demonstram que não há um consenso sobre seu surgimento, uma vez que depende de uma definição conceitual do termo. Segundo demonstram, autores distinguem juventude de adolescência, sendo a primeira definida como uma categoria social e a segunda como uma operação psíquica. No entanto, salientam que uma cisão entre os conceitos não é uma tarefa simples por que

a adolescência incorpora discursos da cultura relacionados à juventude e os dois conceitos passam a articular-se diretamente, ou seja, as construções sobre juventude delineiam o que é ser adolescente e as construções sobre a adolescência participam da definição do que é ser jovem. (MORAES; WEINMANN, 2020, p. 282).

De acordo com Le Breton (2016), o surgimento do sujeito adolescente é uma construção que se deu lentamente ao longo das décadas em função de mudanças ocorridas na sociedade. Conforme Áries (1978), antes do século XVIII não havia a concepção desse tempo de transição, e a adolescência se confundia com a infância. Esperava-se apenas o desenvolvimento físico para que as crianças passassem a lidar com as mesmas responsabilidades dos adultos e assim serem considerados. Para estarem aptos a ocupar tais espaços, os indivíduos eram conduzidos para ritos de passagem que, ancorados nas tradições locais, concediam o simbolismo necessário para essa transição de papel e identidade dentro da sociedade, porque “os ritos de passagem são uma simulação simbólica da morte, seguida de um renascimento sob uma identidade modificada”. (LE BRETON, 2016 p. 31).

Na modernidade, há um enfraquecimento dos ritos de passagem contribuindo para que a identificação não esteja articulada com os saberes da tradição, gerando sentimentos de desamparo e solidão, que contribuem com a formação de conflitos desencadeantes dos processos disruptivos deste período. Os ritos na modernidade perdem o caráter simbólico da tradição e assumem um caráter imaginário que está atrelado a uma visão estereotipada da adolescência, ditada por modismos e convenções sociais transitórias. (VIOLA; VORCARO, 2018).

A concepção de juventude ocorre inicialmente nos meios burgueses no século XVIII e vai tomando contornos mais definidos no decorrer do século XIX, especialmente com o desenvolvimento da família tradicional burguesa, que passa a reconhecer a criança como um indivíduo. Essa nova percepção da infância desperta uma preocupação com o futuro dos indivíduos, uma vez que são os responsáveis por dar continuidade ao legado da família. (MORAES; WEINMANN, 2020). Com isso, instaura-se a obrigatoriedade da escolarização na infância, com posterior criação do ensino médio, destinado aos jovens burgueses. Tais mudanças na sociedade instigam nos jovens uma sensação de diferença entre as idades e esses sentimentos são expressos nas produções culturais da época. Como descrito por Le Breton (2016, p. 41), a obra *Emílio ou da educação*, escrita por Rousseau entre os anos de 1759 e 1762, deflagra esse sentimento da adolescência, pois evidencia “a particularidade desse período da existência que sucede à infância e prepara para a entrada na idade do homem”.

As sociedades modernas, em função do aumento da industrialização e do capitalismo, passam a demandar mão de obra qualificada para suprir a grande

demanda de produção. Com isso, o tempo de escolarização e preparação para o trabalho aumenta, fazendo com que os jovens permaneçam por mais tempo sob a tutela de seus pais. A escola passa a representar um espaço de convivência com seus iguais, contribuindo para a construção desse novo grupo identitário, despertando o desejo dos jovens de se diferenciarem de seus pais, que impunham disciplina em uma sociedade que ainda mantinha uma “juventude disciplinar”. (MORAES; WEINMANN, 2020, p. 285).

As transformações sociais decorrentes desse período de transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna, quando há um conflito de valores entre as gerações, despertam uma preocupação nos médicos e juristas da época sobre essa juventude que consideram transgressora e criminal. No início do século XX, surge o termo *apache*, que irá designar os grupos de jovens contestadores que se reúnem nos centros da cidade, revoltados com a sociedade burguesa da época, que vive uma crise das instituições disciplinares. (MORAES; WEINMANN, 2020). De acordo com Le Breton (2016, p. 63) “o ensino médio, as universidades, os estabelecimentos penitenciários, as oficinas são lugares intensos de reivindicação e de luta social para uma juventude que se sente explorada e injustamente constrangida pelos mais velhos”. O autor ainda salienta que o agrupamento dos jovens “é uma maneira de se reconhecer, de se afirmar como faixa etária e de se construir no seio de uma sociabilidade entre pares”. (LE BRETON, 2016, p. 63). O momento social de crise das instituições disciplinares, seguido pelos impactos da Primeira Guerra Mundial são os indicadores de que “o tempo de inscrição das marcas iniciais da adolescência está aberto.” (MORAES; WEINMANN, 2020, p. 293).

O sentido contemporâneo do termo adolescente surge nas décadas de 1950 e 1960 nos EUA, com o *baby-boom*. Isso ocorre pela força da percepção do sentimento de pertencimento a uma faixa etária com valores, cultura e modo de vida própria, cuja geração anterior não havia experimentado. De acordo com Corso D. e Corso M. (2022, p. 24) “aos jovens dos anos cinqüenta, a eles coube a virada, foram involuntários fundadores de uma nova subjetividade, tornando-se influenciadores por algo diferente dos feitos heróicos das gerações anteriores”.

A partir dessa época também há a abertura de um mercado específico da juventude aumentando a divisão entre as gerações. Movimentos sociais jovens ganham força, contrapondo as gerações e reforçando as características de

identificação grupal desses jovens. Segundo Le Breton (2016, p. 79), o movimento de Maio de 1968, ocorrido na França, fica conhecido como um movimento de “revolta contra o pai” porque marca uma juventude que reivindica não mais ser submissa aos padrões morais da sociedade e que quer se emancipar da tutela dos pais.

A contar da década de 90, se estabelece um nicho de marketing adolescente para as então chamadas *tweens*, meninas de 8 a 12 anos de idade que passam a ser inundadas com revistas que ditam os padrões de beleza e de moda a ser seguidos. A identificação desse novo grupo de potenciais consumidores acaba por acarretar em uma preconização da adolescência uma vez que

as crianças deixaram de ser totalmente crianças, cada vez mais chamadas a decidir por elas mesmas com uma autonomia crescente e, encarregadas muitas vezes de iniciar os passos nas novas tecnologias, elas ficam muitas vezes sobrecarregadas com uma responsabilidade que não é da idade delas, devido ao recuo da posição educativa dos mais velhos. (LE BRETON, 2016, p. 83).

Por outro lado, a entrada na vida adulta ocorre cada vez mais tarde em função das grandes exigências de qualificação profissional e competitividade para a entrada no mercado de trabalho, fazendo com que os jovens encontrem mais dificuldades em conseguir estabelecer uma independência financeira. De acordo com Penna e Araújo (2021), na atualidade, termos como “adullescência” ou “pós-adolescência” tentam dar conta de explicar essa nova geração que encontra dificuldade em ingressar no mundo dos adultos. Segundo explicam as autoras, o termo *adullescência* é um neologismo criado no século XXI e se refere a uma dificuldade do indivíduo de alcançar uma maturidade emocional que permita a passagem para a vida adulta. Trata-se de um fenômeno de ordem meramente psicológica, não tendo relação com as questões de maturação biológica da puberdade. Entende-se que

os jovens que sofrem com esta passagem frequentemente apresentam conflitos com relação à aquisição de autonomia, no sentido de capacidade de gerenciar a própria vida, e isso pode aparecer tanto no campo profissional, quanto no âmbito socioafetivo. Muitas vezes se mostram inseguros quanto às suas potencialidades e fraquezas, bem como as reais possibilidades de sentirem-se apropriados de uma vida adulta. (PENNA; ARAUJO, 2021, p. 171).

Para compreender a concepção sócio-histórica da adolescência é necessário considerar que essa é permeada pelo modelo *adultocentrista*, ou seja, em uma

sociedade que se desenvolve e se organiza ao redor da figura do adulto. Segundo Cavalcante (2021, p. 201) esse é

um processo que inviabiliza crianças e adolescentes enquanto sujeitos históricos de lutas e transformações sociais, que promove o apagamento da especificidade de suas vidas, na medida em que concebe como 'protótipos de adultos' numa perspectiva do vir a ser e não do que já é.

O autor entende que o capitalismo ocupa um papel importante na manutenção do adultocentrismo, quando os adolescentes não ocupam papéis de protagonismo por ainda estarem em período de preparação para a inserção no mercado de trabalho e conseqüentemente de produção de capital. (CAVALCANTE, 2021). Esse movimento social que deixa os jovens em uma espécie de segundo plano pode despertar nesses um sentimento de revolta e de necessidade de reivindicar seus direitos. Com isso, segundo Cavalcante (2021), atitudes como comportamentos de negar desde as autoridades parentais até níveis maiores das organizações e mobilizações sociais podem ser considerados movimentos de resistência frente às imposições do paradigma adultocentrista.

Conforme abordado anteriormente, para além de questões etárias e sociais, a adolescência também pode ser analisada como uma operação psíquica. Dessa forma, tendo apresentado um panorama histórico da adolescência na sociedade, abordaremos, na sequência, a definição de adolescência que embasará esse estudo.

2.1.2 Um sujeito em crise

O sujeito adolescente, por estar transitando entre a infância e a adultez, duas faixas etárias definidas social e culturalmente, por vezes sente que não tem espaço para existir. Afinal, ao mesmo tempo em que não se encaixa em padrões da infância, também não tem permissão e maturidade emocional para as demandas da vida adulta. Em função disso, conforme Saggase (2021, p. 3), "a adolescência apresenta potencial de criar situações desestabilizadoras da economia psíquica: momento de definições diversas no campo sexual, profissional, familiar, ela coloca questões que alguns sujeitos não têm condição de contornar."

Entende-se que para que seja possível compreender a adolescência como uma fase de maturidade emocional e de construção social, se faz necessário

primeiramente entender o conceito de puberdade, dado que ela é pré-requisito para o início do processo de adolecer. Ou seja,

a puberdade seria um conjunto de mudanças corporais disparadas a partir da maturação biológica, que caminha no sentido da aptidão física para a reprodução. A adolescência vem a reboque da puberdade, tratando-se de um evento socioculturalmente circunscrito. (JUCÁ; VORCARO, 2018, p. 247)

De acordo com Papalia e Feldman (2013), a puberdade caracteriza-se por mudanças físicas no indivíduo em um processo de maturação que se inicia na infância e vai até a vida adulta. Essas alterações corporais ocorrem em consequência da ativação das glândulas adrenais e do amadurecimento dos órgãos sexuais e caracteres sexuais secundários. Ainda, ocorre um aumento rápido da altura, do peso, da musculatura e da ossatura. Sinais de maturidade sexual ocorrem por volta dos 13 anos e são marcados pela menarca nas meninas e espermarca nos meninos.

No que se refere ao amadurecimento cognitivo, há um aumento na velocidade de processamento de informações e passam a desenvolver a capacidade de pensar em termos abstratos, o que lhes concede um aumento da percepção de tempo e espaço, além de uma maior habilidade na utilização de símbolos comunicacionais, contribuindo com o desenvolvimento da linguagem. Com isso, o adolescente adquire habilidades sociais, conseguindo se colocar em diálogos mais intelectualizados, compreendendo o ponto de vista do outro também. Ainda, passam a desenvolver o raciocínio moral. (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Na teoria psicanalítica, o termo adolescente nem sempre esteve presente. No entanto, desde seus primórdios já eram encontradas referências relativas a essa fase do desenvolvimento. Ainda que não utilize o termo adolescente, na obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996), Freud descreve as transformações da puberdade como último estágio do desenvolvimento sexual infantil. Segundo o autor, a puberdade introduz a sexualidade genital, ao contrário da infância quando a sexualidade tinha um caráter pré-genital. Posteriormente em sua obra, Freud (1930/1996) entende que, para além do desenvolvimento da sexualidade, esse estágio também requer capacidade da diferenciação com a família e o encaminhamento para relações sociais mais amplas, além do desligamento da autoridade parental. Adolecer implica o encontro com o real do sexo, na medida em que “o adolescente é convidado, tanto pelo meio que o cerca

quanto pelas suas próprias determinações inconscientes, pulsionais e identificatórias, a tomar uma posição na partilha dos sexos”. (ALBERTI, 2010, p. 16).

Na década de 1950, Erik Erikson se tornou a principal referência nos estudos da adolescência no campo da psicanálise. Com base na teoria de Freud, ele muda seu foco de análise da sexualidade para os problemas de identidade e para o entendimento de como ocorre o processo de internalização da cultura pelo indivíduo. Nesse sentido, patologia ou normalidade deveriam ser avaliadas levando em consideração os padrões culturais ao qual o sujeito está inserido. Segundo o autor, o desenvolvimento da identidade se daria através da interação das características biopsicossociais de cada indivíduo. Sua teoria baseia-se em fases do desenvolvimento que o indivíduo enfrentaria durante sua vida, desde o nascimento até a velhice. Essas fases são marcadas por crises cuja solução concede habilidades que permitirão o ingresso na fase subsequente. Deste modo, a adolescência estaria marcada pela fase “identidade vs. confusão de identidade” onde a crise enfrentada seria a própria identidade. Cabe salientar que o conceito de crise para o autor não ganha necessariamente um caráter negativo, sendo considerado “um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial”. (ERIKSON, 1987, p. 96). No mesmo sentido, entendendo que trata-se de um momento de crise de identidade necessária, transitória e não patológica a que todos devem enfrentar, Aberastury e Knobel (1986, p. 10) criam o conceito de “síndrome da adolescência normal”, para descrever esse período. Os autores também identificam que ao ingressar na adolescência, o indivíduo precisa enfrentar três processos de luto: pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pelos pais da infância.

O luto pelo corpo infantil está relacionado com as alterações corporais impostas pela puberdade, quando o indivíduo percebe que está perdendo sua imagem de criança, enquanto que sua maturidade emocional não acompanha a velocidade desse desenvolvimento. Com isso, ocorre uma dificuldade em conciliar a imagem refletida com os sentimentos vivenciados internamente. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986). A dificuldade em conciliar os sentimentos ocorre porque

nessa nova tessitura/tecitura, haverá disjunções, estranhamentos, indisposições, despersonalizações; o adolescente precisará assumir um corpo que ainda não lhe pertence e que lhe produz estranhamento [...] está implicado o não caber em corpo e o desafio de passagem em uma morada conhecida para um espaço estranho. (MÜGGE; SANTOS; MENEGOTTO, p.15, 2021).

Ainda, as mudanças físicas da puberdade forçam os adolescentes a se reapropriarem de sua imagem corporal, pois nesta fase, ao contrário do que acontece na infância, o olhar que assegura a percepção de sua autoimagem já não vem dos pais, mas de seus semelhantes. (RASSIAL, 1999).

O luto pela identidade infantil refere-se às dificuldades enfrentadas pelo adolescente em posicionar-se frente aos pais, pois ainda que haja o desejo de tornar-se independente, também há o medo e a insegurança que acompanham o sentimento de liberdade. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

Quanto ao luto pelos pais da infância, não se trata da morte real destes, mas de uma morte simbólica da fantasia e do imaginário que as crianças desenvolvem sobre seus pais. Na adolescência, o sujeito passa a perceber seus pais dentro de suas imperfeições deixando de tê-los como seus heróis e únicos modelos a serem seguidos. Esse movimento é fundamental para que o indivíduo possa desenvolver sua identidade através das identificações com a cultura mais ampla e não mais limitada aos intramuros familiares. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

Enquanto que na infância a moratória e os modelos de identificação eram impostos no meio familiar, na adolescência passam a ser constituídos também na sociedade. Em função das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da identidade, os jovens tendem a viver em grupos de iguais, criando estereótipos de si próprios e passando a ter um olhar mais crítico frente à sociedade. Conforme explica Erikson (1987, p. 130), “é o potencial ideológico de uma sociedade que fala mais claramente ao adolescente que está ansioso por ser afirmado pelos seus pares, confirmado pelos professores e inspirado por ‘modos de vida’ que valham a pena ser vividos”.

Abrir mão do mundo infantil e ingressar no mundo dos adultos pode ser um movimento assustador para o indivíduo que ainda não está preparado para cumprir com as exigências que a sociedade passará a demandar. O adolescente, sentindo medo e angústia de se tornar um adulto, rivaliza com esse em uma tentativa de se diferenciar desse mundo aterrorizante, voltando-se para seu mundo interno e para seus pares. Conforme Aberastury (1980, p. 151), a busca pelo processo de diferenciação dos pais faz com que ele procure uma “conexão com o amigo feito a sua imagem e semelhança”. Os modelos representacionais presentes nas manifestações culturais também desempenham um papel de figuras de identificação

nessa fase do desenvolvimento. Segundo Corso D. e Corso M. (2022, p. 12), parece haver alguns denominadores comuns nos dilemas vivenciados pelos adolescentes, tais como

saber que tipo de pessoas são seus pais (ou substitutos), o que herdou deles e como se apropriar disso. O impasse é o de como se tornar uma versão original a partir daquilo que nos foi legado; como sair do jogo e influência da família e inserir-se positivamente em sua geração; como iniciar a vida sexual e amorosa e como vencer em um mundo tão difícil de decifrar.

O processo de diferenciação é fundamental na adolescência, pois é uma fase em que o indivíduo necessita de figuras de referência positivas para o seu desenvolvimento, tanto que na falta dessas, ele segue figuras nocivas, em virtude de sentir que é melhor ser indesejável a ser ninguém. (ABERASTURY; KNOBEL, 1986).

Segundo Kancyper (2013), diferenciar-se dos pais permite a realização de um processo de ressignificação das vivências e traumas infantis, fundamental para o amadurecimento emocional, cognitivo e para a aquisição de novas ferramentas que possibilitem uma construção e historização identitária. Segundo teoriza esse autor, o período é conturbado para o adolescente que oscila entre a desorganização da identidade infantil e a reorganização em uma identidade adulta. Ainda, o processo de se desidentificar com a cultura familiar e a identificação com expressões culturais fora dela, pode ser sentida como uma forma de traição à família, gerando sentimento de culpa e dificultando, ou até mesmo impedindo, a elaboração dessa etapa. No mesmo sentido, Rassial (1999) explica que esse é um período de reorganização dos ideais, quando o adulto não mais constitui uma representação simbólica de um modo de existência, deixando de ser um ideal de Eu válido para o indivíduo. Assim, o período da adolescência pode ser pensado como “a possibilidade de ser um novo indivíduo, um sujeito reelaborado por si mesmo que se pensa e se faz, se desfaz e refaz, se constrói, mesmo diante de tantas sujeições sociais que nosso tempo lhes impõe.” (LOPES; BEZERRA, 2021). No mesmo sentido, Backes (2021, p. 49) acrescenta que ocorre um processo de validação frente ao Outro social que “exige uma releitura da tecitura imaginária e das bordas simbólicas que o sustentaram até então.”

Embora tenda a incorporar de forma inconsciente o discurso culturalmente sobre quem ele deve ser, o sujeito adolescente, mesmo que sem intencionalidade, ocupa a função de delator das dinâmicas sociais, pois “denuncia, desvela aos nossos olhos, algo que pertence a nosso tempo e a nossa cultura”. (JUCA;

VORCARO, 2018, p. 249). Acrescenta-se ainda a importância dos jovens no processo de transformação cultural de uma sociedade porque, mesmo que a cultura tenha uma natureza transgeracional e cada geração receba heranças culturais de seus antepassados, elas também agregam algo de seu tempo à cultura atual. (ALBERTI, 2010). Conforme explica Backes (2021, p. 39),

o desafio é o de que possam surgir, na adolescência, movimentos criativos – individuais ou compartilhados – que sejam inovadores na tentativa de “esburacar” a lógica do tempo real. Seria o “novo” que cada geração poderia aportar como modo de resistir aos processos de subjetivação hegemônicos da contemporaneidade.

A sociedade capitalista influencia a forma de vivência da adolescência na atualidade. Conforme Sagesse (2021, p. 4),

antes de ser um período etário ou de uma crise do curso da vida, a juventude é hoje o campo privilegiado de experimento e sofrimento por encontrar-se num mundo onde as marcas que poderiam orientar o percurso do sujeito foram apagadas. O que isso quer dizer? Com a modernidade das sociedades ocidentais, foram perdidos as demarcações e os ritos que indicavam um lugar no mundo para o indivíduo.

Sob o mesmo ponto de vista, Jucá e Vorcaro (2018, p. 250) afirmam que na contemporaneidade o adolescente “lança a si mesmo em uma aposta no gozo irrestrito, sem balizas, fora de uma lei que impõe um limite entre o possível e aquilo que não se pode ter ou fazer, pelo menos de imediato”.

Dolto (2015) entende que os ritos de passagem foram substituídos pelos objetos de consumo e pelos espaços frequentados pelos jovens. O comportamento de risco, como o consumo de drogas e a exploração irresponsável da sexualidade, funciona como prova ou desafio que diferencia quem ainda é considerado criança e quem já ultrapassou o limiar para a vida adulta. Esse movimento de fuga para o imaginário da droga, do sexo e até mesmo da morte, com a automutilação e as ideações suicidas, podem ser explicados porque os jovens, na atualidade, não encontram referências claras na sociedade sobre o que os espera logo à frente em suas vidas. Ainda de acordo com Dolto (2015, p.18), “entregues a si mesmos, os jovens de hoje não são levados em conjunto e solidariamente de uma margem para a outra; eles mesmo devem se dar esse direito de passagem. E isso requer dele uma conduta de risco”.

Em uma revisão sistemática de estudos empíricos nacionais e internacionais sobre o comportamento de risco na adolescência, Zappe, Alves e Dell Aglio (2018)

identificaram uma amplitude de comportamentos de riscos estudados por pesquisadores, dos quais se destaca o uso de álcool, tabaco e outras drogas, comportamento sexual de risco e conduta antissocial. As autoras definem comportamento de risco como aqueles comportamentos capazes de trazer danos para a saúde do indivíduo tanto física quando emocional no presente ou com consequências futuras. Ainda explicam que

adolescentes adotam comportamentos de risco principalmente em razão da busca de desafios e novas experiências, os quais podem favorecer o desenvolvimento psicossocial conforme a experimentação de risco facilita as relações entre os pares e contribui para o desenvolvimento da autonomia. Por outro lado, a adoção contínua desses comportamentos pode provocar consequências em curto, médio e longo prazos e comprometem a saúde e o bem-estar. (ZAPPE; ALVES; DELL AGLIO, 2018, p. 80).

Ao realizar o levantamento dos dados epidemiológicos em relação ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas, Zappe, Alves e Dell Aglio (2018) perceberam que a incidência e prevalência do consumo crescem ao passo que aumenta a idade da população pesquisada bem como variam de acordo com o nível socioeconômico. O consumo de álcool entre escolares variou de 26,9% a 64,7%, enquanto que em universitários com idades entre 18 e 19 anos, a prevalência foi de 73,5%. No mesmo sentido, enquanto que entre escolares a experimentação de drogas ilícitas variou em uma prevalência de 6,9% a 12,2%, em crianças em situação de rua, esse índice sobe para 81%. A relação de maior exposição a risco em relação a aspectos socioeconômicos também foi evidenciada em pesquisas relacionadas ao comportamento sexual de adolescentes. Entre os comportamentos de risco encontram-se a falta do uso de preservativos e de métodos anticoncepcionais, iniciação sexual em idade precoce, ter múltiplos parceiros e fazer sexo em troca de benefícios. As pesquisas sobre conduta antissocial analisadas foram realizadas com jovens em medida socioeducativa, tendo como prevalência o comportamento violento, porte de arma e envolvimento em brigas com agressão física. (ZAPPE; ALVES; DELL AGLIO, 2018)

Aspectos biológicos como os fatores hormonais, funcionamento cerebral e traços de personalidade e sintomas psicopatológicos podem influenciar o comportamento de risco. Zappe, Alves e Dell Aglio (2018) expõem que, de acordo com as pesquisas, sintomas como os depressivos e de hipomania apresentam forte relação com a prática de comportamento de risco na adolescência. Tal informação é relevante, dado os índices de transtornos mentais em jovens vêm aumentando com

o passar dos anos. No Brasil, 30% dos adolescentes apresentam sintomas de transtornos mentais, com maior prevalência para depressão e ansiedade (LOURENÇO; MATSUKURA; CID, 2020). Ainda, Filho e Minayo (2021) demonstram em levantamento de dados clínico-epidemiológicos sobre adolescentes no Brasil, que há um aumento da incidência de suicídio e de ideação suicida na população entre 10 e 19 anos. Destaca-se que o suicídio é apontado como uma das principais causas de morte de jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos de idade.

Na sociedade, de maneira geral, o suicídio integra um rol de temas tabu, de difícil abordagem e, por consequência, de difícil compreensão. Conforme explicam Filho e Minayo (2021) os fatores culturais, legais e religiosos que permeiam as sociedades ocidentais, principalmente as de formação cristã, influenciam no repúdio com o qual a morte autoinflingida é entendida. Ao se tratar da infância e adolescência, o repúdio e desconforto ficam ainda mais evidentes, dificultando a compreensão do fenômeno e a realização de intervenções preventivas, tanto nas áreas de saúde quanto educacionais. O repúdio, no entanto, não impede a ocorrência de tais comportamentos, conforme explicam as autoras ao exporem que

cada vez mais, porém, estudos sociológicos, psicológicos e psiquiátricos mostram sua ocorrência como um fato plausível desde a infância, associado a sofrimento emocional, agravos de saúde e questões macro e microsociais. No entanto, a tendência das famílias, das instituições e das comunidades é a sua interdição, revelando uma extrema dificuldade e preconceito em lidar com esse fenômeno, ou sua categorização como um problema de exclusiva causalidade biomédica. (FILHO; MINAYO, 2021, p. 2694)

No mesmo sentido, Sagette (2021, p. 14) afirma que a predominância da relação entre transtorno mental e suicídio, dissocia a relação do sofrimento psíquico dos jovens com as questões da sociedade e da época em que estão inseridos porque “se há uma juventude à flor da pele, somos levados a crer que há uma sociedade à flor da pele” e salienta ainda que “os cortes na pele que os adolescentes executam são manifestações de uma angústia que, não encontrando voz para expressá-la, convida a dor a ocupar seu lugar.” (SAGETTE, 2021, p. 16).

Iniciamos o capítulo falando sobre a crise normal da adolescência e, após explorar as dificuldades e dilemas enfrentados pelos jovens nessa fase do desenvolvimento, apresentamos os riscos enfrentados pelos adolescentes quando as dificuldades de enfrentar tal crise são exacerbadas, culminando em um alto número de jovens com incidência de transtornos psíquicos. Esses dados corroboram

a importância da produção de estudos científicos que visem compreender esse sujeito adolescente para que possam subsidiar conhecimento para o desenvolvimento de ações que visem mitigar o sofrimento e a exposição aos comportamentos de risco.

2.2 CULTURA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

A cultura é um tema que gera interesse desde a antiguidade, mas seus estudos sistemáticos iniciaram somente no século XIX, uma vez que a expansão da dominação europeia no mundo expõe a diversidade cultural presente nos diferentes povos (SANTOS, 2006; LARAIA, 2009). Inicialmente pensada como algo da ordem do naturalismo, com o tempo vai ganhando indícios da importância das relações sociais no desenvolvimento cultural. Em consonância, Geertz (2008) explica que a concepção científica de cultura ganha força com o enfraquecimento da visão da natureza humana pungente no iluminismo, mas ao mesmo tempo torna-se mais complexa e menos clara que a teoria vigente na época. Em consequência, desde então, o pensamento científico sobre cultura é permeado pela tentativa de compreensão do homem, em relação ao meio em que vive. Ainda segundo o autor, a antropologia incorpora a questão da variabilidade cultural em seu objetivo de conceituar o homem, entendendo que “a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediante, é também alimentar a idéia de que a humanidade é tão variada em sua essência e expressão”. (GEERTZ, 2008, p. 27).

O conceito moderno de cultura se desenvolve a partir dos estudos culturais da escola britânica, que passa a entendê-la como um processo e não mais como algo estanque e imutável. De acordo com Santos (2006, p.50),

cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.

Essa herança cultural e modos pelos quais os conhecimentos são expressos ocorrem através de um processo de simbolização. Como descreve Geertz (2008), ao nascer, o indivíduo é inserido em um sistema de símbolos significantes, que

associados entre si, ordenam, comunicam e dão sentido ao mundo. É a organização desse sistema de símbolos que concede ao homem a possibilidade de conviver socialmente e compartilhar de uma cultura, em razão de que

não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentidos e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade. (GEERTZ, 2008, p. 33).

Nessa perspectiva, a cultura se forma a partir de um conjunto de construções simbólicas compartilhados entre os indivíduos que dela fazem parte. Trata-se de uma dimensão semântica, como um texto, que pode ser interpretado através de um sistema próprio. Tal sistema faz sentido quando inserido em um contexto e levando em consideração as peculiaridades de cada grupo, posto que “compreender a cultura de um povo expõe as suas normalidades sem reduzir suas peculiaridades”. (GEERTZ, 2008, p.25) No mesmo sentido, Laraia (2009) defende que tentar impor a lógica de um sistema cultural para o outro é uma forma de etnocentrismo, ou seja, o ato de considerar a visão de mundo e o modo de vida individual como superior ao de culturas que possuem um sistema diferente. Isso porque, ainda segundo o autor, a lógica e coerência de um hábito só faz sentido se inserido no próprio sistema cultural.

A organização dos sistemas de símbolos significantes que determinam os padrões culturais, explorado por Geertz (2008, p.58) é o que garante a convivência ordenada do homem na sociedade, dado que “a cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela - a principal base de sua especificidade.” Sendo assim, de acordo com o autor, ainda que a humanidade seja composta por indivíduos, esses vivem sob a direção dos padrões culturais criados historicamente que ordenam e direcionam suas vidas. Segundo Laraia (2009, p. 20), é nas relações e na interação com o meio que o indivíduo é capaz de aprender o comportamento esperado dentro de um sistema cultural, em um processo que ele denominou de “endoculturação”.

A internalização desse sistema de símbolos significantes se dá através das representações. De acordo com Freud (1915/1996), existe um processo de representação-coisa, quando um objeto passa a ser representado no inconsciente do sujeito. Para que esse objeto ganhe um sentido simbólico no consciente, é

necessário que passe pela representação-palavra, ou seja, que ganhe uma representação linguística. Assim sendo, Chartier (2002, p. 165) define que a representação tem um duplo sentido, ou dupla função, que seria a de “tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha”, ou seja, a representação é a atribuição de uma imagem capaz de representar um objeto ausente. Portanto, ainda de acordo com o autor; “representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e pelo gesto’, ‘por algumas figuras, por algumas marcas’ — como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias”. (CHARTIER, 2002, p, 165)

Ampliando o conceito da representação do individual para o social, Hall (1997) afirma que há uma relação entre representação, cultura e linguagem. Ele argumenta que a cultura é um conjunto de significados partilhados através da linguagem, como um sistema de representação. É esse compartilhamento de um sistema de representação que permite ao sujeito posicionar-se e pertencer a um mundo que ganha contornos a partir dos discursos e práticas de significação. (WOODWARD, 2012).

Hall (1997) defende que há três abordagens que visam explicar como a representação opera, a saber: reflexiva ou mimética, intencional e construcionista. A primeira, diz respeito à nomeação de objetos, pessoas ou idéias que existem no mundo real. É como se a linguagem funcionasse como um espelho refletindo a imagem do real. O autor salienta que, ainda que se refira ao real, a representação somente fará sentido quando se está sendo compartilhado um mesmo sistema de códigos linguísticos.

A abordagem intencional, em sentido oposto, afirma que é o indivíduo que impõe um sentido ao mundo através da linguagem. Dessa forma, conforme argumenta o autor, uma vez que a linguagem é comunicação, um indivíduo dificilmente poderia compartilhar sua compreensão de mundo se não estivesse compartilhando de uma convenção linguística comum ao grupo. Já a abordagem construcionista corresponde ao caráter público e social da linguagem, compreendendo que os significados não são fixos.

As representações e simbolizações permeiam todas as relações sociais. De acordo com Bourdieu (1989), a construção coletiva da realidade e de sentido de mundo se dá através de um poder simbólico que permite a manutenção de uma

ordem social. O autor defende que esse poder simbólico atua na manutenção das classes sociais, pois “é uma forma transformadora, quer dizer, irreconhecível transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Pensar as dinâmicas sociais por essa perspectiva permite a compreensão de que a cultura não é neutra e de que cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 2006, p. 45).

É nesse espaço das relações sociais, permeado pelos simbolismos e pelo poder simbólico que as identidades são concebidas. Pensar no conceito de identidade requer levar em consideração a complexidade inerente à sua definição. Teorizar sobre identidade é reconhecer sua importância política, além de compreender as instâncias psíquicas e discursivas de sua constituição. (HALL, 2000).

A globalização alterou a forma de relacionamento dos sujeitos impactando na percepção de tempo e espaço, na medida em que diminuiu as distâncias e acelerou processos, influenciando também o conceito de identidade (HALL, 2006). Para além, o estreitamento do espaço global permite o maior trânsito de pessoas ao redor do globo, contribuindo para um aumento de encontros de diferentes raças, etnias e culturas. A constituição da identidade se localiza na diferença, visto que uma identidade depende de outra para existir. A dependência do ‘outro’ para a construção do ‘eu’, faz com que a identidade adquira uma característica simbólica e social. De acordo com Woodward (2012, p. 68),

a discussão da extensão na qual as identidades são contestadas no mundo contemporâneo nos levou a uma análise da importância da diferença e das oposições na construção de posições de identidade. A diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos.

A identidade, no entanto, é fluida no sentido que se constitui e vai se modificando ao passo que novas identificações são encontradas no decorrer do tempo. Desse modo,

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 9).

O contato com essa multiplicidade de representações culturais pode afetar o processo de construção da identidade, especialmente para os adolescentes, que vivem em uma fase onde o exercício da alteridade e a diferenciação das identidades familiares, reconhecidas até então, é fundamental. Segundo Klusmann (2021, p.92), a adolescência é “uma idade na qual todos procuram apoio em seus semelhantes através de identidades recíprocas, recurso utilizado para a criação de modos de vida e aceitação”, em virtude de que o sentimento de compartilhar de uma identidade comum os conforta.

Na atualidade, as redes sociais também ocupam um papel importante para as questões identitárias. De acordo com Damini (2021), o entrelaçamento entre o mundo real e o mundo virtual interfere na construção da identidade do adolescente, em virtude de que é nesse espaço que ele passa a buscar pela aprovação do olhar do outro, já que a repercussão do que foi postado nas redes sociais valida sua identidade. Ainda segundo o autor, a relação do uso das redes sociais com a construção da identidade dos adolescentes demonstra um duplo caminho. Por um lado, há um sentimento de alívio ao sentirem que são apenas mais um em um grupo que compartilha dos mesmos sentimentos e conflitos. No entanto, a falta de diferenciação do outro dificulta o desenvolvimento da identidade por sentirem-se perdidos no meio de tantas informações e demandas advindas do mundo virtual e da sociedade de forma geral. No mesmo sentido, Le Breton (2016, p. 90) refere que a adolescência

é primeiro o confronto com um sentimento de identidade jamais dado de modo definitivo, com uma parte inconsciente, suscetível de infinitas modulações segundo as circunstâncias e o olhar dos outros, mas organizado em torno de uma unidade e de uma continuidade.

Percebe-se, com isso, que as mudanças na sociedade impactam o modo de vivência da adolescência, uma vez que a constituição da identidade se dá através do processo de subjetividade de um sujeito inserido em um contexto sócio-histórico. Pensando nisso, percebemos a possibilidade de um diálogo possível entre a noção da adolescência como um período de Crise de Identidade (Erikson 1987; Knobel, 1989) e a noção de Identidade na pós-modernidade (Hall, 2006, Woodward,2012).

2.2.1 Da crise de identidade à identidade em crise

Erikson (1987) teoriza que o desenvolvimento do indivíduo ocorre através da evolução conjunta de três componentes essenciais: o desenvolvimento fisiológico, a questão geracional e a estrutura social. Esse processo inicia desde o nascimento quando “o bebê abandona a permuta química do ventre materno pelo sistema de permutas sociais da sua sociedade, onde as suas capacidades em gradual aumento encontram as oportunidades e limitações da sua cultura” (ERIKSON, 1987, p. 92). Essas permutas seguem durante o ciclo vital quando o indivíduo sente-se impelido a buscar por círculos sociais e instituições significantes, fundamentais para o desenvolvimento de sua identidade. Nesse sentido, a constituição da identidade é um processo constante que depende das relações sociais do indivíduo, em função da importância do “outro” no desenvolvimento da noção do sentido de si. Hall (2006, p. 28), em consonância, diz que

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros.

No entanto, apesar de ser um processo que acompanha toda a vida do indivíduo, Erikson (1987) ressalta que a adolescência é o período quando o indivíduo possui desenvolvidas as habilidades necessárias para o início de uma constituição da identidade, uma vez que atingiram marcos do desenvolvimento fisiológico, do amadurecimento mental e de responsabilidade social. A criança vive e se identifica, em maior escala, com as representações do meio familiar, enquanto que na adolescência há a ampliação de sua inserção na sociedade e cultura. Knobel (1986), explica que durante esse processo, o adolescente adota diferentes identidades: transitórias, ocasionais e circunstanciais. As identidades transitórias são aquelas que duram somente um curto período de tempo e as ocasionais, se desenvolvem frente novas vivências para o indivíduo. Já as circunstanciais são aquelas conduzidas por identificações parciais transitórias que acarretam em mudanças de conduta em um mesmo adolescente dependendo do espaço em que está inserido. Esse exercício está relacionado com o processo de separação das

figuras parentais que permitirá posteriormente o desenvolvimento de uma identidade independente.

É nesse processo de reconhecer-se como um indivíduo transitando entre o meio familiar e a sociedade de forma ampliada, que se instaura a crise de identidade adolescente, uma vez que o contato com novas figuras identificatórias e os novos conhecimentos que passam a adquirir, desencadeiam questionamentos sobre o “sentimento de si” no mundo. (ERIKSON, 1987).

Hall (2006, p. 6) ao inferir que a identidade somente é questionada quando em crise, explica que

essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Sobre esse deslocamento ou descentração do sujeito, Hall (2006) argumenta que é uma consequência das mudanças estruturais que ocorrem na sociedade com a modernidade. Com ela, ocorre uma fragmentação das concepções acerca de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, ancoravam o sujeito em um espaço-tempo, uma vez que se apoiava nas tradições e em estruturas sociais fixas.

A globalização alterou as percepções espaços-temporais uma vez que há a sensação de encolhimento do mundo em função das facilidades no trânsito de informações proporcionadas pela tecnologia. De acordo com Hall (2006), a globalização gera impacto na noção de identidade exatamente porque as coordenadas de espaço e tempo estão na base de todo sistema de representação.

Essa dinâmica é especialmente importante durante a adolescência porque nessa fase há uma alteração no pensamento do indivíduo em relação ao tempo e espaço. Knobel (1986, p. 41) explica que

o adolescente vive uma certa deslocalização temporal; converte o tempo em presente e ativo, numa tentativa de manejá-lo. Enquanto à sua expressão de conduta o adolescente pareceria viver um processo primário com respeito ao temporal. As urgências são enormes e, às vezes, as postergações são aparentemente irracionais.

Isso ocorre porque o tempo presente do adolescente é inundado pela resignificação de seu passado, ao mesmo tempo em que pensar no futuro é assustador.

Em relação ao espaço, ainda que possa ter acesso ao mundo através de seus dispositivos móveis, isso geralmente ocorre no isolamento de seus quartos. Tal isolamento pode gerar um sentimento de solidão, comum e necessário para a aquisição da capacidade de estar só, considerada um marco no amadurecimento emocional. (KNOBEL, 1989). Podemos entender o quarto como um espaço físico, onde o adolescente pode se isolar fisicamente, mas também como uma função simbólica acerca do espaço social (BOURDIEU, 2013) ocupado por esse indivíduo na sociedade.

Pensar na adolescência como um tempo em que se vive uma crise de identidade e na pós-modernidade como um momento em que a identidade está em crise, nos leva à seguinte questão: metaforicamente, estaria a humanidade vivendo a sua adolescência? Woodward (2012, p.35), ao falar do mundo contemporâneo, afirma que “este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento.” Não seria esse também o trabalho psíquico na adolescência? O adolescente precisa abrir mão de suas “velhas certezas” em relação ao mundo que antes era vivido através de um olhar infantil. Deixar de ser criança exige uma “nova forma de posicionamento” frente ao mundo que já não se restringe mais aos intramuros familiares, favorecendo à constituição identitária desse indivíduo.

2.2.2 Representação da adolescência nas produções culturais

A representação do sujeito adolescente nas manifestações culturais relaciona-se diretamente com o desenvolvimento de seu conceito através dos tempos. A percepção das mudanças sociais que culminaram com o surgimento desse grupo etário está presente na literatura desde a segunda metade do século XVIII. Le Breton (2016) descreve a obra *Emílio ou da educação* de Rousseau (1762) como uma representação do sentimento de adolescência por evidenciar questões referentes a esse período de transição entre a infância e a idade adulta. Lopes e Bezerra (2021), em revisão bibliográfica sobre os estudos da obra de Rousseau, descrevem que *Emílio ou da educação* influenciou a concepção contemporânea de adolescência. Segundo os autores, Rousseau define a puberdade como um período de mudanças onde há o despertar para a vida e para o sexo, uma maior liberdade

na busca por si mesmo, pelos outros e pelo mundo. Essa visão dialoga com a compreensão contemporânea de que “os adolescentes não foram expulsos das terras da infância, eles a abandonaram, obedecendo ao chamado para partir que vai se fazendo ouvir da puberdade em diante.” (CORSO D.; CORSO M., 2022, p. 23)

Le Breton (2016) também apresenta *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe (1777), destacando o sentimento de diferença nas relações entre os jovens e os mais velhos. No entanto, evidencia ser um privilégio de classe, ao focar-se nos jovens de condições mais abastadas da sociedade da época. Ainda sobre Goethe, Dolto (2015, p. 39) argumenta que “é a primeira vez que um escritor faz uma ampla exposição da observação dos sinais dessa transformação interior do ser humano depois da puberdade.”

A partir do século XIX, com as mudanças sociais e com a preocupação social com uma juventude que é compreendida como um “universo em crise”, as narrativas ficcionais passam a ser povoada por personagens jovens, especialmente nas produções culturais francesas. Conforme Le Breton (2016), pode-se destacar os personagens Rastignac de Balzac (*Le père Goriot*, 1834-1835), Félix de Vandenesse (*Le lys dans la vallée*, 1837-1843), Lucien de Rubempré (*Illusions perdues* 1837-1843), Julien Sorel de Stendhal (*Le rouge et Le noir*, 1830), Frédéric Moreau de Flaubert (*l'éducation sentimentale*, 1869).

A presença de personagens adolescentes passa a ser popularizada a partir da Segunda Guerra Mundial, especialmente nos EUA, com obras que descrevem a incerteza dessa geração em um período de conflito. Nessa época, J.D. Salinger (1951) publica o livro *O apanhador no campo de centeio*, em que seu personagem principal Holden Caulfield, um jovem de 16 anos, “apresenta a adolescência como um tempo de pureza ou de inocência com relação à sociedade em que ele vai entrar ou na qual ele já está.” (DOLTO, 2015, p. 43). O conflito entre a inocência e a realidade social que se impõe ao jovem é marcada pela crise que ele vivencia na travessia da adolescência, narrada em um período de três dias da vida do personagem. Segundo Silva (2021, p.53), na história “somos testemunha do seu desencontro com o sexo, com o corpo saído da puberdade (e o desconforto inerente a esse corpo novo e estranho), com o processo de escolha profissional e com seus semelhantes”.

A década de 1950 também foi marcada pelo lançamento de uma série de filmes sobre a juventude e, ainda que não fossem direcionados apenas para os

adolescentes, teve uma grande aceitação desse público. (LE BRETON, 2016) Destaca-se o filme *Juventude Transviada (Rebel without a cause)*, lançado no ano de 1955. O filme apresenta o atrito de gerações e a insatisfação dos jovens da época, captando o espírito que definia a juventude dos anos 1950: “uma rebeldia sem discurso articulado que era, acima de tudo, representante de um estilo por ser marcadamente estética.” (CORSO, D.; CORSO, M., 2022, p.25). A cena do duelo de carros ante o penhasco representa um ritual de passagem, uma prova de que Jim, personagem principal, estava a altura do grupo ao qual queria integrar como um recém-chegado na cidade. Ainda, há a representação das diferenças geracionais com a dificuldade de compreensão e acolhimento que Jim encontrava na sua família.(CORSO, D.; CORSO, M., 2022).

A partir da década de 1980 ocorre um aumento na produção de filmes direcionados ao público adolescente e que retratam, ainda que muitas vezes de forma caricata, a vida desses jovens. Raya, Sánchez-Labela e Durán (2018) explicam que foi somente durante os anos 1990, devido ao surgimento da TV a cabo e o aumento exponencial do mercado televisivo americano, que o público adolescente passa a ser considerado um nicho de audiência. No entanto, a consolidação de uma chamada *Teen TV*, ocorre no século XXI em função das novas tecnologias somadas a fatores sociais e econômicos. Na década de 1990, optava-se por uma representação branda dos conflitos adolescentes, onde esse era apresentado como frívolo e rebelde e onde o *bullying* era uma prática social aceita sem questionamentos. Com grande alcance midiático, a série da emissora Fox, *Beverly Hills: 90210* perdurou por uma década apresentando um grupo de jovens ricos, atraentes e populares cuja trama estava focada nos relacionamentos interpessoais. (RAYA, SÁNCHEZ-LABELLA E DURÁN, 2018).

No Brasil, destaca-se a série televisiva *Confissões de Adolescente*, que foi televisionada entre os anos de 1994 e 1996. Com uma narrativa girando em torno de quatro irmãs adolescentes, de uma família de classe média, que vivem com o pai viúvo na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, ao contrário de uma representação superficial dos conflitos adolescentes, a série abordou temas considerados tabus para a época como sexualidade, métodos contraceptivos, aborto, menstruação e o uso de drogas.

Ainda no cenário brasileiro, na década de 1990 surge a telenovela *Malhação*, que contou com um total de 27 temporadas entre os anos de 1995 e 2020 e cuja

temática orbitava o universo juvenil. De acordo com Raiol e Da Rocha (2018), durante anos a telenovela teve seu enredo focado em um par romântico, perdendo audiência em função da repetição no formato. No entanto, na temporada 25 - *Malhação: Viva a diferença* (2018), a alteração do protagonismo para as relações de amizade em um grupo de cinco jovens, apresenta um formato inovador, captando a atenção do público. Cada personagem possui uma importância para a compreensão e o debate do que é ser uma mulher adolescente na sociedade: “Lica – com seu ímpeto questionador, Ellen e os desafios do racismo, Benê e a dificuldade de autoaceitação, Tina e a vontade de seguir seu próprio caminho e Keyla em busca por certezas e amadurecimento.” (RAIOL; DA ROCHA, 2018, p. 295)

Segundo Feitoza (2013), com o avanço tecnológico, o aumento exponencial do público jovem e a percepção da necessidade de inovar o conteúdo, as produtoras percebem o sucesso que a série *Buffy: a caça vampiros* teve entre o público jovem e um novo gênero televisivo passa a ser desenvolvido: o *supernatural teen*. A série criada por Joss Whedon no ano de 1997, contou com sete temporadas e narra a história de Buffy Summers, uma adolescente de 15 anos que descobre que é a mais jovem de uma linhagem de mulheres caçadoras. No decorrer da história, é possível acompanhar o amadurecimento da protagonista, que além de enfrentar os vampiros de sua cidade, precisa lidar com as conflituosas da adolescência. Questões sobre o relacionamento com o grupo de iguais, o primeiro amor e a primeira relação sexual estão presentes na série.

O aumento da captação do público adolescente levou à uma mudança no cenário. As produções passaram a diminuir a representação estereotipada desse público, abrangendo mais conflituosas enfrentadas nessa fase do desenvolvimento e a representatividade de questões como raça, gênero e sexualidade. Exemplos dessa mudança podem ser encontrados em séries como *Veronica Mars* (2004) que apresenta uma protagonista que foi vítima de abuso sexual e que possui dificuldades de interação com seu grupo de iguais, abordando problemáticas mais maduras se comparadas com séries anteriores. Destaca-se também, a série *Glee* (2009) por contar com um grupo de personagens heterogêneos, com debates importantes ao abordar temas relacionados à diversidade racial, LGBTQIA+ e o capacitismo. (FEITOZA, 2013).

Na atualidade, os canais de *streaming* e *on demand* se popularizaram e alteraram a forma de consumo de filmes e séries, uma vez que, por permitirem o

acesso através dos dispositivos móveis, podem ser assistidas a qualquer momento. Donstrup (2022) realizou um estudo sobre representação do comportamento de risco em séries adolescentes da atualidade, elencando as sete séries mais assistidas do ano de 2020: *Elite* (Espanha, Netflix), *O mundo sombrio de Sabrina* (EUA, Netflix), *Sex Education* (Reino Unido, Netflix), *13 Reasons Why* (EUA, Netflix), *I am not ok with this* (EUA, Netflix), *Riverdale* (EUA, Netflix), *Euphoria* (EUA, HBO). Interessante ressaltar que, apesar de estar constando na relação das séries *teen* das plataformas, as séries *Elite*, *13 Reasons Why* e *Euphoria* tem classificação etária para maiores de 18 anos, por apresentarem violência, conteúdo sexual e uso de drogas. As séries analisadas se caracterizam por narrativas que se centram nas relações sociais dos adolescentes, seus conflitos em relação à autoridade e a vivência de suas angústias frente às incertezas da vida. Os personagens desfrutam de uma vida sexualmente ativa, sem presença de tabus em relação ao comportamento sexual. No entanto, questões como o comportamento de risco pela falta do uso de preservativo e cenas de abusos sexuais também são abordados. Ainda, há uma diferenciação de gêneros quando se trata da primeira relação sexual. Para os meninos é tratado como algo da esfera social, enquanto para as meninas da esfera moral. Da mesma forma que o comportamento sexual, o uso de álcool, tabaco e outras drogas também são apresentados de forma habitual entre os jovens, especialmente em momentos de comemorações e festas. Contudo, há uma conotação negativa para o uso abusivo de drogas. (DONSTRUP, 2022)

O livro *Adolescência em Cartaz*, de Corso D. e Corso M. (2022), apresenta uma estudo relacionando questões inerentes ao sujeito adolescente e a forma que são representadas no cinema, através do olhar psicanalítico, destacando que esse tipo de análise permite captar a pluralidade e a dinâmica do ser adolescente. Os autores abordam obras como *Na natureza selvagem* (2007), destacando questões como a busca de autonomia, a herança como um peso para o jovem e o individualismo; *Juno* (2007), com a gravidez na adolescência e a maternidade precoce; *Laranja Mecânica* (1971), que aborda questões como o comportamento antissocial e o dialeto adolescente.

Destaca-se a análise de *As vantagens de ser invisível*, filme inspirado no livro homônimo, cujo lançamento ocorreu no ano de 2012 e teve uma grande aceitação do público jovem. Sua história se ambienta na década de 90 e relata o período de um ano da vida de Charlie, um adolescente com intenso sofrimento psíquico, que se

isolava dos contatos sociais em função de uma inibição e do excesso de pensamentos obsessivos. A partir do encontro com um grupo de jovens, cujos integrantes também tinham questões emocionais a serem resolvidas, Charlie passa a se experimentar nas vivências sociais, culminando com um sentimento de autoaceitação. Segundo análise de Corso D. e Corso M. (2022, p. 60), a obra sintetiza em um ano um processo longo da adolescência servindo como um relato das vivências comuns a essa fase em uma versão compacta do processo de se tornar um adolescente:

o momento em que é preciso sair de casa e enfrentar o colégio, depois de uma intensa jornada preparatória, pensamentos obsessivos, angústias, paralisias e devaneios excessivos, até quando é chegada a hora em que todo esse inferno se acalma e é possível viver de fato aquilo que tanto se desejava e temia.

Ainda, de acordo com os autores, essa obra explicita a relevância das experiências culturais para o desenvolvimento do adolescente por enfatizar a importância de músicas, filmes e livros como representantes de episódios marcantes na vida de Charlie. Conforme explicam,

quanto mais rico o acervo de experiências culturais, mais instrumentos o jovem terá para compreender a si e aos outros. A cultura oferece metáforas que, por sua vez, funcionam como chaves que abrem a capacidade de pensar, discernir, portanto de amadurecer. (CORSO D., CORSO M., 2022, p. 70)

Com a apresentação desse apanhado histórico acerca da representação da adolescência nas manifestações culturais, podemos inferir que ela se modifica na medida em que o conceito de adolescência também vai se consolidando na sociedade. A partir do estabelecimento da juventude como mercado consumidor, os personagens adolescentes passam a povoar a literatura e as produções audiovisual. Com isso, na atualidade, inúmeras são as produções culturais que abordam o sujeito adolescente. Apresentamos aqui algumas obras e estudos sobre a temática, elegidos no sentido de exemplificar o desenvolvimento histórico da representação através do tempo.

Apresentamos até momento o aporte teórico que servirá de subsídios para o desenvolvimento da análise proposta nesse estudo. A partir disso, seguiremos com a metodologia que apresentará o percurso de construção da pesquisa, bem como a contextualização do objeto de estudos que a compõe.

3 METODOLOGIA

O delineamento do percurso metodológico é um dos pilares que garante a cientificidade de uma pesquisa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 48),

a pesquisa científica é uma atividade humana, cujo objetivo é conhecer e explicar os fenômenos, fornecendo respostas às questões significativas para a compreensão da natureza. Para essa tarefa, o pesquisador utiliza o conhecimento anteriormente acumulado e manipula cuidadosamente os diferentes métodos e técnicas para obter resultado pertinente às suas indagações.

Sendo assim, com a finalidade de responder aos objetivos previamente apresentados no capítulo introdutório, delimita-se esse como um estudo bibliográfico e documental cuja natureza é aplicada e exploratória. Em relação ao ponto de vista da abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa.

Uma vez que nos capítulos anteriores apresentamos o aporte teórico que embasa a pesquisa, seguiremos esse capítulo com a apresentação do objeto de estudos, bem como com o percurso utilizado na análise e interpretação dos dados.

3.1 OBJETO DE ESTUDOS: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As Histórias em Quadrinhos, juntamente com a tira de jornal, são o principal veículo da Arte Sequencial, também chamada de Nona Arte. O termo Arte Sequencial foi criado por Will Eisner, pioneiro e referência nos estudos sobre o tema, que a define como “um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia.” (EISNER, 1995, p. 5). Para McCloud (2006, p.9), a arte sequencial se define como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequencia deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”. Ainda, segundo o autor

os quadrinhos são um idioma. Seu vocabulário consiste de toda a gama de símbolos visuais, incluindo o poder dos cartuns e do realismo, tanto separadamente como em surpreendentes combinações. O coração dos quadrinhos está no espaço entre um quadro e outro, onde a imaginação do leitor dá vida a imagens inertes. (MCLOUD, 2006, p.1)

De acordo com Weschenfelder (2022, p. 17), a forma de expressão da arte seqüencial não é nova, mas acompanha o desenvolvimento da comunicação humana. Conforme expõe o autor,

essa arte inicia no período paleolítico, com pinturas em forma de sequencia, contando uma história; passa pelos hieróglifos egípcios, uma mistura de desenho e escrita, pelas grafias japonesas e chinesas, pelos vitrais e a via-sacra dos templos católicos até os painéis miniaturas de Bruegel, mostrando as estações do ano. Segurem as gravuras de Goya, onde contam os desastres da guerra; os folhetins ilustrados, romances e seriados e os crimes pavorosos relatos em pôster, até chegar às charges e tiras de jornais.

Embora a expressão de uma arte seqüencial seja milenar, McCloud (2006) compreende o marco da invenção da imprensa como ponto de início das Histórias em Quadrinhos. Embora não haja um consenso em relação à primeira HQ, segundo Marques (2011), a maioria dos estudiosos da área a definem como sendo a história *Yellow Kid*, criada por Richard F. Outcault, lançada no ano de 1885 no jornal *New York World* e apresentava uma sátira em relação aos imigrantes que viviam nos cortiços de Nova York.

Inicialmente publicadas na imprensa diária em forma de tiras ou historietas, as histórias tinham o objetivo de entretenimento e de alívio da tensão gerada com as notícias publicadas nos jornais. Contudo, com a fidelização dos leitores, que por vezes, adquiriam os jornais exclusivamente para a leitura das histórias, percebeu-se que essas possuíam um poder de mercantilização. Com isso, houve alterações em sua estrutura como questões relacionadas à temática e o prolongamento do conteúdo. (MARQUES, 2011). Desde então, as histórias em quadrinhos ganharam maior visibilidade e novas formas de veiculação como as revistas, livros, e mais atualmente, o formato digital. Também, outras categorias foram criadas e hoje se dividem de acordo com a temática e estrutura visual. Neste estudo, nos restringimos às HQs de superaventuras, classificação do objeto de estudos desta pesquisa.

3.1.1 A Superaventura e sua representação

O gênero de superaventura é caracterizado por narrativas ficcionais acerca de personagens de super-heróis e super-heroínas. Reblin (2011, p.56) teoriza que

os super-heróis são resultados da cultura em que vivemos, fazem parte do imaginário coletivo e são um produto cultural porque “trazem em suas narrativas tudo aquilo que nós conhecemos, acreditamos, pensamos, aspiramos, imaginamos e esperamos, ora de forma mais intensa, ora menos.” Viana (2011, p. 16) argumenta que os super-heróis são produtos históricos e sociais e, portanto, “a história da superaventura está intimamente relacionada com a historicidade da sociedade moderna.” Dessa forma, as HQs de superaventura possuem uma divisão histórica, utilizada por teóricos da área, que embasam estudos sobre a importância sócio-histórica dessas produções. Essa divisão se dá em Eras: Era de Ouro, Era de Prata, Era de Bronze e Era Moderna. A seguir, apresentaremos um quadro síntese, desenvolvido por Gonzatti (2022), a partir do estudo de diversas referências de teóricos da área.

Tabela 1 - Divisão histórica das Eras das Histórias em Quadrinhos.

Era	Característica
Era de Ouro (1938-1954)	Inicia com a criação do <i>Superman</i> , em 1938. Desde o seu surgimento, passam a surgir outros super-heróis (Flash, Lanterna Verde, Capitão América, Batman, Mulher-maravilha), com cada vez mais popularidade. A luta do bem contra o mal e um modelo de vida estadunidense predomina. Durante a Segunda Guerra Mundial, as vendas tiveram um aumento e os quadrinhos passaram a ter histórias patrióticas, de triunfo e vitória contra os nazistas e japoneses. Com o fim da guerra que abalou o mundo, o gênero de superaventura perdeu força, dando espaço para quadrinhos de suspense, romance, terror. Em 1954, o psiquiatra Fredric Wertham (1954) publica o livro “The Seduction of Innocent” (A Sedução dos Inocentes), alertando pais e mães sobre a má influência das histórias de super-heróis na formação de crianças e adolescentes. Ele apresentou pesquisas empíricas (manipuladas, como ficou se sabendo anos depois) entrevistando “criminosos” que confirmavam a sua tese: as HQs estimulavam os jovens a se tornarem delinquentes, violentos, machucarem a si e a serem homossexuais. No mesmo ano, foi criado o <i>Comics Code Authority</i> , um órgão de censura das histórias em quadrinhos. Esses acontecimentos contribuíram com o fim da Era de Ouro.
Era de Prata (1956 - 1973)	A Era de Prata é iniciada quando Julius Schwartz, editor da DC Comics, lança uma nova versão do Flash na revista <i>Showcase Presentes</i> n.4. Jay Garrick é substituído por Garry Allen. Com um novo traço e histórias mais otimistas, o interesse pelos super-heróis começa a retornar. A mesma repaginação feita com Flash é também realizada com outros personagens. As reuniões de super-heróis também ficam mais frequentes e as primeiras superequipes são formadas. Com a ação do <i>Comic Code Authority</i> , as histórias também ficaram marcadas por certo senso de inocência e encantamento. A primeira metade da década de 1960 foi marcada pela mudança da editora Timely Comics para Marvel Comics. Com novos roteiristas e ilustradores, entre eles Stan Lee, novos e importantes super-heróis surgiram: Quarteto Fantástico, Homem-Aranha, Hulk, X-Men. A origem dos superpoderes aparecem neles ligada à

	ciência, com efeito da radiação atômica e a convivência com dificuldades existenciais, de motivação econômica, psicológica, emocional e social passam a ter mais espaço nas narrativas. Também são reaproveitados alguns super-heróis do período de antes da Segunda Guerra Mundial, como Capitão América e Namor. A Marvel se estabelece nessa era.
Era de Bronze (1973 - 1985)	Há divergências sobre o início da Era de Bronze. Para alguns, a entrada nela foi mais gradual e decorrente do abrandamento da censura a partir de 1971 (VIANA, 2001b). Já Blumberg (2003) vê o ponto final dessa gradação em 1973, quando foi publicada a história <i>The Night Gwen Stacy Died</i> (“A Noite em que Gwen Stacy Morreu”), nos números <i>The Amazing Spider-Man</i> # 121-122. A morte da namorada de Peter Parker (o Homem-Aranha) por um erro dele (o pescoço dela quebra quando ele tenta segurá-la com um a teia após ter sido atirada no ar pelo Duende Verde) não foi só um trágico acontecimento para muitos fãs, mas uma representação da quebra com a inocência dos leitores e do tom leve que marcava as histórias do período. Outras histórias dos anos 1970 mostram Harry Osborn, de Homem-Aranha, envolvido com LSD. A Marvel também cria outros personagens negros como Luke Cage e Falcão. Tempestade dos X-Men é criada em 1975. Arqueiro Verde e Lanterna Verde, na DC, passam a ter uma série de histórias com temas mais sérios (classes exploradas, questões sociais, vício em drogas). Super-heróis mais violentos também surgem, como Wolverine e o Justiceiro. Os personagens passam a ser mais humanos, complexos, assim como os roteiros passam a ter mais qualidade e as artes a serem mais realistas. A publicação do primeiro volume de <i>Crisis on Infinite Earths</i> (Crise nas Infinitas Terras) - uma história na qual diferentes universos de super-heróis colidem, a partir da ideia de Multiverso, para que só reste uma realidade - , em 1985, marca o fim dessa Era.
Era Moderna (a partir de 1986)	Também é chamada de Era de Ferro ou Era Sombria (MORRISON, 2013; MARANGONI, ANDREOTTI, ZANOLINI, 2017). Há uma tentativa de alcançar a realidade com as narrativas de superaventura. Elas tornam-se mais sérias, violentas e brutais também. Surgem as <i>Graphic Novels</i> , publicações encadernadas, com preço mais elevado e histórias mais longas, geralmente para público adulto (VIANA, 2011b). Obras como <i>Watchmen</i> e <i>Batman: o cavaleiro das trevas</i> marcam os heróis desse tempo. Há espaço, ao mesmo tempo, para mundos mais autorais, construídos de acordo com o artista.

Fonte: Gonzatti (2022, p. 81)

Viana (2011) argumenta que os critérios da periodização por eras não abrange todas as peculiaridades da história do gênero de superaventura e salienta que a própria nomenclatura das eras acarreta em um sentido valorativo entre elas. Com isso, cria uma periodização a partir dos regimes de acumulação, que marcaram a história da sociedade moderna e impactaram em mudanças culturais:

- a) a época do nascimento, que vai da criação do Superman até o final da Segunda Guerra Mundial;
- b) a época da crise, que vai de 1945 até o final da década de 1950;
- c) a época da retomada e renovação, que ocorre a partir do final da década de 1950 até o final dos anos de 1960;
- d) a época do “envelhecimento” dos super-heróis, que vai do final da década de 1960 até 1980;

e) a época da reorganização e inovação que vai de 1980 até os dias de hoje. (VIANA, 2011, p. 17)

Nessa perspectiva, o autor refere que

a emergência dos super-heróis está ligada ao processo de crise do regime de acumulação intensivo, que se prolonga desde a década de 1920 até o final de 1930. A guerra assumiu um papel fundamental nesse processo, pois, além da crise e da necessidade de heróis de carne e osso para o combate e para suportar as situações adversas de uma sociedade em crise, também se tornou necessário pensar em seres sobre-humanos e ter esperança na vitória e satisfação imaginária substituta. (VIANA, 2011, p.20)

Desde então, esses personagens influenciam a construção de identidades bem como contribuem para a propagação de normas morais. As forças midiáticas que os super-heróis possuem os tornam a maior representação da cultura pop norte-americana, fazendo com que transitem por diversas mídias e se tornem material de estudo nas pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas (DE SOUSA FERNANDES; DA COSTA MENDES; DE OLIVEIRA, 2017). Ainda que seja uma representação da cultura pop norte-americana, para Fawaz (2016), as histórias em quadrinhos de super-heróis tiveram sua forma de representação modificada no pós-guerra. Ao contrário do espírito liberal apresentado nos quadrinhos durante a Segunda Guerra Mundial, que focava na liberdade individual e na defesa da nação contra uma ameaça externa, o super-herói do pós-guerra abandona o individualismo em nome da diversidade. Os super-heróis se tornam um modelo universal, que não luta somente pelo local, mas que possui uma vasta rede de contatos humanos e não-humanos através do cosmos. Viana (2011, p.23) explica que essa mudança no período pós-guerra ocorre porque

os seres superpoderosos que surgem para fazer os homens comuns suportarem a crise e a guerra, os soldados lutarem e o heroísmo sem um ponto de apoio para a investida bélica, tornam-se supérfluos em um período de paz entre as nações imperialistas e a reconstrução européia.

A partir da década de 1950, com a consolidação da juventude como grupo social e o rejuvenescimento da população, cria-se um novo nicho de mercado com potencial de consumo, que influencia a mudança na representação dos super-heróis. Segundo Viana (2011, p.32), “a juventude emergente exigia uma maior complexidade dos personagens; e a irreverência, a ironia, a ambiguidade, marcada pela situação da juventude na sociedade moderna”. Soma-se a isso, a retomada da

ficção científica que ocorre em meados da década de 1950 e se consolida na década de 1960.

É nessa época que nasce o personagem Homem-Aranha: um adolescente que é picado por uma aranha radioativa e, com isso, adquire super-poderes. O personagem foi bem recebido pelo público jovem, maior consumidor de quadrinhos da época, em função do processo de identificação e das demandas imaginárias dos leitores com suas características. Segundo Viana (2011, p. 32),

na capa do número 01 da revista do Homem-Aranha, ele aparece carregando uma pessoa pelo ar, segurando uma teia e afirmando: 'Embora o mundo possa zombar de Peter Parker, o jovem tímido, logo se maravilha diante do poder do Homem-Aranha'. Dessa forma, o Homem-Aranha é a realização imaginária de um desejo inconsciente da juventude, o jovem real e o jovem ideal, Peter Parker e o Homem-Aranha. O texto da capa mostra justamente isso, o que o jovem é e o que ele quer ser.

No ano de 1963, ainda com a influência da ciência e da popularidade das HQS no público jovem, Stan Lee, então roteirista da editora *Marvel Comics*, cria o grupo de super-heróis *X-Men*. O grupo originalmente era formado por cinco mutantes adolescentes: Ciclope, Homem-de-Gelo, Anjo, Fera e a Garota Marvel. O grupo é liderado por Charles Xavier, um mutante com habilidades telepáticas, que os acolhe na Mansão X, uma escola para jovens superdotados. Garcia e Bastos (2021, p.36) analisam que em *X-Men*

vemos um grupo de indivíduos, liderados por um professor que representa quase uma figura paterna. Eles tentam se adaptar à uma sociedade que os temem e os odeiam. Ao mesmo tempo, procuram entender como seus poderes funcionam e como devem utilizá-los sem que sejam um perigo iminente para quem rodeiam e para si mesmos.

A editora *DC Comics*, não demora muito a lançar também um grupo de jovens super-heróis: os *Jovens Titãs*. Com uma primeira aparição no ano de 1964, a equipe foi consolidada no ano de 1965 e tinha como principais integrantes os personagens Robin, Kid Flash e Aqualad, posteriormente ganhando os reforços de Ricardito e Moça-Maravilha. Desde sua criação, o grupo passou por diversas formações, porém ganhou maior notoriedade com a versão animada, direcionada à um público infanto-juvenil. No ano de 2018, ocorre o lançamento de *Titãs*, uma *live-action*⁷ que conta atualmente com quatro temporadas. Na série, destaca-se a representação da adolescência na personagem Rachel Roth, a Ravena, que ganha seus poderes após

⁷ Produção cinematográfica que utiliza pessoas reais para dar vida aos personagens.

uma vivência traumática e precisa fugir de sua cidade natal. As primeiras temporadas apresentam as dificuldades da personagem em controlar seus poderes que se manifestam em momentos em que essa se sente com raiva ou é ameaçada. Acompanhamos seu amadurecimento heróico e pessoal na terceira temporada após um período de treinamentos em Themyscira⁸. Gref Walker, produtor principal da série explica em entrevista que “a jornada de Rachel deixou de ser esse tipo de adolescente desavisada para alguém que, ao que parece, tem o destino do mundo em suas mãos.”⁹

No ano de 2005, a *Marvel Comics* lança *Os Jovens Vingadores*, um grupo de super-heróis adolescentes cujos uniformes e personalidades eram inspirados nos Vingadores. A narrativa abordava questões relacionadas aos incômodos da adolescência e que também possui relevância para questões de gênero e sexualidade, que serão abordadas no decorrer do capítulo.

Conforme argumenta Boff (2016), as narrativas das HQs não são neutras, pois estão localizadas historicamente e relacionam-se com o modo de ver, pensar e de teorizar o mundo e do meio a que pertencem. Ademais contribuem com a produção de identificações, podendo ser considerados objeto de análise e leitura de identidades. Suas representações sociais e históricas se dão porque as narrativas são criadas com a utilização de elementos do real e da cultura a qual se inserem. Alguns elementos na construção das personagens como a posição, a fala e o comportamento, permitem a representação de ideologias, relações de poder, percepções dos papéis sociais e de gênero.

Quando surgiram as primeiras HQs de superaventura, os papéis principais eram relegados aos homens, enquanto as mulheres ocupavam o espaço de coadjuvante (BOFF, 2016). Garcia e Bastos (2021, p. 32) definem o padrão de personagem presente inicialmente nas produções: “homens brancos, heterossexuais, cisgênero, de classe média, com um bom nível intelectual e com vínculo empregatício, no mínimo, bem estabelecidos” e citam como exemplo personagens como Super-homem e Batman.

A primeira protagonista feminina, a Mulher Maravilha, foi criada no ano de 1941 e publicada pela editora *DC Comics*, como um reflexo das mudanças sociais em função da Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres passaram a ocupar

⁸ Ilha povoada por Amazonas, de onde se originou a Mulher-Maravilha.

⁹ <https://ovicio.com.br/titas-produtor-comenta-sobre-arco-de-ravena-na-3a-temporada/>

espaços que até então eram destinados aos homens. Com o aumento dos movimentos sociais feministas na década de 1960, a *Marvel Comics* teve grande importância na mudança da representação da mulher nas HQs quando cria em 1963 os *X-men*, um grupo de mutantes onde personagens femininas ganham relevância. Além disso, Silva (2017, p. 626) destaca que a editora, por não ter o hábito de vincular o manto a um super-herói, personagens femininas passam a ocupar papel de destaque. Segundo o autor,

o primeiro a atuar dessa forma foi Thor, que, desde 2014, é vivido pela cientista Jane Foster (primeira aparição como Thor em Pecado Original #1, maio de 2014) que durante muitos anos foi coadjuvante na saga do herói. [...] Em 2015, foi anunciado que Tony Stark, o gênio, bilionário e filantropo, não seria mais o Homem de Ferro. O manto foi passado para Riri Williams uma garota negra, brilhante cientista que entrou no Instituto de Tecnologia de Massachusetts com 15 anos. Novamente é explorada, não apenas a questão de gênero, mas de identidade racial permeada por esta discussão.

As personagens Carol Danvers e Kamala Khan são uma representação da desvinculação dos mantos na *Marvel Comics* e possuem uma importância fundamental na representação do feminino nas HQs. O tema será aprofundado no subcapítulo 3.1.1: Apresentando a Ms. Marvel.

Garcia e Bastos (2021), em um estudo sobre a representatividade nas HQs do *X-men*, demonstram que além de um maior protagonismo feminino, historicamente tais personagens vêm representando o preconceito sofrido pelas classes minoritárias. Segundo os autores, o *X-Men* “têm como foco, um público mais maduro, com conceitos pré-estabelecidos do que entendem como ‘normal’ ou não, dentro de uma sociedade que não está disposta a aceitar o que é diferente.” (GARCIA E BASTOS, 2021, p. 45). A intolerância pela diferença é o pano de fundo das narrativas, quando os mutantes não são aceitos na sociedade predominantemente de humanos. Também há a representação do antissemitismo, com o personagem Magneto, um imigrante judeu e sobrevivente dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1975, o *X-Men* passou a ser formado por um grupo de mutantes com diferentes nacionalidades (Wolverine, Canadá; Tempestade, Quênia; Solaris, Japão; Noturno, Alemanha; Banshee, Irlanda; Colossus, Rússia; Passaro Trovejante, EUA), destacando as questões multiculturais e trabalhando conceitos como a xenofobia. Ainda, Martins (2021, p. 299) elucida que em suas histórias é possível encontrar conteúdo relacionado ao racismo, uma vez que “representam em sua essência críticas a um

quadro de intolerância e preconceito presentes no imaginário norte americano desde seu período escravagista.” O objetivo dos autores do quadrinho era o de transpor a discriminação e a violência sofrida pelos movimentos negros e de direitos humanos da época. Conforme analisa Martins (2021, p. 306),

ao final de 1965 e início de 1966, nas edições de número 14 e 16 de *The X-Men*, os autores do quadrinho introduzem novos personagens a fim de transpor à história o discurso discriminatório e violento que ocorria na sociedade norte americana frente aos negros e o movimento por direitos iguais. Bolivar Trask é um personagem caracterizado pelo seu preconceito contra os mutantes, fundamentado no medo dos poderes destes e o potencial perigo que oferecem a humanidade.

Acerca da representação racial nas HQs, Silva (2018) realizou um mapeamento sobre a presença de personagens negros e negras nas produções das empresas *Marvel Comics* e *DC Comics*. Segundo apresenta, até o ano de 2018, de um total de 152 super-heróis, apenas 51 eram negros, sendo que desses, 29 foram criados somente após a década de 1980. Segundo Silva, (2018, p. 109),

cada super-herói negro ou super-heróina negra foi fruto de sua época e teve uma importância para a mudança de atitude para a representação dos personagens negros no universo dos quadrinhos, mas a representação racializada é um processo que demorou para ser ajustado e ainda precisa de muitas transcódificações positivas para efetivar as práticas antirracistas.

Segundo Weschenfelder (2013), personagens negros estavam presentes nas HQs de superaventura, desde seu princípio, mas não tinham destaque e, na maioria das vezes, ocupavam papéis de vilões ou de seus ajudantes. Os primeiros personagens fixos e de maior relevância foram criados na década de 1940, mas ainda não eram super-heróis, remetendo a uma noção de inferioridade em relação aos super-heróis caucasianos.

O primeiro super-herói negro das HQs foi o personagem Pantera Negra, lançado no ano de 1966 pela *Marvel Comics*. Apesar de utilizar o mesmo nome, a criação do personagem antecede a fundação do partido Panteras Negras, símbolo da resistência negra nos EUA. Em função da boa recepção pelos leitores, o personagem logo se tornou um dos principais super-heróis da editora e passou a ser um membro dos Vingadores. Com isso, abriu espaço para que novos protagonistas negros passassem a povoar as HQs da *Marvel Comics* como os personagens Falcão, Luke Cage, Blade e Tempestade. Logo após, no ano de 1971 a *DC comics* também lança Vykin, seu primeiro super-heróis negro seguido de personagens como Lanterna Verde, Raio Negro, Ciborgue, Super Choque. (WESCHENFELDER, 2013).

No ano de 2018, houve o lançamento do filme inspirado nos quadrinhos do personagem Pantera Negra, que foi recebido com entusiasmo nos cinemas. Na produção,

o país fictício Wakanda, localizado no continente africano, através de uma tecnologia avançadíssima, capacitada pelo elemento *vibranium*, não compartilha do passado escravocata dos seus países vizinhos. [...] A sociedade afrofuturista wakanesa se constitui como uma nação negra harmônica em seu interior, sem o sofrimento racista da sociedade miscigenada por meio da escravização, expropriação e colonização dos corpos e mentes de pessoas de Áfricas no passado. (BELO; CASTELLANO, 2020, p. 116).

O filme é um marco não somente pela representatividade de seus personagens, mas por sua equipe de produção e elenco, formados majoritariamente por pessoas negras. Com grande expectativa pelo público, a produção arrecadou US\$ 242,2 milhões somente no final de semana de estreia nos EUA.¹⁰ Também, quebrou recordes no cinema americano sendo o filme de super-herói de maior arrecadação e a 5^o produção de maior bilheteria na história do cinema nos EUA.¹¹

As histórias de superaventura também apresentam representações acerca da temática LGBTQIA+. No ano de 1992, ocorre o lançamento do personagem Estrela Polar, o primeiro herói homossexual da história dos quadrinhos, abrindo espaço para a criação de novos heróis que pudessem representar essa população. Outro acontecimento importante ocorreu no ano de 1993, quando a editora *Marvel Comics* lança a HQ *Vírus Legado* cuja narrativa fazia uma crítica ao discurso de ódio aos gays americanos em função da disseminação do vírus HIV, que preocupava a população na época. Ainda sobre a temática, em 2019 ocorre o lançamento da personagem Shade, primeira mutante *drag queen*.

O grupo Jovens Vingadores também apresenta questões relacionada à representação da comunidade LGBTQIA+ tendo, inclusive, ganhado por duas vezes o prêmio *GLAAD Media Awards (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation)*, pela presença dos personagens gays, Wiccano e Hulkling, da personagem lésbica, América e do personagem bissexual, Prodígio. Ainda que desde sua criação, em 2005, a relação homoafetiva dos personagens Wiccano e Hulkling era representada pela presença de cenas onde eles davam as mãos, um beijo entre os personagens

¹⁰<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/pantera-negra-bate-recordes-em-bilheteria-pelo-mundo.ghtml>

¹¹ <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-138932/>

foi apresentado somente no ano de 2012 em *A cruzada das crianças*. (GONZATTI, 2022)

No ano de 2019, *A cruzada das crianças* esteve no centro de uma polêmica, quando Marcelo Crivela, então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, publicou um vídeo no *Twitter* explicando que a prefeitura havia solicitado o recolhimento dos exemplares da revista na Bienal do Livro do Rio de Janeiro por apresentar conteúdo sexual, impróprio para crianças. A organização da feira se posicionou contra a decisão da prefeitura, alegando que o beijo entre os personagens não poderia ser considerado um conteúdo pornográfico. O debate ganhou repercussão na mídia e o resultado foi que, na manhã seguinte, a HQ estava esgotada. Gonzatti (2022) argumenta que esse pode ser considerado um ciberacontecimento - quando se origina da mobilização em rede e plataformas digitais - e se relaciona com o contexto político do país. A tentativa de censura realizada pela prefeitura ocorre em função da disseminação de publicações nas redes sociais, em sua maioria originada em perfis de grupos conservadores e de extrema-direita, que alertavam aos pais sobre o conteúdo da revista. No entanto, a repercussão do caso desencadeou um efeito contrário ao esperado, uma vez que o beijo, que deveria ser censurado, acabou estampado nas capas de revistas, jornais e plataformas digitais do país (figura 1).



Figura 1. Capa da Folha de S. Paulo. Fonte: Gonzatti, 2022

Segundo analisa Gonzatti (2022), o incômodo causado por personagens como Wiccano e Hulking ocorre porque esses apresentam outros tipos de masculinidades possíveis que não a branca, cis e heterossexual. O autor explica que

a existência de outros tipos de masculinidade fala diretamente com a subjetividade do homem que ocupa os espaços de poder em uma sociedade capitalista e que vem se sentindo ameaçado conforme novas fronteiras vão sendo construídas em torno das masculinidades. (GONZATTI, 2022, p. 264).

Um ano após o ocorrido, na série dos Vingadores *Empyre Aftermath*, é apresentada a história do casamento do casal. No entanto, essa não é a primeira união entre pessoas do mesmo sexo nas HQs. Essa ocorreu no ano de 2012, com o casamento entre o personagem Estrela Polar e o empresário Kyle Jinadu, narrado na edição 51 da série *Astonishing X-men*, que foi inteiramente dedicada ao casal. A decisão pelo casamento por parte da editora *Marvel Comics* ocorre em função da legalização do casamento homoafetivo pelo governo do estado de Nova York, ocorrida no ano de 2011.¹²

Para além da representação de minorias, as HQs também dialogam com as adversidades e vulnerabilidades vividas por jovens. Abordando a construção da narrativa da história dos super-heróis das HQs, Weschenfelder (2017) argumenta que, em grande parte das histórias, os personagens enfrentam adversidade em sua vida antes de assumir o heroísmo, ao qual denomina de fase Pré-capa/Pré-Máscara. Segundo levantamento, as adversidades incluem experiências negativas como

orfandade (Homem-Aranha, Superman, Batman), abandono pela família (Hulk, Superman, Viúva Negra), assassinato de parentes (Homem-aranha, Batman), limitações econômicas (Capitão América, Homem-aranha), seqüestro (Homem de Ferro) e bullying (Homem-aranha, Capitão América). (WESCHENFELDER, 2017, p. 53)

Analisando por essa perspectiva, o autor afirma que as histórias dos super-heróis representam a vida de muitas crianças e jovens que enfrentam as mesmas dificuldades. Sendo assim, o personagem “pode ser um modelo ou ‘tutor’ de resiliência, pois ele transforma-se e torna-se habilidoso para superar as suas adversidades, transcendendo-as.” (WESCHENFELDER, 2017, p.55).

Apresentamos até o momento uma breve contextualização sobre as Histórias em Quadrinhos, especialmente sobre o gênero de superaventura. Vimos que as

¹² <https://www.omelete.com.br/x-men/x-men-edicao-com-casamento-gay-chega-ao-brasil>

HQs são produtos culturais, e como tal, dialogam com o contexto histórico e social em que estão inseridas. Ainda, apresentam representação de gênero, sexualidade, raça e podem atuar como tutores de resiliência para crianças e adolescentes. A partir disso, seguiremos com a apresentação da personagem Kamala Khan que ocupa a centralidade deste estudo.

3.1.2 Apresentando a Ms. Marvel

A obra *Ms. Marvel: Nada Normal* foi selecionada por ser a HQ que apresenta a personagem Kamala Khan e narra a história de como ela se transformou em uma super-heroína. A revista, publicada em 2014 nos EUA pela *Marvel Comics*, foi lançada no Brasil pela editora Panini no ano de 2015. A editora não apresenta dados sobre a tiragem da edição, mas informa que essa se encontra esgotada. Na versão americana, a HQ teve seis reimpressões, número considerado alto em comparação a outros super-heróis, e foi a revista mais vendida na loja digital da editora no ano de lançamento. (MELO, 2018). Kamala Khan é uma adolescente americana, filha de imigrantes paquistaneses, considerada a primeira personagem de origem árabe a ganhar relevância nas HQs, tendo conquistado a simpatia do público e da crítica. (DE SOUSA FERNANDES; DA COSTA MENDES; DE OLIVEIRA, 2017).

Recentemente, no ano de 2022, sua história ganhou vida nas telas com o lançamento da série *Ms. Marvel*, no canal de *streaming* Disney+. A série é considerada a que possui o público mais diverso entre todas que compõe o Universo Cinematográfico da Marvel (MCU), com maiores índices de audiência entre o público jovem e famílias negras, hispânicas e asiáticas em sua estréia.¹³

Em função de Kamala Khan ser a segunda personagem a assumir o manto de Ms. Marvel e em decorrência do *crossover* existente no material analisado, optou-se por fazer uma breve explanação da história da personagem Carol Danvers, a primeira Ms. Marvel no universo das HQs.

Carol Danvers:

¹³ <https://observatoriodatv.uol.com.br/series/audiencia-de-publico-jovem-e-diversificado-salva-ms-marvel-do-fracasso>

A primeira aparição de Carol Danvers ocorreu no ano de 1968. Inicialmente ela era uma personagem secundária nas HQs do Capitão Marvel, com quem ela posteriormente vive um romance. Carol era uma piloto de aviões do exército americano e teve sua vida mudada ao entrar em contato com *Psyche-Magnitron*, um dispositivo alienígena Kree que alterou sua estrutura genética, tornando-a um híbrido de humano e Kree. Esse episódio lhe concedeu poderes que a transformaram em uma super-heroína. Sob o codinome de Ms. Marvel ela participava das missões do Capitão Marvel, ainda como uma personagem secundária em suas HQs. No ano de 1977, a personagem ganha uma HQ própria, que contou com 23 edições. Após o cancelamento de sua revista solo, a personagem passa a estar presente nas HQs dos Vingadores, sem ter o mesmo protagonismo anterior. Nesse período, Carol enfrentou situações críticas como um sequestro onde ocorreu um abuso sexual e a perda temporária da memória e de seus poderes. Tendo dificuldades em lidar com tais situações, ela passa a consumir álcool de forma abusiva, tendo sido expulsa dos Vingadores quando compareceu embriagada em uma missão. Após esse período de traumas, no final da década de 1990, a personagem volta a ingressar nos Vingadores, utilizando o codinome de Warbird. Somente em 2006, ela retoma o manto de Ms. Marvel, quando ocorre o relançamento de suas HQs.

No ano de 2012, ela assume o manto de Capitã Marvel, como uma forma de homenagem ao Capitão Marvel que havia morrido. Tal história é contada na série *Capitã Marvel: A Heroína mais poderosa da terra* (DECONNICK; MCGUINESS, 2012). As mudanças ocorridas na personagem fizeram com que ela fosse reconhecida como uma representação da força feminina: de miss passou a ser capitã. Salienta-se que em inglês não há flexão de gênero para o título de capitão, culminando na utilização do mesmo nome: *Captain Marvel*. Tal circunstância causa mais impacto quando ela o manto que até então era utilizado por um homem. Além disso, Carol Danvers adquire uma nova forma de expressão como super-heroína, quando seu uniforme passa a cobrir todo o seu corpo, ao contrário do uniforme anterior que a sexualizava e objetificava.

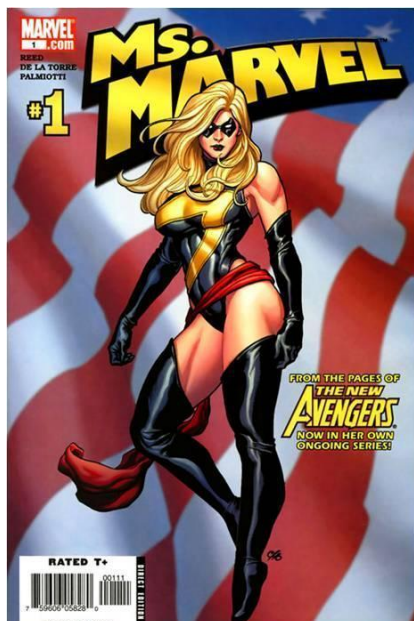


Figura 2. Capa da HQ Ms. Marvel #1 (2006)



Figura 3. Capa da HQ Capiã Marvel #3 (2012)

Nesse sentido, Conter (2015, p. 68) analisa que ao tornar-se Capitã Marvel,

Carol está, sempre que possível, no 'centro' de si mesma e do universo ao seu redor, e não na convergência de desejos sexuais que partem de um olhar masculino. Ela é o centro quando lidera seu próprio grupo de heróis; quando, ao invés de se ver resgatada, atua como salvadora; quando liberada do estereótipo puramente sexual, dá espaço à diversidade das outras personagens da revista.

Talvez para marcar essa nova fase de empoderamento feminino de Carol Danvers, a capa do segundo volume da série (figura 4) faz uma alusão à imagem do cartaz conhecido como *Rosie the Riveter* (figura 5). O cartaz foi criado pelo artista americano J. Howard Miller, no ano de 1943 e fazia parte de uma campanha publicitária da empresa *Westinghouse Electric Corp.* Com o slogan *We can do it*, o objetivo da campanha era o de motivar as mulheres a trabalharem na linha de produção, durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando muitos homens deixaram seus empregos para unirem-se ao exército. Inicialmente não era um cartaz de valorização da imagem da mulher, mas de recrutamento. Foi na década de 1980, que a imagem foi ressignificada pelo movimento feminista e o slogan passou a representar a força da mulher na sociedade.



Figura 4. Capa da HQ Capitã Marvel #2 (2006)



Figura 5. Rosie the Riveter (1943)

A personagem atualmente é considerada uma das heroínas representantes do movimento feminista. Para além dos leitores de quadrinhos, ela ganhou notoriedade com o lançamento do filme Capitã Marvel no ano de 2019, sendo o primeiro filme do universo Marvel com uma protagonista feminina.

Kamala Khan:

Kamala Khan é uma adolescente de 16 anos, que vive com os pais e o irmão mais velho em New Jersey, EUA. Embora tenha nascido nos EUA, sua família é de origem paquistanesa e muçulmana. Sua história se ambienta no universo das HQs onde os super-heróis são membros populares da sociedade. Kamala é uma fã dos super-heróis, especialmente da Carol Danvers, e escreve *fanfics*¹⁴ para sites, tendo Os Vingadores como personagens principais.

Inicialmente, ela é apresentada como uma jovem que encontra dificuldades em conciliar as tradições, com a sua vida em um país onde sua cultura é minoritária. Sua vida muda no dia em que decide fugir de casa para ir a uma festa com os amigos da escola. No caminho de volta, é envolvida por névoas alienígenas e tem uma visão com três super-heróis dos Vingadores: Capitã Marvel, Capitão América e

¹⁴ Narrativa ficcional criada por fãs, inspirada em personagens ou universos pré-existentes.

Homem de Ferro, que lhe oferecem a oportunidade de se tornar outra pessoa. Ela opta por se transformar em sua heroína Carol Danvers, durante o período em que assumia o manto de Ms. Marvel, e tem seu pedido concedido. Posteriormente, Kamala descobre que ela possui genes inumanos - criados a partir da manipulação da genética dos alienígenas Kree em Homo Sapiens - e por essa razão teve seus poderes ativados ao entrar em contato com a névoa, que possui uma substância mutagênica que se ativa em contato com tais genes.

Em sua primeira missão, quando acaba salvando Zoe, a garota popular da escola, ela começa a se perguntar até que ponto é possível ser uma super-heroína vestindo uniformes desconfortáveis, que a fazem se sentir exposta. Com isso, ela constrói sua identidade de super-heroína, assumindo uma aparência própria e atribuindo características pessoais ao seu uniforme, que tem como base um *burkini*. Ela se torna assim a protetora de New Jersey, fugindo a noite para combater o crime, desde que não esteja de castigo. Ela é polimorfa, ou seja, tem a habilidade de transformar sua forma para assumir a aparência de outras pessoas, alterar o tamanho e formato de seu corpo, ou parte dele, e pode curar-se rapidamente de ferimentos. No início, Kamala tinha pouco controle sobre seu poder, mas com o tempo ela ganhou confiança e desenvolveu suas habilidades.

Conforme expõe Chico (2017, p.129), “Kamala é uma história de formação, de encontro de si mesmo e uma forma de entendimento da sociedade.” A personagem se constitui como uma representação do poder feminino, demonstrando as diversas dificuldades que as super-heroínas encontram em suas histórias, além de ter representatividade no combate ao preconceito religioso. Ademais, mostra as dificuldades da adolescência com suas expectativas, temores e exigências sociais.

3.1.3 Apresentando Os Campeões

Os Campeões é uma série de HQs da *Marvel Comics* e conta a história de uma equipe de super-heróis adolescentes. A narrativa se passa após o arco dos Vingadores chamado *Guerra Civil II*. Neste arco, após o surgimento de um inumano com capacidades de prever o futuro, os Vingadores se dividem em dois grupos: os que acreditam na aplicação da justiça mesmo antes de um crime ocorrer, liderado pela Capitã Marvel e aqueles que acreditam que a punição somente pode ser empregada após a ocorrência de um crime, liderados por Tony Stark, o Homem de

Ferro. Desiludidos com a batalha entre os Vingadores, três de seus integrantes mais jovens decidem se distanciar e formar uma nova equipe, alinhada com seus ideais pacíficos para a humanidade. O grupo inicialmente formado por Kamala Khan - Ms. Marvel, Sam Alexandre - Nova e Miles Morales - Homem-Aranha, logo recebe os reforços de Viv Visão, Amadeus Cho - Incrivelmente sensacional Hulk e Scott Summers - jovem Ciclope. Segundo editorial da HQ (WAID; RAMOS, 2021),

esses super-heróis adolescentes se esforçarão ao máximo para proteger a humanidade ao mesmo tempo que precisarão lidar com questões típicas - e não muito divertidas - da juventude. O primeiro beijo, familiares controladores, frustração com o mundo dos adultos...isso só para começar.

A primeira revista foi lançada nos EUA no ano de 2016 sob o nome de *Champions #1* (WAID; RAMOS, 2016). No Brasil, chegou em 2018, com o nome de *Os campeões: o mundo ainda precisa de heróis*. As edições de 1 à 12 foram relançadas em forma compilada para a série *Marvel Teens*, lançada pela editora Panini no ano de 2021. Para esse estudo, utilizaremos os quatro primeiros volumes.

Cabe salientar que a opção da inclusão desse material no estudo ocorre pela percepção da necessidade de ampliar o campo de análise da personagem Kamala Khan, no sentido de poder analisar as relações da adolescência em um grupo de iguais. Dessa forma, o foco do estudo permanece na personagem, nas suas relações interpessoais e no funcionamento do grupo como um todo. Em função disso, optou-se pela realização de uma breve apresentação dos personagens principais, apenas com a finalidade de contextualização do grupo.

Sam Alexander – Nova:

Criado por Joseph Loeb e Ed McGuinness, teve sua estréia na revista *Marvel Poit One* em 2011. Sam era um adolescente de 15 anos, quando seu pai desapareceu. Quando decidiu sair na busca por seu pai, ele sofre um acidente e perde a consciência. Ao acordar, se depara com a presença de dois super-heróis alienígenas, que também procuram por seu pai, por ele ser o possuidor do Capacete Nova Negro, um dispositivo que lhe concedia poderes. Nesse momento, Sam descobre que o pai era membro da Nova Corps, uma força policial intergaláctica. Antes do acidente, Sam era cético e não acreditava nas histórias contadas por seu pai sobre sua atuação heróica. Junto com os super-heróis alienígenas, Sam

encontra o capacete e é treinado a utilizá-lo. Com isso, assume o legado do pai e passa a adquirir super-poderes como a habilidade de voar, manipulação de energia, telecinesia, aceleração molecular, força, velocidade e resistência sobre-humanas. Sua personalidade é considerada imatura e arrogante.

Miles Morales - Homem-Aranha:

O personagem foi criado por Brian Michael Bendis e Sara Pichelli no ano de 2011 e tem sua primeira aparição na HQ *Ultimate fall* 4. Após a morte de Peter Parker - o primeiro Homem-Aranha - Miles Morales, que também havia sido picado por uma aranha radioativa e adquirido poderes semelhantes ao do super-herói, assume o manto de Homem-Aranha. A representação racial do personagem, que é negro e de origem latina, foi bem recebida pelo público e suas HQs já contam com mais de 40 edições.

Viv Visão:

Viv é uma sintozóide de 16 anos que foi criada, juntamente com seu irmão gêmeo Vin, por Visão, um dos integrantes dos Vingadores. Seu pai, também sintozóide, desejava ter uma vida humana e decidiu criar uma família com sua esposa Virgínia. Em uma noite, enquanto Visão estava em uma missão, sua casa é atacada pelo vilão Ceifador, e Viv foi gravemente lesionada. Após o trabalho incessante de seu pai, ela conseguiu ser restaurada. A personagem precisou enfrentar adversidades como a morte trágica do irmão e o suicídio da mãe. Ela possui força sobre humana, manipula a densidade, tem habilidade de vôo e absorve a energia solar. Também pode realizar projeções holográficas e camuflar-se. Vin Visão não possui uma série de HQs próprias e sua primeira aparição ocorreu na HQ *The Vision: Vision of the future*, no ano de 2016. No Brasil, foi apresentada em 2018 na HQ *Visão: Pouco pior que um homem*, pela editora Panini.

Amadeus Cho – Incrivelmente Sensacional Hulk:

Wolfgang Amadeus Mozart é um jovem nascido e criado nos EUA por seus pais, imigrantes da Coreia do Sul. Apresenta extrema inteligência, sendo

considerado um gênio aos 15 anos de idade. O personagem foi criado por Greg Pak e Takeshi Miyazawa, tendo sua primeira aparição na HQ *Amazing Fantasy* vol. 2 #5, no ano de 2005. É considerado um personagem secundário ou de apoio. Ele já possuiu outras expressões como super-herói tendo sido o *Mastermind Excello*, Príncipe do Poder, *Iron Spider* e Hulk. Originalmente, o personagem Hulk era um alterego do Dr. Bruce Banner, que teve seu código genético modificado após ser exposto a uma explosão de raios gama. Quando Dr. Banner é exposto a um novo acidente radioativo, ele passa a se tornar um risco para a humanidade e sua carga genética é removida em laboratório por Cho, que decide injetá-la em si mesmo. Dessa forma, ele altera seu código genético, podendo transformar-se no Hulk.

Scott Summers – Jovem Ciclope:

Scott Summers é originalmente um personagem dos *X-men*. Criado por Stan Lee e Jack Kirby, teve sua primeira aparição na HQ *Uncanny X-men* #1 no ano de 1963. Ele é um mutante que possui o poder de projetar raios de energia de seus olhos, que só cessam quando esses estão fechados ou quando está utilizando o visor que possui uma barreira de quartzo-rubi. O personagem teve uma longa trajetória nos X-men, onde foi possível acompanhar desde a sua juventude até a sua vida adulta. Em *Os Campeões*, é apresentado o Jovem Ciclope do Passado, sua versão adolescente, que vive no presente através de uma viagem no tempo.

Na figura 6, estão apresentados os personagens que compõem Os Campeões. Da esquerda para a direita, estão o Jovem Ciclope, a Ms. Marvel, o Nova e a Viv Visão. Ao fundo centralizado está o Hulk e ao alto Miles Morales.



Figura 6. Capa da HQ: Os Campeões (2021)

3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após o desenvolvimento dos objetivos da pesquisa e a realização de um estudo teórico que versasse sobre a temática, iniciou-se a análise da HQ *Ms. Marvel: Nada Normal*.

O percurso metodológico da análise dos dados utiliza a Análise de Conteúdo, embasando-se especialmente nos estudos de Laurance Bardin (2016). A metodologia foi eleita por ser considerada uma excelente alternativa para análise de dados de materiais de comunicação, uma vez que permite entender os significados e os sentidos da mensagem de forma mais aprofundada do que em uma leitura comum. (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI; 2021).

Neste estudo, utilizamos a abordagem qualitativa, uma vez que segundo Bardin (2016), é mais indicada para corpus reduzido, levando em consideração a pertinência do conteúdo sem mensurar a quantidade de vezes em que surgem no material. Na análise qualitativa, o foco da análise está na interpretação dos dados obtidos sendo “o momento de confrontação entre teoria fundante, objetivos e

achados da pesquisa (os indicadores), a fim de proceder inferências e redigir sínteses interpretativas.” (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI; 2021, p. 110)

De acordo com Bardin (2016), a análise de conteúdo de um *corpus* ocorre em três etapas: a pré-análise; a exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A etapa inicial de pré-análise, ou “a fase de organização propriamente dita” (BARDIN, 2016, p. 125), compreende a escolha do material a ser analisado, a formulação das hipóteses e dos objetivos, bem como o estabelecimento dos indicadores que irão servir de base para a interpretação dos dados.

Analisando pelo prisma das etapas propostas pela autora, pode-se dizer que neste estudo, o movimento foi inverso. Foi a personagem quem escolheu participar deste estudo, uma vez que sua história despertou as inquietações que levam à definição dos objetivos desta pesquisa. Com os objetivos e objetos de estudos definidos, as categorias de análise foram delimitadas levando em consideração a base teórica apresentada no capítulo 2, cujos conceitos-chave estão apresentados no quadro abaixo.

Tabela 2 - Categorias de análise

Categoria	Conceito	Autor
1. Adolescência		
1.1 Puberdade	Processo de maturação fisiológica, decorrente de alterações hormonais que propicia o crescimento da estrutura física corporal, o amadurecimento dos órgãos sexuais, marcando o início da capacidade reprodutiva do indivíduo. Esse processo também influencia no amadurecimento cognitivo com o aumento da capacidade de processamento de informações e aquisição de novas habilidades de funcionamento mental.	(PAPALIA; FELDMAN, 2013)
1.2 Crise de Identidade	Processo subjetivo onde ocorre o desenvolvimento identitário através de uma constante elaboração e ressignificação das experiências vividas durante a infância. Momento de ruptura com as figuras parentais como único modelo identificatório e início de uma busca por identificações no grupo de iguais e na sociedade e forma ampla.	(ERIKSON, 1987) (KNOBEL, 1989)

1.3 Lutos da adolescência	Estado emocional em que o indivíduo precisa lidar com sentimento de vazio causado por perdas reais ou simbólicas, que ocorre através de um processo de elaboração psíquica. São três os lutos enfrentados: a)Corpo Infantil: Elaboração da perda das características infantis corpóreas que passam por transformações com a puberdade. b)Identidade Infantil: Elaboração da perda da posição infantil frente família e sociedade. c)Pais da Infância: Elaboração da perda simbólica dos pais da infância quando se inicia um processo de diferenciação dos pais e identificação com a cultura extramuros familiar.	(ABERASTURY; KNOBEL, 1989)
1.4 Conduta de Risco	Comportamentos disruptivos do adolescente que se desenvolvem como uma maneira de vivenciar experiências distintas das infantis. Pode ser desenvolvido de maneira exploratória ou por influência do grupo em uma tentativa de validação do distanciamento da identidade infantil.	(DOLTO, 2015) (ZAPPE; ALVES; DELL AGLIO, 2018)
1.5 Alteridade	Capacidade do reconhecimento da diferença na relação do “eu” com o “outro”. Na adolescência tem fundamental importância, uma vez que ocorre um movimento de diferenciação das figuras parentais, ao mesmo tempo em que o olhar do outro, especialmente dos indivíduos pertencentes ao grupo social, exerce influência na percepção de si e no desenvolvimento identitário.	(RASSIAL, 1999) (ALBERTI, 2010)
2. Esfera cultural		
2.1 Representação	Processo de internalização e produção de significado de um objeto que se dá através da linguagem. Regula as práticas sociais, uma vez que é compartilhado socialmente através de um sistema de significados partilhados pelos indivíduos.	(CHARTIER, 2002) (HALL, 1997) (WOODWARD, 2012)
2.2 Simbolização	Processo subjetivo que ocorre através da internalização de símbolos e signos, que concede a inteligibilidade para as manifestações humanas. Os símbolos e os signos são representações de ideais abstratas que expressam significados socialmente compartilhados.	(GEERTZ, 2008)

2.3 Relações de Poder Simbólico	Um poder invisível manifestado através de símbolos, significados e hierarquias sociais. É uma forma de poder que atua nas entrelinhas das relações, muitas vezes de forma naturalizada, auxiliando na manutenção de uma estrutura de desigualdade social.	(BOURDIEU, 1989, 2013)
---------------------------------	---	------------------------

Fonte: desenvolvida pela autora.

A delimitação pela HQ *Ms. Marvel: Nada Normal* ocorre por ser a história inicial da personagem, onde há a narrativa de seu desenvolvimento como super-heroína. Uma vez que o documento já havia sido selecionado e mesmo que já fosse de conhecimento prévio, foi realizada uma nova “leitura flutuante” do material.

Para a exploração do material, foi criada uma codificação que “permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão”. (BARDIN, 2016, p. 133). Essa fase ocorreu em duas etapas. Em um primeiro momento, foi realizado o manuseio da HQ e a utilização de adesivos coloridos para a marcação dos destaques. Tendo em mente as duas grandes categorias emergidas da teoria, foi realizada a seleção das cenas que dialogassem com a temática sem uma preocupação inicial de classificá-las nas categorias. Nessa etapa, todo o material considerado pertinente foi destacado em azul. Posteriormente, com a classificação e agregação, os trechos destacados anteriormente foram separados nas duas grandes categorias: Adolescência, destacada em amarelo e Esfera Cultural em roxo. A segunda etapa consistiu na transcrição dos conteúdos que compõem cada categoria em formato de tabelas, quando foi realizada a classificação das subcategorias.

Com o intuito de organizar o material para uma análise mais aprofundada, os destaques foram transcritos em uma planilha de Excel (figura 7).

	A	B	C	D	E	F	G	H
	NOÇÃO	TRECOS	NOÇÃO	TRECOS				
1		"Tem uma AIA do corão que meu pai sempre cita quanto vê alguma coisa ruim na TV. Um incêndio ou uma inundação ou uma explosão. "Quem mata uma pessoa, é como se matasse toda a humanidade, e quem salva uma pessoa, é como se salvasse toda a humanidade." Quando eu era pequena, isso sempre fazia eu me sentir melhor. Porque não importa o quanto as coisas fiquem ruins, sempre tem gente que corre para ajudar. É de acordo com meu pai, assim são abençoadas."			"Aprender meus pontos fortes. Aprender meus limites. Aprender a trabalhar com este novo corpo, em vez de contra ele. Bem não é uma coisa que você é. É uma coisa que você faz. Nunca vou estar 'pronta' mas posso estar pronta o suficiente."			
2			Mudanças corporais		Cena do Vestário			
3	Religião	"Nunca vou poder ser um deles, não importa o quanto me esforço. Sempre vou ser a colada da Kamala, com as regras alimentares esquisitas e a família maluca. Por que sou a única que é dispensada da aula de biologia? Por que tenho que lavar pakoras para ativar na escola? Por que fico com os feriados esquisitos? Todo mundo pode ser normal. Por que eu não?"			Kamala apresenta dificuldades em lidar com seus poderes transformos. "Eu sinto a tensão esquisita na minha pele de novo. É que nem uma enxaqueca no corpo todo.			
4		Cena do lenço			"O que ter poderes significa? Ser capaz de parecer alguém que não sou? É se não me encaxar mais na minha antiga vida? Que nem um par de calças que ficam pequenas? Eu ainda ser a Kamala?"			
5					Isso tem que ter acontecido por um motivo. Salvei uma vida. Será que para aí? Ou continuo? Talvez isso seja o que eu estava esperando. Talvez finalmente faça parte de algo... maior."			
6					Zoe pensou que por eu ter fugido, não tinha problemas se zombasse da minha família tipo, Kamala finalmente acordou e mandou o povo marrom inferior burro e suas regras para as cucuias. Mas não foi por isso que fugi! Não acho que Ammi e Abu são burros, eu só... Eu cresci aqui! Sou de Jersey city, não é Karachi! Não sei o que devo fazer. Não sei quem devo ser."			
7								
8								
9	Gênero	Xexex Absuliah: "Imã Kamal! Que bom que se juntou a nós hoje. A partição e a entrada lateral para mulheres existem para preservar sua modesta e dignidade. Kamala: " Mas, o senhor não disse que não tinha partição na mesquita do Profeta em Medina? Que homens e mulheres passavam pela mesma porta e se sentavam na mesma sala?"						
10								
14	Identidade							

Figura 7. Transcrição dos destaques.

No entanto, percebeu-se que constantemente era necessário retornar à HQ para a confirmação de informações que não haviam sido descritas de forma clara, especialmente em relação às cenas. Dessa forma, foram elaboradas tabelas para melhor manejo do conteúdo.

Importante ressaltar que, considerando a natureza do material analisado, que utiliza tanto recursos linguísticos quanto visuais, os destaques englobam as legendas que representam o pensamento da personagem, bem como a descrição de algumas cenas e seus diálogos. No entanto, a análise das cenas leva em consideração a narrativa como um todo, e não faz distinção entre as dimensões verbal e visual, especialmente quando são utilizadas as legendas com a narrativa do pensamento. Entende-se que as legendas permitem o acesso ao mundo interno da personagem, contribuindo para uma maior compreensão do desenvolvimento de sua identidade. Na revista analisada, as legendas se destacam em quadrados amarelos e podem ser a única representação linguística na cena ou estar sobreposta a diálogos, conforme imagem:



Figura 8. Cena de Ms. Marvel: Nada Normal (2015)

As tabelas estão formatadas em dois blocos, considerando a natureza do conteúdo:

a) Legendas: considera somente a legenda com a descrição do pensamento da personagem, organizada nas categorias pré-estabelecidas. Nesse bloco não está inserida a descrição de diálogos ou qualquer manifestação verbal;

b) Cenas: considera os acontecimentos que estão sendo narrados, os personagens presentes na cena, a imagem e o texto.

A opção por dois blocos de tabelas ocorre em função da impossibilidade da descrição de uma cena, sem considerar a imagem e a estruturação das HQ. Conforme explica Eisner (1995), o objetivo da arte sequencial é contar histórias através do uso de figuras e palavras e pressupõem o movimento de imagens no espaço e tempo, estruturadas através de quadros sequenciados que permitem a 'captura' de eventos no desenvolvimento da narrativa. A leitura dos quadros segue o padrão de leitura da cultura ocidental: da esquerda para a direita, de cima para baixo. Para a descrição, os quadros foram numerados seguindo o pressuposto do fluxo de leitura, conforme imagem:

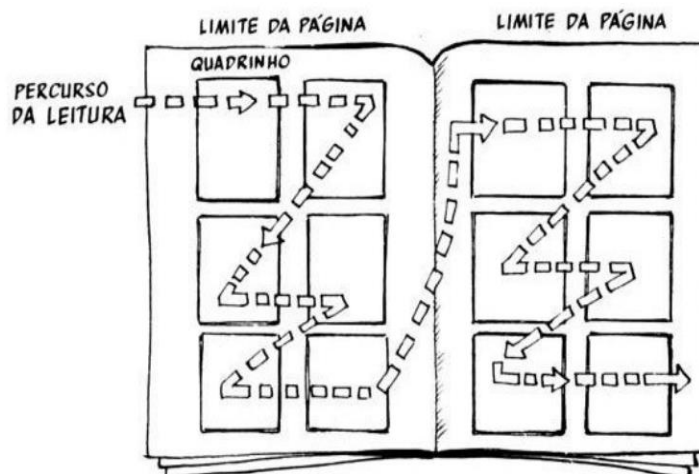


Figura 9. Percurso de leitura. Fonte: Eisner (1995)

Após a definição do percurso metodológico, o mesmo foi replicado para a análise da HQ “Os Campeões: O mundo ainda precisa de heróis”.

Realizar a categorização não foi um trabalho fácil. Por diversos momentos, dúvidas foram despertadas em relação a qual categoria cada destaque seria alocado, em função de sua temática transitar por mais de uma. Assim como ocorre na história que a adolescente e a heroína não se dissociam, a identidade se desenvolve no entrelaçamento de diversas representações culturais, que não podem ser isoladas na constituição de um sujeito.

Em virtude do exposto, para compreender o desenvolvimento da identidade adolescente representado na personagem Kamala Khan, os materiais selecionados serão analisados levando em consideração as categorias definidas através do campo teórico, porém a apresentação da análise se dará em blocos temáticos emergidos do material: As metáforas da adolescência, Quase como um reflexo: a importância do olhar do outro, Transitando entre dois mundos: as entrelinhas do poder simbólico e Tecendo a identidade: a representatividade do uniforme.

4 ENSAIO DE ANÁLISE

O adolescente está em crise. A puberdade, imperativa na vida de todos os seres humanos, chega sem pedir licença e traz consigo uma expectativa social sobre quem esse sujeito precisa se tornar. Por ser imperativa e necessária para o desenvolvimento do sujeito, a crise é considerada normal. (Aberastury e Knobel, 1986). Kamala, no entanto, já nos diz desde o início, que sua vida é “nada normal”. Afinal de contas, além do turbilhão de emoções do adolescer, ela também é uma super-heroína. Mas afinal de contas, é possível distinguir a adolescente da super-heroína?

As capas dos materiais analisados concedem pistas iniciais sobre a personagem que será apresentada. Em relação à capa da HQ *Ms. Marvel: Nada Normal* (figura 10) destaca-se o fato de que, ao contrário do costume habitual nas HQs do gênero de superaventura, não é a imagem da heroína que está presente e sim a adolescente Kamala, que carrega consigo os livros da escola e declara através de sua vestimenta características de sua personalidade e identidade. A personagem veste uma camiseta com o símbolo da primeira Ms. Marvel e leva no pescoço um lenço representando a sua origem paquistanesa.

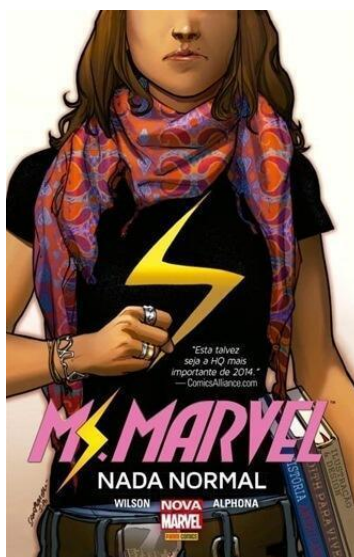


Figura 10. Capa da HQ *Ms. Marvel: Nada Normal* (2015)

Já na capa de *Os Campeões* (figura 3), a ênfase está no heroísmo dos personagens, que se apresentam uniformizados, caminhando pelo que parece ser

uma estação do metrô, recebendo olhares de admiração de outros jovens ali presentes. Nesse momento, Kamala Khan, que ocupa o espaço central do grupo, muda de posição quando deixa de ser apresentada como uma fã de super-heróis para ela própria se tornar um ídolo.

Seguindo o mesmo padrão, a narrativa dos materiais selecionados concede espaço para que se possa conhecer a personalidade da personagem, o desenvolvimento de sua identidade como adolescente e heroína, bem como questões relativas à esfera cultural em que está inserida. A seguir, apresentaremos a análise e interpretação do material selecionado em blocos temáticos, iniciando pelas Metáforas da adolescência.

4.1 AS METÁFORAS DA ADOLESCÊNCIA

Kamala apresenta diversos comportamentos e sentimentos conflituosos, comuns aos indivíduos nessa fase do desenvolvimento. De acordo com Aberastury e Knobel (1986), os adolescentes precisam elaborar os três lutos para conseguirem desenvolver suas identidades: pelo corpo infantil, pela identidade da infância e pelos pais da infância. Essa elaboração pode ser percebida no desenvolvimento da personagem, conforme exposto a seguir:

a) Luto do corpo infantil:

O polimorfismo, principal poder adquirido por Kamala, é difícil de controlar. No início, ela sente uma sensação corpórea nova, explicitada quando diz: “*Eu sinto a tensão esquisita na minha pele de novo. É que nem uma enxaqueca no corpo todo*”¹⁵ (WILSON; ALPHONA, 2015)¹⁶. Podemos relacionar essa passagem com o estranhamento que os adolescentes sentem em relação ao próprio corpo em função das alterações ocorridas durante a puberdade: “pelos, espinhas, volumes, cheiros, sangue, esperma, corrimentos, um corpo saliente, eloquente e mutante diante de alguém que até há pouco mal se dava conta de que ele existia.” (CORSO D.; CORSO, M., 2022, p. 64).

¹⁵ Nesta pesquisa optou-se por formatar em itálico as citações retiradas do material midiático, para diferenciá-las das citações teóricas.

¹⁶ Ressaltamos que as HQs analisadas não possuem numeração de páginas, razão pela qual a informação não consta nas referências das citações.

Na cena 06, a personagem se esconde no vestiário da escola, e inicia um processo de tentar entender e controlar os poderes que, naquele momento estavam se manifestando involuntariamente. Após algumas tentativas, Kamala começa a compreender as habilidades corporais adquiridas. Ela tenta controlar a força, as mudanças em seu tamanho e experimentar sua habilidade de assumir a aparência de outra pessoa. Nesse momento, ela acaba por transformar-se em sua mãe e ao deparar-se com a imagem no espelho diz: “—*Ammi? Tá bom. Eu tava tentando a Taylor Swift. Isto tá ficando freudiano.*” (WILSON; ALPHONA, 2015). Virar uma cópia de seus pais é um dos maiores temores dos adolescentes que, nessa fase, precisam romper com eles para que possam desenvolver sua própria identidade. Hentz e Kuppermann (2021, p. 5) contribuem para o entendimento desse movimento ao explicarem que

o adolescente revisa seu mundo interno e suas vivências infantis, na tentativa de dar conta das mudanças físicas repentinas e do intenso trabalho psíquico que essa fase da vida demanda.[...]O sujeito revive a experiência constitutiva de desamparo, precisando se reconhecer em um corpo de um adulto e necessitando de referências – que não sejam as figuras parentais – para identificar-se.

Com isso, podemos compreender que Kamala busca em figuras externas ao meio familiar, como na cantora Taylor Swift, na heroína Carol Danvers e na personagem Zoe, uma referência ao qual pode identificar-se. No entanto, como está em uma fase em que as mudanças corporais acionam as experiências iniciais do desenvolvimento, por vezes não consegue se afastar da figura materna.

Apesar das dificuldades iniciais, a personagem percebe que não lhe sobram escolhas a não ser aprender a conviver com o novo corpo, concluindo que

Aprender meus pontos fortes. Aprender meus limites. Aprender a trabalhar com este novo corpo, em vez de contra ele. Bem não é uma coisa que você é. É uma coisa que você faz. Nunca vou estar “pronta” mas posso estar pronta o suficiente. (WILSON; ALPHONA, 2015)

O caminho que Kamala percorreu até a aceitação de um corpo modificado, pode ser entendido como uma metáfora do processo de luto pelo corpo infantil.

b) Luto pela identidade da infância:

"O que ter poderes significa? Ser capaz de parecer alguém que não sou? E se não me encaixar mais na minha antiga vida? Que nem um par de calças que ficam pequenas? Eu ainda seria a Kamala?" (WILSON; ALPHONA, 2015)

Ela está mudando e se questiona sobre o significado das mudanças em sua vida. Assim como ela tem dúvidas se poderia ser novamente a Kamala de antes, os adolescentes também apresentam dificuldades em enfrentar o luto da identidade infantil, uma vez que cruzado o limiar, não há como regressar à infância. Alberti (2010, p. 26) explica que o questionamento sobre a própria identidade é comum ao adolescente,

“Quem sou eu?” implica o furo do saber do sujeito que perdeu as referências sólidas às quais estava atrelado como filho, irmão, herói imaginário de seriados de TV e que, chegando na puberdade, foram abaladas. Se o maior trabalho a ser feito na puberdade é o do desligamento do ideal dessas referências infantis, a questão então é: se deixar de ter essas referências às quais eu estava amarrado até agora em minha vida, como fico?

A personagem sente o peso das responsabilidades de estar crescendo e o fato de ser “poderosa” pode ser compreendido como estar adquirindo responsabilidades das quais, até então, não precisava se preocupar. De acordo com Aberastury e Knobel (1986), elaborar esse luto requer que o sujeito aceite as novas responsabilidades que lhe são impostas, para que possa desenvolver seu novo senso de identidade. Os autores enfatizam que “nesta busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a da uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal.” (ABERASTURY; KNOBEL, 1986, p.32). Pensando sobre o momento em que está vivendo, Kamala conclui: “*estes poderes significam alguma coisa. Alguma coisa assustadora, mas boa. E, pela primeira vez, me sinto grande o bastante pra isto. Grande o bastante pra ser alguém importante.*” (WILSON; ALPHONA, 2015)

Após um primeiro momento de dúvidas e questionamentos, a heroína se apropria de seus poderes e está pronta para escolher seu destino. Pode-se aqui fazer um paralelo com a escolha profissional, geralmente realizada na adolescência “donde escolher um caminho profissional comporta tanto perdas quanto uma aposta. Escolher o próprio destino é não fugir dele, ao contrário, escolher apostar nele, independente de qual ele seja.” (ALBERTI, 2010, p. 26).

c) Luto dos pais da infância:

O processo de elaboração do luto dos pais da infância não significa negar a importância dessas figuras na vida do adolescente. Sobre isso, Alberti (2010, p.5) elucida que

ao contrário do que alguns imaginam, o sujeito adolescente precisa muito de seus pais. De uma forma um pouco paradoxal, à primeira vista, a presença dos pais junto ao adolescente é fundamental, antes de mais nada, para que ele possa desempenhar sua função de separação.

Após uma de suas missões, quando Kamala precisou utilizar muito de seus poderes, ela retorna para a casa se sentindo exausta e faminta. Ao atacar a geladeira na madrugada, ela pensa:

por mais que este lanche pós-briga seja gostoso, não dá pra deixar de pensar...não seria melhor ainda se Ammi estivesse esquentando a comida pra mim, me fazendo uma xícara de chai, mexendo nas minhas roupas rasgadas, acariciando meu cabelo? Por mais que seja legal ser poderosa...meio que quero a minha mãe. (WILSON; ALPHONA, 2015)

Entende-se que essa passagem dialoga com o luto dos pais da infância, dado que a personagem, ao mesmo tempo em que deseja os cuidados da mãe, compreende que a nova situação em sua vida requer que ela tenha capacidade de autocuidado. Ela não pode contar com a ajuda da mãe após as missões, já que a aquisição de seus poderes é um segredo para a família. Esse sentimento ambivalente em relação à necessidade de cuidados por parte dos pais é comum nessa fase da vida em virtude de que,

o jovem precisa de um tempo para aceitar e conviver com a ausência definitiva daquilo que ama, mas que foi perdido e esse processo faz com que, recorrentemente, os adolescentes sintam-se frágeis, confusos, inseguros, impotentes e desamparados. (HENTZ; KUPERMANN, 2021, p. 5).

Alberti (2010) explica que o tempo necessário para a elaboração do luto dos pais da infância ocorre porque as tentativas de separação e individuação dos adolescentes perante seus pais podem ser exaustivas, necessitando de reaproximações momentâneas para que o sentimento de desamparo gerado pela separação possa ser suportado.

Pensando nas relações familiares, características dos conflitos geracionais presentes na adolescência estão representadas na HQ. Um dos exemplos é o diálogo entre Kamala e sua mãe nos quadros iniciais da cena 02, que representa a

dificuldade de comunicação e de compartilhamento de experiências entre os jovens e seus pais.

Kamala: —Só um instante Ammi...tem um troço épico acontecendo na internet.*

Mãe: —O que?

Kamala: — Minha Fanfic dos Vingadores tem quase mil curtidas no maneirópacas.com.

Mãe: —Não entendi uma única palavra dessa frase.

Kamala: -Tá bem. Tá bem. Esquece.

Mãe: Fã fico...o que é? fã fico?! Pensei que estava lá em cima fazendo a lição de casa.

Kamala: —É sexta a noite, Ammi. (WILSON; ALPHONA, 2015)

Mãe e filha não conseguem se entender, em função de uma linguagem que não é comum às duas. Ao usar termos do mundo digital, Kamala não consegue explicar para a mãe a importância da atividade que está realizando no momento. Sobre a questão da importância das atividades para os adolescentes, Corso, D. e Corso, M. (2022) elaboram que os adultos compreendem que a única coisa que realmente deveria importar para o adolescente são os estudos, não conseguindo compreender que sua vida social não pode restringir-se aos muros da escola. Ainda, ressaltam que

os adultos não conseguem ver a seriedade em brincar nem sua utilidade, esquecem que é lúdico todo o processo de aprendizagem que nos levou a crescer, assim como tudo o que nos faz continuar crescendo como civilização tem estreita ligação com a ousadia lúdica. (CORSO, D.; CORSO, M., 2022, p. 290)

Ao não compreender o conceito de *fanfic*, a mãe de Kamala não percebe a potência criativa da filha e o quanto o exercício da escrita é importante para a aprendizagem da personagem.

Na mesma cena, Aamir, irmão mais velho de Kamala, é representado na história como um jovem que não trabalha e depende financeiramente de seu pai.

Aamir: —Allahomma barik lana fima razaqtana waqina ath--

Pai: —Aamir, se não parar de rezar um pouco pra colocar comida na boca, um dia vai morrer de fome.

Aamir: —Que Alá o perdoe Abu.

Pai: —Rezar é nobre, mas quando passa o dia todo rezando, começa a parecer que está evitando alguma coisa. como arrumar emprego, por exemplo.

Aamir: —Ganhar dinheiro com uma profissão que ofende Alá não tem mérito. Me recuso a lucrar com usura...diferente de algumas pessoas.

Pai: —Meu trabalho no banco permite que você sente aqui em casa e contemple a eternidade, beta. Se não gosta, pode-- (WILSON; ALPHONA, 2015)*

A representação da frustração do pai com Aamir, entendendo que as questões religiosas são apenas desculpas para que permaneça sendo sustentado financeiramente, dialoga com o conceito de adultescência. O termo se refere a sujeitos que possuem idade cronológica de adultos, mas que permanecem dependentes de seus pais em função de uma dificuldade na aquisição da autonomia e na capacidade para gerenciar a própria vida. Penna e Araújo (2021, p.169), elucidam que “a passagem da adolescência para a vida adulta estaria relacionada com a aquisição de capacidades que facilitem a diferenciação da consciência, a descoberta de uma individualidade cada vez mais definida e a formação de uma vida própria.”

Outra característica comum ao sujeito adolescente também presente na história é o comportamento de risco. Quando Kamala não consegue a aprovação do pai para comparecer a uma festa dos colegas da escola, ela se questiona: *“É só uma festa. Uma festa. Não é como se eu estivesse pedindo permissão para cheirar cocaína. Sempre faço o que me pedem...Não tenho permissão de fazer nada do meu jeito? Só uma vez?”* (WILSON; ALPHONA, 2015). Inconformada com a situação, ela decide fugir de casa e ir à festa. Ainda, o consumo de álcool por adolescentes e a pressão para tal uso é representado na cena da festa (cena 03) quando Kamala é enganada pelos colegas sobre a presença de álcool na bebida que lhe foi ofertada.

No entanto, analisando pela perspectiva da sequência narrativa: fugir de casa, experimentar álcool e andar sozinha à noite pela cidade, foi a exposição de Kamala ao risco que a transformou em uma heroína. Sem esses acontecimentos, ela não teria se deparado com a névoa alienígena que lhe concedeu poderes. Zappe, Alves e Dell Aglio (2018) explicam que apesar de poder causar danos à saúde do indivíduo, especialmente se ocorre de forma contínua, a adoção do comportamento de risco pode também favorecer o adolescente no desenvolvimento de sua autonomia.

Nesse subcapítulo abordamos as questões relacionadas à temática da adolescência. Inferimos que no material analisado encontramos questões que dialogam com conceitos como o de puberdade, dos lutos da adolescência, das condutas de risco e com o de alteridade, ainda que nesse momento tenha ficado mais restrito às relações familiares. A temática da alteridade será aprofundada no

seguinte subcapítulo, quando abordaremos as questões da importância do olhar do outro na constituição da identidade do adolescente.

4.2 QUASE COMO UM REFLEXO: A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO OUTRO

O exercício da alteridade na relação do sujeito com o olhar do outro é parte fundamental no desenvolvimento da identidade, com importante relevância na adolescência. Conforme expõe Nasio (2009, p. 146), “quer eu me diferencie do outro ou a ele me sinta semelhante, que me sinta autônomo ou dependa dele, é indiscutível que preciso do outro para ser eu”. Ainda segundo o autor, a construção da autoimagem, ou imagem de si, se desenvolve ao longo da vida e parte de um sentimento de existir no mundo sendo composta pelas percepções corporais, da linguagem, da relação com o outro e da constituição histórica do indivíduo. Em consonância, Erikson (1987, p. 128) ao falar das relações sociais dos adolescentes afirma que

eles se mostram morbidamente, por vezes curiosamente, quase sempre, preocupados com o que possam parecer aos olhos dos outros, em comparação com o que eles próprios julgam ser, e com a questão de como associar papéis e aptidões cultivadas anteriormente aos protótipos ideais do dia.

Nesse sentido, é possível identificar momentos em que Kamala se preocupa com o olhar de seus iguais, especialmente de Zoe, a garota popular da escola. Vivendo um período em que está desenvolvendo sua identidade, ela tenta se moldar ao olhar de quem ela usa como modelo. Sobre a relação com Zoe, Kamala argumenta que “*é quase como um reflexo, como um sorriso falso. Assim que a Zoe aparece, me sinto desconfortável. Como se tivesse que ser outra pessoa. Alguém maneiro. Mas em vez disso me sinto pequena.*” (WILSON; ALPHONA, 2015).

O sentimento de inferioridade ou “sentir-se pequena” na presença de Zoe pode estar relacionado com o fato de que a colega não respeita as diferenças culturais entre elas. O herói Capitão América demonstra para Kamala o quanto ela busca a aceitação dos outros, mesmo que precise se distanciar de si mesma para isso, conforme diálogo da cena 04:

Capitão América: —Pensou que, se desobedecesse aos seus pais...sua cultura, sua religião...seus colegas a aceitariam. Em vez disso, o que aconteceu?

Kamala: —Eles riram de mim. Zoe pensou que por eu ter fugido, não tinha problemas se zombasse da minha família. Tipo, Kamala finalmente acordou e mandou o povo marrom inferior burro e suas regras para as cucuias. Mas não foi por isso que fugi! Não acho que Ammi e Abu são burros, eu só... Eu cresci aqui! Sou de Jersey city, não de Karachi! Não sei o que devo fazer. Não sei quem devo ser. (WILSON; ALPHONA, 2015)

O conflito vivido por Kamala sobre quem deve ser dialoga com o sentimento de culpa comum aos adolescentes quando entendem que estão cometendo um ato de traição à família. Isso ocorre porque passam a se identificar com expressões culturais mais amplas do que as vividas no meio familiar. (Kancyper, 2013). Contudo, com a aquisição de poderes, Kamala “finalmente” faz parte de algo. Sente-se pertencente a um grupo, que concede uma motivação e sentido para sua vida. Pensando nas razões que a levaram a adquirir seus poderes ela se questiona: *“Isso tem que ter acontecido por um motivo. Salvei uma vida. Será que para aí? Ou continuo? Talvez isso seja o que eu estava esperando. Talvez finalmente faça parte de algo...maior.”* (WILSON; ALPHONA, 2015)

Esse movimento é importante na percepção da personagem em relação ao papel que ocupa no meio social que habita. Até esse momento, Kamala era marcada pela diferença: para os pais era americana demais e para a sociedade muito paquistanesa. Quando ela encontra um espaço que pode reivindicar para si, consegue iniciar um processo de internalização e identificação cultural. Hall (2006, p. 8), explica que a identidade se forma na interação do sujeito com a sociedade, uma vez que favorece o diálogo entre o mundo interno do indivíduo com os mundos culturais externos a ele, uma vez que

projetamos a ‘nós mesmos’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Especialmente na adolescência, a busca por um espaço no mundo social e cultural se dá na relação do sujeito com seu grupo de iguais. Historicamente, os jovens reivindicam as suas demandas através de movimentos grupais. A história de *Os Campeões* pode ser lida como uma representação desses movimentos, uma vez que a organização do grupo de jovens heróis ocorre em função de uma desconexão entre seus ideais e a forma de atuação dos super-heróis adultos. Segundo Kamala Khan, seu desgosto com os Vingadores ocorre porque *“eles não tão nem aí. Os*

heróis ‘adultos’ arrebutaram o mundo com essa guerra ridícula e não tão interessados em remendar.” (WAID; RAMOS, 2021). É como se os adultos estivessem destruindo o futuro desses jovens que ainda tem uma vida pela frente. Ainda, há uma preocupação em demonstrar para os adultos que a rivalidade existe, em um exercício de distanciamento dessas figuras, necessário para a constituição identitária do adolescente. Erikson (1987, p. 128) explica que em função da incerteza do futuro que os espera, os jovens “parecem muito preocupados com as tentativas mais ou menos excêntricas de estabelecimento de uma subcultura adolescente e com o que parece ser mais um final do que uma transitória ou, de fato, inicial formação de identidade.” Em um diálogo com Nova e com Miles (cena 07), Kamala diz que quer mostrar para Carol Danvers e para os Vingadores quais são os seus propósitos como grupo e que eles podem voltar a fazer as pessoas acreditarem na luta dos super-heróis. A tentativa de afastamento da figura do adulto também está presente na cena 08 quando Scott Summers se junta aos Campeões. Ao debaterem sobre sua inclusão no grupo Kamala diz: “*o coitado fala como se tivesse trinta anos de idade*” (WAID; RAMOS, 2021), ao passo que Miles explica que “*o ciclope adulto, que virou vilão morreu. Essa aí é a versão juvenil, que veio do passado e ficou presa no nosso presente*”.(WAID; RAMOS, 2021). Ainda que a desconfiança do grupo parta de dados reais de que o personagem houvesse se tornado um vilão em outra linha do tempo, podemos compreender metaforicamente que para esses adolescentes, os adultos são como vilões que atacam seus ideais.

Apresentamos aqui os achados que se relacionam com a importância do exercício da alteridade na constituição identitária na adolescência. No entanto, entendemos que esse exercício ocorre em função das relações sociais pela marcação da diferença. Nesse sentido, apresentaremos a seguir, uma análise acerca do sistema simbólico que permeia a narrativa.

4.3 TRANSITANDO ENTRE DOIS MUNDOS: AS ENTRELINHAS DO PODER SIMBÓLICO

Nos estudos sobre a globalização, Hall (2006) infere que a partir dela há um maior encontro de diferentes culturas, fato que influencia na constituição da identidade uma vez que as nações passam a se tornar o que ele chama de “híbridos culturais”. Nesse sentido, o autor argumenta que os indivíduos que se dispersam no

globo através das migrações, como no caso da família de Kamala, se vêem obrigadas a negociar com a nova cultura em que estão se inserindo, ainda que mantenham um forte vínculo com a cultura e tradições de seus locais de origem. Nessa negociação, “eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.” (HALL, 2006, p. 73)

Ainda que Kamala tenha nascido em território americano, sua família não se afasta de suas origens. Com isso, a personagem se vê inserida em dilemas identitários e morais quando sua vivência como uma adolescente americana se choca com a cultura familiar paquistanesa. Analisando pela ótica de Geertz (2008) que compreende a cultura como uma teia de significados produzidas dentro de um sistema compartilhado pelos membros de cada sociedade, podemos entender o conflito de Kamala que precisa transitar entre sistemas culturais que em muitos aspectos se chocam.

A personagem experimenta um sentimento ambivalente em relação à religião e aos costumes de sua família. Por um lado, os ensinamentos de seu pai e de sua religião servem como motivadores e guia moral para suas escolhas.

Tem uma AIA do coração que meu pai sempre cita quanto vê alguma coisa ruim na TV. Um incêndio ou uma inundação ou uma explosão. “Quem mata uma pessoa, é como se matasse toda a humanidade... e quem salva uma pessoa, é como se salvasse toda a humanidade.” Quando eu era pequena, isso sempre fazia eu me sentir melhor. Porque não importa o quanto as coisas fiquem ruins...sempre tem gente que corre para ajudar. E de acordo com meu pai...eles são abençoados. (WILSON; ALPHONA, 2015)

Por outro, sente-se diferente porque seus amigos não compartilham de seus hábitos, ou seja, os ritos, mitos e símbolos que utilizam fazem parte de um sistema cultural não compartilhado pela família de Kamala.

Nunca vou poder ser um deles, não importa o quanto me esforce. Sempre vou ser a coitada da Kamala, com as regras alimentares esquisitas e a família maluca. Por que sou a única que é dispensada da aula de biologia? Por que tenho que levar pakoras para almoçar na escola? Por que fico com os feriados esquisitos? Todo mundo pode ser normal. Por que eu não? (WILSON; ALPHONA, 2015).

Na fala acima destacada, percebemos diferenças simbólicas em relação à sua religião, com a referência aos feriados americanos que, em muitos casos, relacionam-se com o cristianismo. Também, há uma referência à alimentação,

quando demarca a diferença entre os seus hábitos e o de seus colegas. A questão alimentar, já é evidenciada na primeira página do quadrinho, quando Kamala fala do seu desejo de comer bacon (figura 11). Essa cena introdutória representa os dilemas que a personagem vive, uma vez que o bacon, não somente é feito do porco, cujo consumo é proibido para a religião muçulmana, mas também representa uma tradição alimentar da cultura americana.



Figura 11. Cena de Ms. Marvel: Nada Normal (2015)

A personagem, ainda que se identifique com questões da cultura familiar, compreende que essa não é a “normalidade” da cultura local, onde também há questões com as quais ela se identifica e gostaria de viver. Fazer parte de uma cultura minoritária no país onde vive, reverbera em Kamala um sentimento de deslocamento e inadequação.

Sobre a cena em que Kamala adquire seus poderes, Housein (2019) analisa que sua iconografia representa uma conexão com o cristianismo, quando Carol Danvers se apresenta de forma celestial, acima de Kamala, fazendo com que essa precise elevar seu olhar. Ainda, estudos demonstram uma similaridade da cena com a pintura *The Transfiguration*, de Raffaello Sanzio (figura 12), que apresenta a figura de Jesus Cristo no centro entre os profetas Moisés e Elias, enquanto abaixo

apresenta os apóstolos reunidos com o jovem que será milagrosamente curado por Cristo no monte Tabor¹⁷. (HOUSEIN, 2019).



Figura 12. The Transfiguration, de Raffaello Sanzio ao lado de imagem retirada da HQ: Ms. Marvel: Nada Normal (2015)

Quando Kamala recebe dos heróis a possibilidade de realizar seu desejo de se transformar em Carol Danvers, uma mulher americana, branca, loira e de olhos azuis, estaria ela também recebendo uma cura milagrosa para seu sentimento de inadequação vivendo em território americano? No entanto, ainda que Kamala tenha desejado inicialmente se assemelhar fisicamente às mulheres americanas, no momento em que se vê nesse corpo se sente desconfortável.

Somado a isso, encontra-se o fato de a personagem enfrentar situações em que precisa lidar com a intolerância cultural e religiosa, como no episódio ocorrido na cena 01, em que Zoe questiona o uso do *hijab* por Nakia, amiga de Kamala:

Zoe: —Seu lenço é tão bonito Kiki. Adorei essa cor.

Nakia: —Nakia.

Zoe: —Mas, quer dizer...ninguém te pressionou pra começar a usar, certo? Seu pai ou alguém? Ninguém vai, tipo, te matar pela honra? É que fico preocupada.

¹⁷ <https://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/la-pinacoteca/sala-viii---secolo-xvi/raffaello-sanzio--trasfigurazione.html>

Nakia: —Na verdade, meu pai quer que eu pare de usar. Ele acha que é uma fase.

Zoe: —Sério: Uau, culturas são tão interessantes.(WILSON; ALPHONA, 2015).

A personagem Zoe, utiliza o termo ‘culturas’ para demarcar a diferença entre elas, em uma perspectiva etnocentrista, que compreende que “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.”(LARAIA, 2009, p. 75).

Outra questão importante a ser abordada em relação ao fato de ser descendente de imigrantes em território americano é a de que os melhores amigos de Kamala também o são: Nakia é muçulmana e Bruno descendente de italianos. Essa questão pode ser compreendida com o conceito de espaço social de Bourdieu (2013, p.136), um

espaço abstrato constituído pelo conjunto dos subespaços ou dos campos (campo econômico, campo intelectual, etc.), dos quais cada um deve sua estrutura à distribuição desigual de uma espécie particular de capital, pode ser apreendido sob a forma de estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que funcionam, simultaneamente, com instrumentos e objetos de lutas no conjunto de campos.

Ainda sobre a questão espacial, podemos destacar duas passagens que dialogam com as delimitações impostas às mulheres em relação aos espaços em que podem transitar. Esse é o caso do questionamento sobre o espaço destinado às mulheres na mesquita em que frequenta. O diálogo a seguir ocorre na cena 05 quando Kamala, acompanhada de sua amiga Nakia, se dirige à mesquita para realizar suas orações. Nas ilustrações há a representação de uma barreira que divide o espaço de acordo com o gênero: os homens ocupam o espaço frontal, enquanto as mulheres permanecem atrás da barreira. Kamala, que está conversando com sua amiga, tem a atenção chamada pelo xeique e responde:

Kamala: —Desculpa, Xeique Abdullah, mas é muito difícil de se concentrar quando a gente nem consegue ver o senhor.

Xeique: —Irmã Kamala! Que bom que se juntou a nós hoje. A partição e a entrada laterar para mulheres existem para preservar sua modéstia e dignidade.

Kamala: —Mas...o senhor não disse que não tinha partição na mesquita do Profeta em Medina? Que homens e mulheres passavam pela mesma porta e se sentavam na mesma sala? (WILSON; ALPHONA, 2015).

Podemos perceber na cena a delimitação de um espaço físico que opera em função da tentativa de impor uma delimitação de espaço social. Conforme Bourdieu

(2013, p.133), “o espaço físico é definido pela exterioridade recíproca das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou distinção) das posições que o constituem; isto é, como estrutura de justaposição das posições sociais.”

Destiná-las ao espaço posterior representa que as mulheres estão sendo relegadas ao segundo plano. Nesse sentido, Bourdieu (2013, p. 137) explica que “aqueles que são desprovidos de capital são mantidos à distância, seja física ou simbolicamente, dos bens sociais raros, e condenados a conviver com as pessoas ou bens mais indesejáveis e menos raros.” Cabe destacar também que na cena há a representação de uma objetificação das mulheres que não podem frequentar o mesmo espaço, pois seriam uma tentação aos homens. Quando Kamala questiona sobre a presença das mulheres nas mesquitas no passado, o Xeiue responde que “*era uma época abençoada, livre de escândalos e das tentações de hoje*”. (WILSON; ALPHONA, 2015).

Outro destaque que dialoga com as delimitações impostas às mulheres é o que ocorre na cena 02, quando Kamala pede permissão para ir à festa:

Pai: —Mas não é seguro para uma moça sair tarde da noite com meninos estranhos, bebendo Deus sabe o que e pensando em Deus sabe o quê. Porque não convida a Nakia pra vir aqui? Vocês jovens podem terminar a lição de casa e depois ver filmes.

Kamala: —Eu vou morrer.

Pai: —Não vai morrer. Olha seu amigo Bruno... dando duro pela família e tirando notas altas...ele reclama?

Kamala: — Bruno é menino. Se eu fosse menino, você me deixaria ir à festa. (WILSON; ALPHONA, 2015).

Na mesma cena, no diálogo anterior entre o pai e o irmão de Kamala sobre o trabalho, apresentado no subcapítulo 4.1 As Metáforas da adolescência, o pai chama Aamir de *beta*. No canto direito inferior da página, há uma nota do tradutor explicando que, embora em Urdu o termo possa ser utilizado para se referir a filhos, ele também é usado para garotas em tempos modernos. A presença da nota do tradutor remete ao pensamento de que o pai utilizou o termo de maneira pejorativa com o filho, que por não ter um emprego poderia ser considerado uma menina. Nesse sentido, entende-se que há uma referência à delimitação do espaço da mulher, que deve ser o do lar servindo aos homens, como a representação da mãe de Kamala na cena.

Os Campeões também evidenciam questões relacionadas ao gênero no espaço social. As duas missões realizadas pelo grupo na história analisada tem como objetivo salvar mulheres que estão sofrendo violência de gênero. Na primeira,

os super-heróis salvam um grupo de meninas que estão sendo transportadas ilegalmente com a finalidade de tráfico humano. Na segunda, eles ajudam a salvar mulheres e crianças que estão sendo atacadas por terroristas em Sharzad, um país do sul da Ásia. Amal, líder do grupo local, explica para eles que as mulheres perderam sua liberdade, quando *“jovens foram assassinadas pelos crimes de carregarem livros escolares ou serem vistas sem burca”* (WAID; RAMOS, 2021) porque fundamentalistas estão realizando um “apartheid de gênero” na região.

Os conflitos de Kamala vão além de tentar conciliar os costumes culturais de sua família com os costumes do local onde nasceu e vive. A maneira que os conflitos são expostos reflete que a personagem está engendrada em um poder simbólico, que opera através de mecanismos que visam a sua manutenção (BOURDIEU, 1989). A personagem Zoe ocupa um papel fundamental em demonstrar as imposições culturais que Kamala enfrenta, com as vivências de intolerância religiosa e a demarcação da diferença de sua aparência com a dos nativos americanos. Isso se relaciona com os sistemas simbólicos que, conforme explica Bourdieu (1989, p. 11),

cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica), dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados.

No entanto, todos os questionamentos de Kamala em relação à realidade que lhe é imposta são uma maneira de atuação de forma a não perpetuar a manutenção desse poder simbólico. Esse posicionamento fica nítido em *Os Campeões*, em seu discurso após a primeira missão. Deixando clara a sua posição de contrariedade ao poder simbólico concedido aos super-heróis (os adultos com quem rivaliza) até então, ela diz que

dia a pós dia, a gente olha para o lado e vê pessoas superpoderosas esmurando os outros. Tirando vidas quando não precisam fazer isso. Usam força letal contra criminosos desarmados e até mesmo crianças desarmadas. Este é o mundo que herdamos, onde só a violência tem voz. Mas nós podemos ser melhores que isso. Precisamos garantir a justiça sem o uso injusto da força. O que aconteceu aqui hoje foi doentio, mas coisas ruins, bem piores que esta, acontecem todos os dias no mundo inteiro. Os mais fortes abusam dos mais fracos que se preocupam, cada vez mais, com as pessoas em quem podem confiar e aquelas em quem não podem. (WAID; RAMOS, 2021).

No mesmo sentido, também há a problematização sobre a soberania do povo americano (e dos super-heróis) sobre os outros povos. Quando o grupo vai até Sharzad (cena 09), Amal diz que precisa de sua ajuda, mas que *“não adianta de nada se parecer que fomos resgatadas. Isso daria a entender que o povo de Lasbid ou qualquer outro país precisa dos americanos para resolver seus problemas”*. (WAID; RAMOS, 2021). Com essa fala, acontece uma quebra de expectativas e os super-heróis precisam readequar seus planos para derrotar os fundamentalistas. Podemos analisar que a falta de preocupação inicial dos personagens com essa questão está relacionada com o que Bourdieu (2013, p. 134) chama de “efeito de naturalização” que ocorre em função de que “diferenças produzidas pela lógica do social podem, assim, parecer emergidas da natureza das coisas.”

A construção narrativa da personagem evidencia que o caminho para a construção identitária pode ser árduo, não somente na adolescência em função de seus conflitos, mas também em função do meio em que esse indivíduo está inserido. Dessa forma, partiremos para a próxima sessão apresentando a interpretação do caminho trilhado pela personagem no processo de constituição de sua identidade.

4.4 TECENDO A IDENTIDADE: A REPRESENTATIVIDADE DO UNIFORME

Ao comparar a personalidade de Kamala nas duas obras percebe-se um amadurecimento na sua jornada de autoconhecimento. Enquanto que na sua HQ solo a personagem ainda estava tentando compreender as mudanças que estavam ocorrendo em seu corpo, suas novas habilidades e seu papel na sociedade, em *Os Campeões*, ela apresenta segurança nas suas habilidades e tem um ideal de quem ela deve ser como uma super-heroína. Mesmo que ainda esteja em desenvolvimento, Kamala já percorreu um considerável caminho na constituição de sua identidade. Esse caminho perpassa pelos conflitos da adolescência, mas também pelas relações culturais em que está inserida.

Conforme demonstra Hosein (2019), historicamente, a representação da cultura muçulmana no cinema americano perpetua a narrativa orientalista, que a relaciona com o terrorismo contra a América, onde os indivíduos ocupam o papel de vilões. Ainda, as mulheres são retratadas como oprimidas ou são objetificadas, como no caso das dançarinas de dança do ventre. Nesse sentido, a personagem

Kamala Khan ganha relevância por ser retratada como uma mulher muçulmana que incorpora a religião por opção, mas que também transita pelos padrões americanos, ocupando o espaço do heroísmo e não da vilania, única representação dos muçulmanos na cultura popular americana. (HOSEIN, 2019). No mesmo sentido, Conter (2017, p. 78) compreende que

Kamala Khan é símbolo de toda sua comunidade e das comunidades que lutam por espaço. Ela é a ideia de que mulheres muçulmanas também são dignas de adquirir e exercer poder – até mesmo superpoder. E, em suas relações com aqueles que a cercam (dentro e fora de sua mídia), ela se torna símbolo de toda uma posição geográfico-religiosa.

O processo de criação do uniforme apresenta questões importantes sobre o desejo da personagem de pertencimento através de sua aparência, sobre a representação da cultura muçulmana e também problematiza a maneira sexualizada que as super-heroínas são apresentadas historicamente.

O desejo de Kamala de poder ter a aparência Carol Danvers, dialoga com o sentimento de exclusão étnica e racial, mas também dialoga com questões relacionadas com os padrões estéticos impostos socialmente. Quando lhe foi concedida a opção de escolher quem ela queria ser, decidiu não somente ser a Carol Danvers, mas enfatizou: *“—só que usaria o uniforme clássico politicamente incorreto e chutaria traseiros com saltos plataforma gigantes.”* (WILSON; ALPHONA, 2015). O pedido é atendido sob o aviso de Carol Danvers: *“—não vai acabar do jeito que imagina.”* (WILSON; ALPHONA, 2015). E assim aconteceu. Já na primeira missão, Kamala questiona a funcionabilidade do uniforme. Ela se sente desconfortável e exposta com a roupa, ou com a falta dela, em função da Ms. Marvel original utilizar maiô e botas de salto alto. Kamala argumenta:

Mas ser outra pessoa não é libertador, é exaustivo. Sempre pensei que se tivesse um cabelo espetacular, se ficasse bonita com umas botas legais, se pudesse voar, isso faria eu me sentir forte. Me faria feliz. Mas o cabelo cai no rosto, as botas apertam e este maiô está entrando até onde não bate a luz do sol. (WILSON; ALPHONA, 2015).

Podemos relacionar o aviso de Carol Danvers sobre não ser como ela imaginava, ao fato de que essa também optou por romper com esse estereótipo, quando alterou sua aparência e postura ao se tornar a Capitã Marvel. (figura 7).

Após perceber que, de fato, não era como imaginava, por sentir-se desconfortável na pele de outra pessoa, Kamala decide que não mais assumirá a aparência de Carol Danvers e entende que precisa criar um uniforme para que não

seja reconhecida em suas missões. Ela pensa: “*Não to aqui para ser uma versão diluída de outra heroína...estou aqui pra ser a melhor versão da Kamala.*” (WILSON; ALPHONA, 2015). Ser a melhor versão de si mesma significa poder integrar as culturas em que está inserida. Portanto, ao invés de perpetuar o estereótipo do visual das super-heroínas, ela decide usar um *burkini* como base para seu novo uniforme. O lenço vermelho que Carol Danvers utiliza nos quadris, dando ênfase para o local, passa para o pescoço, fazendo menção ao *hijab*. Na figura 13 apresentamos a evolução do uniforme de Kamala: a primeira imagem em que ela aparece como Carol Danvers, a primeira missão utilizando o *burkini* improvisado e o uniforme final.



Figura 13. Evolução do uniforme. Imagens retiradas da HQ: Ms. Marvel: Nada Normal (2015).

O uniforme passa a ser um símbolo da representatividade cultural da personagem. De acordo com Geertz (1989), os símbolos expressam a estrutura cognitiva da cultura, estão na vida cotidiana e são polissêmicos, com diferentes sentidos para diversos atores, proporcionando sentimentos, impressões, intenções e reações diversas. A origem dos símbolos é social e pode ser compreendida através da interpretação da cultura que precisa ser feita dentro de um sistema cultural.

Analisando por essa ótica, podemos interpretar que a utilização do *burkini* e do lenço fazem menção à origem familiar de Kamala, ao mesmo tempo em que as cores do uniforme representam sua vida como sujeito nascido e criado nos EUA, por utilizar as mesmas cores da bandeira do país. Aqui, não basta analisar o sistema simbólico da cultura familiar como minoritária, ou o sistema simbólico do país em um campo macro, mas sim, olhar para como a personagem atua dentro desses

sistemas. Isso porque, segundo Geertz (2008), a interpretação da cultura não pode ser realizada como algo externo que se impõe ao indivíduo, mas sim através da maneira que ele dá significado à sua existência no mundo.

Segundo Hall (2006), a identidade tem a função de “costurar” o sujeito nas estruturas sociais, de forma a unir os mundos culturais a que pertencem. Nesse sentido, podemos compreender que na criação de seu uniforme, Kamala não costurou somente um pedaço de tecido ao outro, mas também a sua relação com os símbolos e representações que constituem sua identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dúvida de fato é inseparável da pesquisa e, com certeza, ainda não nos foi dada conquistar mais que um pequeno fragmento da verdade.

(Sigmund Freud)

Assim como na introdução, inicio as considerações finais inspirada em Freud, retomando a dúvida da qual se origina essa pesquisa: Entendendo a importância de referências identificatórias para os adolescentes, de que maneira a adolescência vem sendo representada na cultura midiática? Na intenção de buscar respostas para a questão norteadora, delineou-se que o objetivo geral seria o de analisar a constituição identitária de adolescentes e sua representação na narrativa ficcional da personagem Kamala Khan. Contudo, me adianto em explicar que tratar os resultados aqui apresentados como um “pequeno fragmento da verdade” seria uma tarefa pretenciosa. O que apresento aqui são as elaborações decorrentes dos achados da pesquisa em diálogo com a teoria que a embasa.

Para a construção de um embasamento teórico, inicialmente partimos de uma contextualização da adolescência em uma perspectiva sócio-histórica. Esse é um conceito recente na história da humanidade, surgido em decorrência de mudanças sociais no século XIX. A noção de um sujeito adolescente vai se desenvolvendo e se moldando de acordo com o contexto histórico, ao passo em que também produz mudanças na sociedade ao deflagrar as dinâmicas sociais de seu tempo.

Nos aprofundamos nos estudos da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano, através das teorias psicológicas. Destacamos as questões biológicas que marcam esse período em função das alterações corporais decorrentes da puberdade, bem como os impactos emocionais advindas dessa. Nessa perspectiva, compreendemos que o adolescente enfrenta uma Crise de Identidade (ERIKSON, 1987), que requer um trabalho psíquico de ressignificação das vivências infantis, assim como um afastamento das figuras parentais, para que se abra espaço para o início de uma constituição identitária. A inserção na

sociedade de forma mais ampla e o convívio com o grupo de iguais promove um amplo exercício de alteridade para o sujeito adolescente, que tem o olhar do outro como balizador da imagem de si.

Posteriormente, direcionamos a pesquisa para os Estudos Culturais onde abordamos os conceitos de cultura através do viés interpretativista de Geertz (2008), que define que só é possível compreender uma cultura a partir dos sistemas simbólicos compartilhados por seus integrantes. Nesse sentido, também abordamos que as práticas sociais são reguladas por esse sistema de significados partilhados, que passam a fazer sentido ao indivíduo a partir das representações que são internalizadas e significadas através da linguagem. (CHARTIER, 2002; HALL, 1997).

De maneira breve, apresentamos um apanhado histórico da representação da adolescência nas manifestações culturais, compreendendo que essas modificam com passar do tempo. Iniciando na literatura como uma maneira de deflagrar o espírito jovem que estava se desenvolvendo na sociedade, ela se modifica com a consolidação da juventude como grupo social e como um grupo consumidor em potencial. Com isso, produções direcionadas para esse público começam a ganhar espaço e os personagens adolescentes passam a povoar as produções literárias e audiovisuais.

Destacamos o conceito histórico da Arte Sequencial (EISNER, 1995, MCCLOUD, 2006) que acompanha o desenvolvimento da comunicação humana e se perpetua na atualidade, principalmente através das Histórias em Quadrinhos. Também, apresentamos a evolução do gênero de superaventura e a maneira que os personagens atuam na representação da adolescência, bem como de questões relacionadas à raça, gênero e sexualidade. Os super-heróis são produtos culturais e fazem parte do imaginário coletivo por apresentarem questões com as quais os indivíduos podem se identificar subjetivamente, influenciando na construção de identidades.

A realização desse apanhado teórico permitiu a formulação de categorias de análise que serviu de fio condutor para a análise da materialidade do estudo. Isso, em conjunto com a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) que instrumentalizou o processo da busca de respostas.

Os achados encontrados levam a uma compreensão de que o processo de Kamala Khan em se transformar em uma super-heroína apresenta metáforas do processo de adolecer. Ao analisar sua história, percebemos questões relacionadas

aos Lutos da Adolescência (ABERASTURY; KNOBEL, 1989), uma vez que precisa aprender a lidar com um corpo que funciona de um modo novo, com as responsabilidades de ser uma super-heroína e com a mudança na relação com seus pais. Ainda, encontramos a representação da adoção de comportamento de risco, comum nessa fase do desenvolvimento.

A história de Kamala Khan evidencia que o caminho para a construção identitária na adolescência pode ser árduo, não somente em função dos conflitos inerentes a essa fase, mas também em função do meio em que esse indivíduo está inserido. Seus dilemas identitários, em diversos aspectos, se relacionam com a importância de sua vivência social como uma descendente de imigrantes em território americano. Por um lado, a personagem se identifica com a cultura familiar e vive de acordo com seus hábitos e costumes, porém por outro, se identifica com a cultura do local onde cresceu e está inserida. A resolução de sua identidade como heroína ocorre somente quando a personagem consegue integrar dentro de si as representações e simbolizações de ambos os mundos em que transita. Em relação ao caráter social, na história de *Os Campeões* também encontramos representações da importância da vivência do adolescente com o grupo de iguais. As motivações de criação do grupo, que diverge ideologicamente dos adultos, atuam como uma representação dos movimentos jovens que, historicamente, reivindicam suas demandas através de atos coletivos.

Os materiais analisados também evidenciam a importância do poder simbólico (BOURDIEU, 1989), na constituição da identidade. Nas histórias, encontramos referências à forma que esse poder atua nas relações interpessoais entre imigrantes e nativos em um país desenvolvido. Ainda, percebemos a delimitação dos espaços sociais (BOURDIEU, 2013), tanto nas relações étnico-raciais, bem como nas relações de gênero. Contudo, analisamos que a construção narrativa da personagem ocorre de maneira a não perpetuar a manutenção do poder simbólico. Tal fato decorre da problematização acerca de questões estruturais que estão naturalizadas na sociedade. Por conseguinte, Kamala Khan desloca a representação da cultura muçulmana no ocidente que, historicamente, a coloca no lugar do terrorismo e vilania, para o local do heroísmo. Ao se tornar a primeira super-heroína de origem muçulmana a ganhar protagonismo nas histórias em quadrinhos, a personagem também pode atuar como uma figura identificatória para indivíduos

que, assim como ela, são marcados pelo olhar da diferença na sociedade onde habitam.

Analisamos que a jornada da construção do uniforme apresenta uma representação do processo de constituição da identidade da personagem. A união dos símbolos da cultura muçulmana como o *hijab* e o *burkini*, com a utilização das cores da bandeira americana, é uma marca simbólica de que a super-heroína possui internalizadas as identificações de ambas as culturas.

Através do exposto, entendemos que a representação da constituição identitária da adolescência está presente na narrativa ficcional da personagem de uma maneira complexa, entendendo o indivíduo em seu aspecto biopsicossocial. Fica evidente a impossibilidade de analisar questões identitárias na adolescência sem considerar que a identidade se desenvolve em um emaranhado de significações que perpassam a vivência de um indivíduo. Ainda que Kamala Khan possuísse os genes Inumanos e entrasse em contato com a névoa que lhe concedeu poderes, a identidade da super-heroína Ms. Marvel não seria a mesma sem as características que a compõe. Sua identidade se constitui através das vivências e da subjetividade de uma adolescente, mulher, muçulmana, descendente de imigrantes nos EUA, inserida em um contexto sócio-histórico.

Entende-se que essa pesquisa contribuiu com subsídios para a compreensão da representação da constituição identitária da adolescência em personagens de narrativas ficcionais. Também, através da estruturação das categorias de análise, apresenta uma proposição de metodologia de análise da representação da adolescência em tais personagens. No entanto, cabe reiterar que esta análise não teve a pretensão de ser exaustiva e conclusiva. As limitações da pesquisa encontram-se na opção de delimitar o foco do estudo em uma única personagem, em função do espaço e tempo destinado à dissertação.

Dessa forma, uma das possíveis continuações desse estudo relaciona-se com a ampliação do número de personagens analisados, para que se possa ter uma visão ampla, e talvez comparativa, da representação da adolescência em narrativas ficcionais de diferentes contextos. Também, acredita-se na potencialidade de uma pesquisa de campo, com adolescentes, que objetive compreender as características psíquicas e sociais que os levam a se identificar com personagens adolescentes e de que forma suas vivências estão representados nas produções culturais.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. O mundo Adolescente. *In: Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980. p. 227-246.
- ABERASTURY, A; KNOBEL, M.. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o Outro**. 3.ed. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.
- ALMEIDA, THAYSE GOMES DE. **História em quadrinhos como recurso pedagógico para adolescentes: métodos contraceptivos**, 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió, AL, 2017.
- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BACKES, C. Quem lê o adolescente. *In: MÜGGE, E.; SANTOS, C. B.; MENEGOTTO, L. M. de O.(org.) Adolescências: Tecituras contemporâneas entre literatura e psicanálise*. São Leopoldo, RS: Oikos, p. 21-42, 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições, v. 70, p. 280, 2016.
- BELO, P.; CASTELLANO, M. Raça e gênero em pantera negra: um olhar decolonial sobre okoye. **Esfemas**, n. 18, p. 111-120, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/download/65602694/Raca_e_genero_em_Pantera_Negra_um_olhar_decolonial.pdf. Acesso em: 05 ago 2021.
- BOFF, E de O.. **De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos**. 2016. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2016.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos avançados**, v. 27, p. 133-144, 2013.
- CARDOSO, M. R. G.; DE OLIVEIRA, G. S. GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 98-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347/1443>. Acesso em: 01 ago 2022.
- CAVALCANTE, E. B. T. O conceito de adultocentrismo na história: diálogos interdisciplinares. **Fronteiras**, v. 23, n. 42, p. 196-215, 2021. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/download/15814/8561>.
Acesso em: 13 mar 2022.

CHARTIER, R. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHICO, M. T.; A representação do feminino nas histórias em quadrinhos de Ms. Marvel. *In*: LOPES, A. Elisandro Machado; GONÇALVES SILVA, Daniele Gallindo; DE FARIA, Mônica Lima (Orgs.). **COMUNICAÇÃO & CULTURA MIDIÁTICA: diálogos interdisciplinares**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/6304/1/Comunicacao_e_cultura_midiatica_dialogos_interdisciplinares.pdf#page=123. Acesso em: 10 abr 2021.

CONTER, R. **O super-herói e as presenças do outro**. Porto Alegre, RS. 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

CORSO, D. L.; CORSO, M.. **Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

DAMINI, E. M. **A construção da identidade adolescente e o uso de redes sociais**. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos, SP, 2021.

DE SOUSA FERNANDES, R. V.; DA COSTA MENDES, M. L. G.; DE OLIVEIRA, G. F.; Fronteiras em movimento: identidades, hibridismo e representação na personagem Ms. Marvel. **Esferas**, n. 9, 2017. Disponível em: <https://btdt.ucb.br/index.php/esf/article/view/8052/5331>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. 2. Ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

DONSTRUP, Mayte. Sexo, drogas y series de adolescentes: análisis de las actitudes sociales de los adolescentes en las series televisivas. **Index. comunicación: Revista científica en el ámbito de la Comunicación Aplicada**. v. 12, n.1, p. 261-284, 2022. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/131928>. Acesso em 05 nov. 2021.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1995.

ERIKSON, E. H. **Identidade. Juventude e crise**. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara, 1987.

FAWAZ, R.. **The new mutants: superheroes and the radical imagination of American comics**. New York, USA: New York University Press, 2016.

FEITOZA, Frederico Antonio. SELETIVIDADE TEENAGER: A SENSIBILIDADE EUGÊNICA EM IMAGENS DO HIGH SCHOOL. **Cadernos de comunicação**, v. 16, n. 2, p. 65-85, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/6775>. Acesso em 06 nov. 2022.

FERREIRA, A. S. “**Iniciação sexual**: já estou pronto/a para iniciar a minha vida sexual?” – validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal De Alagoas, Maceió, AL. 2017

FILHO, O. C. da S.; MINAYO, M. C. de S.. Triplo tabu: sobre o suicídio na infância e na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2693-2698, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/GSYPPVkbztJXtk4s7xyLkTx/>. Acesso em: 10 mar 2022.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. *In*: Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. V. VII, 1996. p. 185-252.

FREUD, S. **O inconsciente** (1915). *In*: A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Volume XIV, 2006. p.163–222

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. V. XXI, 1996. p. 73-150.

GARCIA, Y.; BASTOS, T. A Representatividade das Minorias Sociais nas Histórias em Quadrinhos dos X-Men e sua Importância para a Sociedade. **INSÓLITA-Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário**, v. 1, n. 2, p. 30-46, 2021. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/insolita/article/view/4254>. Acesso em: 15 ago 2022.

GEERTZ, C.. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZATTI, Christian. **Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil?** Cibercontecimentos pop e a guerra semiótica sobre gênero e sexualidade na cultura nerd. 2022, 320 f.. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS; 2022.

HALL, S. The work of representation. *In*: **Representation**: cultural representations and signifying practices. (Trad. Ricardo Uebel). London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, p. 1-46, 1997.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, T.T (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUE, S. dos A. X. **Em busca das periferias nas narrativas das juventudes do Cuca Barra**: acompanhando processos de comunicação e produção de sentidos.

2017, 144 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, CE; 2017.

HENTZ, R.; KUPERMANN, D. O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000300002. Acesso em: 16 ago 2022.

HOSEIN, S. The “Worlding” of the Muslim Superheroine: An Analysis of Ms. Marvel’s Kamala Khan. **The popular culture studies journal**, v. 7, n.2, p. 56-69, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/60862792/Hosein-Ms-Marvel-Final-120191010-7679-6bgfan.pdf>. Acesso em 22 ago 2022.

JUCÁ, V. dos S.; VORCARO, A. M. R. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 29, p. 246-252, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/cNNschfNMBBywPVZzD6t95rg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 09 mai 2021.

KANCYPER, L. Adolescencia: el fin de la ingenuidad. **Querencia**, n. 14, p. 45-55, 2013.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. *In*: ABERASTURY, A; KNOBEL, M.. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

KLUSSMANN, G. **Adolescência e Identificação**: a identidade colocada em questão. 2021. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 2021

LARAIA, R. de B.. **Cultura**: um conceito antropológico, 21. ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência** (A. M. C. Guerra et al., trads.). Belo Horizonte, MG: PUC Minas. (Trabalho original publicado em 2013). 2016.

LOPES, R. W. C.; BEZERRA, M. G. Adolescência: Sintoma e subjetivação. **EDUCAmazônia**, v. 26, n. 1, p. 118-136, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7797975>. Acesso em: 25 nov 2021.

LOURENÇO, M. S. de G.; MATSUKURA, T. S.; CID, M. F. B. A saúde mental infantojuvenil sob a ótica de gestores da Atenção Básica à Saúde: possibilidades e desafios1. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, p. 809-828, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/khk5FtVMZCJgPfTjVbjHCyf/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov 2021.

LUZ, P. K. da. **Historia em quadrinhos para adolescentes sobre suporte basico de vida**: construcao e validação. 2020. undefined f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Fundação Universidade Federal Do Piauí, Teresina, PI, 2020.

MARQUES, E. Super-heróis: ficção e realidade. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andreas (org.). **Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. São Paulo: Ideias & Letras, p. 93-119, 2011.

MARTINS, K. O racismo nas páginas de X-Men: críticas à segregação racial e à intolerância. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 5, n. 10, p. 298-313, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/download/11631/8899>, Acesso em: 22 ago 2022.

MATTOS, D. N. Q.de. **Reminiscências do colonialismo: colonialidade, diáspora e identidade na síria e no Irã a partir de “o árabe do futuro: uma juventude no oriente médio” (2014-2017) de Riad Sattouf e “Persépolis” (2000) de Marjane Satrapi**. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

MCCLOUD, S. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2006.

MELO, G. B. F. de. Kamala e o caminho da empatia para a aceitação da alteridade nos Comics. **Literartes**, v. 1, n. 8, p. 62-80, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/137811>. Acesso em: 6 dez. 2022.

MORAES, B. R. de; WEINMANN, A. de O. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos da clínica: revista sobre a infância com problemas**. São Paulo. Vol. 25, n. 2 (2020), p. 280-296., 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/214279>. Acesso em: 25 nov 2021.

MÜGGE, E.; SANTOS, C. B.; MENEGOTTO, L. M. de O.(org.) **Adolescências: Tecituras contemporâneas entre literatura e psicanálise**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2021.

NASIO, J.D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2009.

OLIVEIRA, J. D. de. **Tradução de conhecimento e narrativas de famílias nos cuidados à criança após reversão de colostomia: produção de história em quadrinhos**. 2018, 178 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PAULA, F. W. DE S. **Construção e validação de um gibi como tecnologia em saúde para prevenção da obesidade em adolescentes escolares**. 2017. undefined f. Dissertação (Mestrado em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde) - Universidade Estadual Do Ceará, Fortaleza, CE, 2017.

PENNA, E. M. D.; ARAUJO, F. R. S.. Adultescência: a caminho da maturidade no mundo contemporâneo. **Junguiana**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 167-178, jun. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr 2022.

PRODANOV, C.C.; DE FREITAS, E.C.. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Editora Feevale, 2013.

RAYA, I.; SANCHEZ-LABELLA, I.; DURAN, V. The construction of the teenager profile on Netflix Tv Shows 13 Reasons Why and Atypical. **Comun. medios**, santiago, v.27, n.37, p.131-143, 2018. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-15292018000100131&lng=es&nrm=iso. Acesso em 06 nov. 2022.

RAIOL, W.; DA ROCHA, A. L. N. Viva a diferença: protagonismo da adolescência feminina em Malhação. **Razón y Palabra**, v. 22, n. 103, p. 272-296, 2018. Disponível em: <https://revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/download/1283/1317>. Acesso em: 29 ago 2022.

RASSIAL, J. J. **El pasaje adolescente: de la familia al vínculo social**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999.

REBLIN, I.A. Os super-heróis e a jornada humana. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andreas (org.). **Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. São Paulo: Ideias & Letras, p. 55-91, 2011

SAGGESE, E. Uma Juventude à Flor da Pele: o dilema de adolescer ou adoecer. **Educação & Realidade**, v. 46, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/LKH9ghWwXMhs6grJ5YWPDxy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 nov 2021.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, F. P. **Super-Heróis Negros E Negras: Referências Para A Educação Das Relações Étnico-Raciais E Ensino Da História E Cultura Afro-Brasileira E Africana**. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais). 2018, 156 f. CEFET Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro, RJ, 2018.

SILVA, A. V.; Marvel e os direitos humanos: histórias em quadrinhos, direitos sociais e cidadania. **Anais do CIDIL**, v. 2, p. 619-634, 2017. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anacidil/article/view/276>. Acesso em: 10 ago 2022.

SILVA, I. P. Adolescência como interrogante – entre a literatura e a psicanálise. In: MÜGGE, E.; SANTOS, C. B.; MENEGOTTO, L. M. de O.(org.) **Adolescências: Tecituras contemporâneas entre literatura e psicanálise**. São Leopoldo, RS: Oikos, p. 43-62, 2021.

VAZ, W. E. **Educação e história em quadrinhos: análise das representações dos jovens do campo no gibi “Chico Bento moço”**. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal De Mato Grosso, Rondonópolis, MG, 2021.

VIANA, N. Breve história dos Super-Heróis. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andreas (org.). **Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. São Paulo: Ideias & Letras, p. 15-53, 2011.

VIOLA, D. T. D.; VORCARO, A. M. R. A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ngNVbd8grFqhXZMCTLjnTLx/?lang=pt>, Acesso em: 25 nov 2021.

WAID, M.; RAMOS, H.. **Os campeões: o mundo ainda precisa de heróis**. Barueri, SP: Panini Brasil, 2021.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Os negros nas histórias em quadrinhos de super-heróis. **identidade!**, v. 18, n. 1, p. 67-89, 2013.

WESCHENFELDER, Gelson. Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2017.

WESCHENFELDER, G. V. **Vamos usar quadrinhos em sala de aula? Os super-heróis invadem a escola** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

WILSON, G.; ALPHONA, A. **Ms. Marvel: Nada Normal**. Barueri, SP: Panini Comics, 2015.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

ZAPPE, J. G.; ALVES, C. F.; DELL'AGLIO, D. D.. Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 1, p. 79-100, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/download/8613/14027>. Acesso em: 15 mai 2022.

APÊNDICES

TABELAS DE DESCRIÇÃO DOS DESTACAMENTOS DAS HQS ANALISADAS.

Bloco 1: LEGENDAS

Categoria	Legenda
Adolescência	<p>“Aprender meus pontos fortes. Aprender meus limites. Aprender a trabalhar com este novo corpo, em vez de contra ele. Bem não é uma coisa que você é. É uma coisa que você faz. Nunca vou estar “pronta” mas posso estar pronta o suficiente.”</p>
	<p>"O que ter poderes significa? Ser capaz de parecer alguém que não sou? E se não me encaixar mais na minha antiga vida? Que nem um par de calças que ficam pequenas? Eu ainda seria a Kamala?"</p>
	<p>“por mais que este lanche pós-briga seja gostoso, não da pra deixar de pensar...não seria melhor ainda se Ammi estivesse esquentando a comida pra mim, me fazendo uma xícara de chai, mexendo nas minhas roupas rasgadas, acariciando meu cabelo? Por mais que seja legal ser poderosa...meio que quero a minha mãe.”</p>
	<p>“É só uma festa. Uma festa. Não é como se eu estivesse pedindo permissão para cheirar cocaína. Sempre faço o que me pedem...Não tenho permissão de fazer nada do meu jeito? Só uma vez?”</p>
	<p>“É quase como um reflexo, como um sorriso falso. Assim que a Zoe aparece, me sinto desconfortável. Como se tivesse que ser outra pessoa. Alguém maneiro. Mas em vez disso me sinto pequena.”</p>
	<p>“Isso tem que ter acontecido por um motivo. Salvei uma vida. Será que para aí? Ou continuo? Talvez isso seja o que eu estava esperando. Talvez finalmente faça parte de algo...maior.”</p>
	<p>"Tem uma AIA do coração que meu pai sempre cita quanto vê alguma coisa ruim na TV. Um incêndio ou uma inundação ou uma explosão. “Quem mata uma pessoa, é como se matasse toda a humanidade... e quem salva uma pessoa, é como se salvasse toda a humanidade.” Quando eu era pequena, isso sempre fazia eu me sentir melhor. Porque não importa o quanto as coisas fiquem ruins...sempre tem gente que corre para ajudar. E de acordo com meu pai...eles são abençoados"</p>

Esfera Cultural	"Nunca vou poder ser um deles, não importa o quanto me esforce. Sempre vou ser a coitada da Kamala, com as regras alimentares esquisitas e a família maluca. Por que sou a única que é dispensada da aula de biologia? Por que tenho que levar pakoras para almoçar na escola? Por que fico com os feriados esquisitos? Todo mundo pode ser normal. Por que eu não?"
	"Não to aqui para ser uma versão diluída de outra heroína...estou aqui pra ser a melhor versão da Kamala."
	"Mas ser outra pessoa não é libertador, é exaustivo. Sempre pensei que se tivesse um cabelo espetacular, se ficasse bonita com umas botas legais, se pudesse voar, isso faria eu me sentir forte. Me faria feliz. Mas o cabelo cai no rosto, as botas apertam e este maiô está entrando até onde não bate a luz do sol."

Bloco 2: CENAS

Cena 01		
Personagens presentes na cena:		
Kamala, Nakia, Zoe, Bruno e Josh		
Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	A cena se passa na cafeteria onde Bruno, amigo de Kamala trabalha. Nakia, amiga de Kamala, utiliza um hijab e está de braços cruzados ao lado de Kamala. Ambas olham para Zoe enquanto ela fala.	Zoe: —Seu lenço é tão bonito Kiki. Adorei essa cor. Nakia: —Nakia. Zoe: —Mas, quer dizer...ninguém te pressionou pra começar a usar, certo? Seu pai ou alguém? Ninguém vai, tipo, te matar pela honra? É que fico preocupada.
2	A cena fecha nas 3 personagens femininas. Nakia está com a expressão de descontentamento enquanto Kamala, coloca a mão no rosto. Ambas olham para Zoe.	Nakia: —Na verdade, meu pai quer que eu pare de usar. Ele acha que é uma fase. Zoe: —Sério: Uau, culturas são tão interessantes.

Cena 02		
Personagens presentes na cena:		
Kamala, Pai, Mãe e Irmão		
Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal

1	Kamala está em seu quarto, digitando em seu computador. Sua mãe está parada na porta, com os braços cruzados e uma expressão séria no rosto. O quarto está bagunçado, com muitas roupas penduradas em ganchos na parede, a lixeira transbordando lixo. No lado oposto, onde não há tantas informações, destaca-se uma bota de chuvas com estampa de quebra-cabeça.	Kamala: —Só um instante Ammi*...tem um troço épico acontecendo na internet. Mãe: —O que? Kamala: — Minha Fanfic dos Vingadores tem quase mil curtidas no maneiropacas.com. No canto inferior direito aparece a informação: (*) Mãe, em urdu - N. do T.
2	Kamala fecha seu notebook com olhar de desapontamento, enquanto sua mãe permanece com os braços cruzados e com a mesma expressão.	Mãe: —Não entendi uma única palavra dessa frase. Kamala: -Tá bem. Tá bem. Esquece.
3	As duas estão descendo as escadas. A mãe gesticula, segurando uma colher na mão, enquanto Kamala desce com os ombros encolhidos e olhando para o chão.	Mãe: Fã fico...o que é? fã fico?! Pensei que estava lá em cima fazendo a lição de casa. Kamala: —É sexta a noite, Ammi.
4 e 5	Na mesa de jantar, o irmão de Kamala orando, enquanto seu pai lê jornal. A comida está posta na mesa. Kamala e a mãe estão se juntando a eles	Irmão: —Allahomma barik lana fima razaqtana waqina ath-- Pai: Aamir, se não parar de rezar um pouco pra colocar comida na boca, um dia vai morrer de fome.
6 e 7	Kamala está sentada ao lado do pai, enquanto sua mãe, em pé, servindo o prato do pai. Após, ela está atrás da cadeira do filho, com uma colher em uma mão, enquanto a outra pousa sobre o ombro de Aamir.	Irmão: —Que Alá o perdoe Abu*. Pai: —Rezar é nobre, mas quando passa o dia todo rezando, começa a parecer que está evitando alguma coisa. como arrumar emprego, por exemplo. No canto inferior direito aparece a informação: (*) Pai, em urdu - N. do T.
8	A mãe de Kamala está servindo o prato de Aamir. Kamala aparece de perfil está com o rosto direcionado para o pai.	Irmão: —Ganhar dinheiro com uma profissão que ofende Alá não tem mérito. Me recuso a lucrar com usura...diferente de algumas pessoas. Pai: —Meu trabalho no banco permite que você sente aqui em casa e contemple a eternidade, beta*. Se não gosta, pode-- No canto inferior direito aparece a informação: (*) Em urdu, embora "beta" seja um termo usado para se referir a filhos, ele também é usado para garotas em tempos modernos. -N. do T.
9	Aparecem na cena somente Kamala e o pai. Ela está falando, enquanto ele limpa a boca com um guardanapo.	Kamala: —Ai, meu Deus, podemos não entrar nessa discussão de novo? Mãe: —Calma, Abu-Jaan, tenho certeza que Aamir vai encontrar o emprego certo logo. Pai: —Aparentemente, nenhum emprego é bom o bastante para sua santidade.

10	O pai está prestando atenção na sua comida, enquanto Kamala fala grita. Na xícara, onde está servido o chá de Kamala há a mensagem: "melhor pai do mundo."	Kamala: —Abu? Pai: — Hmm? Kamala: Posso ir a uma festa hoje?
11	O pai segura sua mão enquanto fala. Kamala está triste com os olhos fechados.	Pai: —Onde? Kamala: —No porto. Pai: —Com meninos? Kamala: —sim...
12	O pai volta a dar atenção a seu prato de comida e está sorrindo. Kamala permanece com a expressão triste, olhando para o lado.	Pai: —Muito engraçada. Kamala: —Qual é, Abu! Tenho dezesseis anos! Prometo que não vou fazer nenhuma burrice! Não confia em mim?!
13	Ao fundo aparece a figura da mãe de Kamala senta à mesa com uma expressão séria, enquanto o pai está gritando. A comida e as bebidas estão sendo jogadas para o alto, passando a impressão de que ele bateu com os punhos na mesa. Kamala está de pé, de costas para eles, como se estivesse se retirando do recinto.	Pai:—Claro que confio em você, beti. Mas não é seguro pra uma moça sair tarde da noite com meninos estranhos bebendo Deus sabe o que e pensando em Deus sabe o quê.

Cena 03

Personagens presentes na cena:

Kamala, Bruno, Josh e Zoe

Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	Kamala está em um espaço aberto, como um parque. Na cena aparece a silhueta de algumas pessoas. Os meninos estão com jaquetas iguais, como de um uniforme. A menina está vestida com uma calça e um top, mostrando a sua barriga, usando saltos altos. Kamala está com um blusão, com a estampa do símbolo da Ms. Marvel original, calça jeans e tênis. Na cena um menino está dando um copo para Kamala e Bruno aparece caminhando em direção a eles.	Josh: —Toma, bebe aí. Kamala: Tem...hã...álcool nisto?
2	Kamala está bebendo o conteúdo do copo. No fundo aparecem 2 meninos observando Kamala.	Josh: —Nem, é só suco de laranja.
3	Kamala está cuspidando a bebida enquanto os meninos riem.	Josh: —Mais um pouco de vodca.

4	Bruno está com o copo não mão, com um dos punhos fechados, enquanto o menino que deu a bebida para Kamala está com os braços para o lado, se inclinando para trás. Zoe o abraça, rindo. Kamala está com a mão levantada, olhando para Bruno.	Bruno: —Qual é a droga do teu problema, Josh? Josh: —Opa, opa, o gênio indomável tá na defensiva. Zoe: —Eca, Kamala...sem ofensas, mas tá cheirando a curry. Vou chegar mais pra lá.
5	kamala está caminhando se distanciando do grupo de pessoas. Bruno segue nas suas costas, com a mão em seu ombro com olhar de preocupação. No fundo, o grupo festeja e riem da situação.	Bruno: —Kamala, o que está fazendo aqui? Kamala: —Vim pruma festa, Bruno. Bruno: —Seus pais sabem? Kamala: —Não.
6 e 7	Bruno tenta parar Kamala, a segurando pelo braço. Ela puxa o braço enquanto o olha.	Bruno: —Olha, você precisa sair daqui. Quando ospalermas começam a beber, eles ficam idiotas. Kamala: —Você tá me envergonhando. Não preciso da sua ajuda. Não sou uma criancinha. Bruno: —Só não quero que acabe encrencada. Kamala: Meu Deus! Tá falando que nem meus pais.Pena que não é paquistanês. Senão, eles me jogariam pra cima de você.
8	Bruno permanece parado, olhando Kamala correr para a outra direção. No fundo aparecem pessoas conversando. Presença de onomatopeias inciando música alta.	Bruno: —É...que pena.

Cena 04

Personagens presentes na cena:

Kamala, Capitã Marvel, Capitão América e Homem de Ferro

Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	Em meio a uma névoa, Kamala está em pé olhando com uma expressão de confusão para três pessoas que aparecem de costas. Um pombo voa perto de sua cabeça.	
2	Com os olhos semicerrados, ela olha para o Homem de Ferro, que aparece de perfil, com uma das mãos levantadas. Kamala: —Então, tá. Tô alucinando legal. Devo estar megabêbada. Homem de Ferro: —Está vendo o que precisa ver. Encontra-se numa encruzilhada.	Kamala: —Capitão América...Homem de Ferro...Capitã Marvel?! Vocês falam urdu? Capitã Marvel: —Nós somos a fé. Falamos todas as línguas de beleza e diversidade.

3	Kamala está com o corpo inclinado para trás, com uma expressão de susto, enquanto o Capitão América aproxima o rosto dela.	Capitão América: —Pensou que, se desobedecesse aos seus pais...sua cultura, sua religião...seus colegas a aceitariam. Em vez disso, o que aconteceu? Kamala: —Eles riram de mim.
4	Aparece somente o rosto de Kamala olhando para o chão.	Kamala: —Zoe pensou que por eu ter fugido, não tinha problema se zombasse da minha família. Tipo, Kamala finalmente acordou e mandou o povo marrom inferior burro e suas regras pras cucuias.
5	Kamala está com uma mão levantada e outra abaixada, parecendo estar gesticulando. De costas aparecem a Capitã Marvel e o Homem de Ferro.	Kamala: - Mas não foi por isso que fugi! Não acho que Ammi e Abu são burro, eu só...Eu cresci aqui! Sou de Jersey city, não de Karachi!
6	Kamala está sentada no chão, com as pernas cruzadas e com o queixo apoiado nas mãos, olhando para o chão.	Kamala: —Não sei o que devo fazer. Não sei quem devo ser. Capitã Marvel: —Quem quer ser?
7	Ainda sentada, Kamala está olhando para cima.	Kamala: Agora? Quer ser linda e sensacional e sinistra e menos complicada.
8	Kamala volta a olhar para o chão. Capitã Marvel com um leve sorriso no rosto e com as mãos estendidas, como se fosse bater palmas.	Kamala: —Quero ser você.
9	Kamala está em pé, fazendo uma postura de Karatê. Capitã Marvel está de braços cruzados com uma expressão de descontentamento.	Kamala: Só que usaria o uniforme clássico politicamente incorreto e chutaria traseiros com saltos plataforma gigantes. Capitã Marvel: —Você deve ter algum tipo de fetiche esquisito com sapatos.
10	Capitã Marvel com um leve sorriso fala com Kamala. O Homem de ferro está com dois dedos levantados, fazendo o símbolo conhecido como "paz e amor".	Capitã Marvel: Certo, garota. Assim quis o destino que você recebesse o tipo de reboot total com que a maioria das pessoas só pode sonhar. Mas posso contar uma coisa? Kamala: —que foi?
11	Foco no rosto da Capitã Marvel. Séria.	Capitã Marvel: —Não vai acabar do jeito que imagina.
12	Capitã Marvel e Capitão América estão com as mãos esticadas, em movimento para bater palmas. Homem de Ferro permanece com o sinal de paz e amor. Kamala aparece de costas com um dos braços levantados.	Homem de Ferro: —Boa sorte, Kamala Khan. Kamala: —Peraí! Aonde vocês vão?
13 e 14	Kamala está sozinha, ainda em meio a névoa.	Kamala: —Homem de Ferro? Capitão América? Capitã Marvel? Alguém?

Cena 05

Personagens presentes na cena:		
Kamala, Nakia, Xeiue Abdulllah, Aamir		
Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	Vista panorâmica da mesquita. Algumas pessoas estão sentadas no chão, com as pernas cruzadas. Kamala e Nakia estão sentadas de frente para uma barreira que divide o espaço.	Nakia: —hum? Kamala: —Acha possível que uma pessoa simplesmente acorde diferente? Como se, de repente, as regras normais da física não se aplicassem?
2	Foco no rosto de Nakia e Kamala. Ambas usam o <i>hijab</i> .	Nakia: —O que? Do que está falando? Você usou drogas ou algo assim? Kamala: —O que? Não! É só uma metáfora!
3	Homens estão sentados em círculo, de frente para o Xeiue, que está falando. Os homens sentam no chão com as pernas cruzadas, enquanto o Xeiue está em um banco. Aamil está sentado próximo ao Xeiue.	Xeiue: —Irmãs! Não falem durante o sermão, por favor.
4	Foco no rosto de Nakia e Kamala, que fala. Ao fundo aparecem duas mulheres que estão se entreolhando. Uma está com a mão na frente da boca.	Kamala: —D-desculpa Xeiue Abdulllah, mas é muito difícil de se concentrar quando a gente nem consegue ver o senhor.
5	O Xeiue está com a mão na cabeça, com uma expressão de desaprovação. Aamir está com a boca aberta, e há uma representação gráfica, ao redor de sua cabeça, demonstrando espanto.	Xeiue: —Irmã Kamala! Que bom que se juntou a nós hoje. A partição e a entrada lateral para mulheres existem para preservar sua modéstia e dignidade.
6	Aparece a parte posterior das cabeças de Nakia e Kamala, olhando para a divisória.	Kamala: —Mas...o senhor não disse que não tinha partição na mesquita do Profeta em Medina? Que homens e mulheres passavam pela mesma porta e se sentavam na mesma sala? Nakia: —Nem adianta, Kamala. Xeiue: —Sim, mas era uma época abençoada, livre dos escândalos e das tentações de hoje--

Cena 06

Personagens presentes na cena:

Kamala

Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
--------	-----------------	-----------------

1, 2 e 3	A cena mostra Kamala entrando correndo no vestiário da escola. Ela está vestindo uma blusa de mangas longas, calça e um short por cima da calça. Assim que entra no vestiário, se senta no chão encostada na porta.	Kamala: — Anda, anda...Obrigada mão esquisita. Obrigada. Quer dizer...sei que consigo controlar.
4	Kamala está sozinha, caminhando pelo vestiário olhando para as mãos.	Kamala: —Controlei na sexta-feira, quando precisei. Sei que posso encolher. Então, na teoria...também posso fazer...
5	Kamala está gigante, quebrando o teto do vestiário com a cabeça. Sua expressão é de dor.	Kamala: — isto!
6	Ainda gigante, ela está agachada. Pedacos do teto estão quebrados no chão ao seu redor.	Kamala: —Tá bom. Força é igual a massa vezes aceleração. Então, mais massa é igual...
7 e 8	Kamala pega um dos bancos do vestiário com a mãe e o queb Presença de onomatopéia representando o som da madeira sendo quebrada.	Kamala —a mais força. Demais.
9	Já em seu tamanho normal, ela está de joelhos no chão, olhando para as partes quebradas do banco e do teto no chão.	Kamala: —Agora...Consigo parecer qualquer um? Ou só um clone da Carol Danvers?
10	Kamala olha para suas mãos.	Kamala:—Tipo, por exemplo, eu poderia parecer a--
11	A figura da mãe de Kalmala aparece se olhando no espelho. Ela está usando uma burka e um lenço no pescoço.	Kamala: —Ammi? Ta bom. Eu tava tentando a Taylor Swift. Isto tá ficando freudiano.

Cena 07

Personagens presentes na cena:

Kamala, Sam e Miles Morales

Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	A cena tem as cores desbotadas, e as falas estão apresentadas como legendas, remetendo à ideia de que essa é uma memória de quem está falando. No fundo há um monstro gigante, enquanto Kamala, Sam e Miles o atavam. Há pedras voando, dando a impressão de destruição.	Kamala: — “Fato. Nós três trabalhamos bem juntos... Dentro ou fora dos Vingadores. Podemos ser ainda melhores. Vai dar pra mostrar pra Capitã Marvel que...”

2	Foco no rosto de Sam.	Sam: — pros Vingadores, cê quer dizer Vingadores.
3	Foco no rosto de Kamala, que apresenta uma expressão de revolta.	Kamala: — pros Vingadores! Foi o que eu disse. Nós podemos fazer as pessoas voltarem a acreditar naquilo pelo que lutamos! Aposto que um montão de heróis da nossa idade quer a mesma coisa!
4	Foco no rosto de Miles, que está com os braços de Kamala enrolados em seu pescoço, como se estivesse sendo enforcado.	Miles: — Se me deixar respirar, acho que conheço um cara.

Cena 08

Personagens presentes na cena:

Kamala, Sam, Miles Morales, Viv Visão, Hulk, jovem Ciclope

Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	O grupo está reunido em um círculo no meio da floresta. No fundo, distante do grupo, ciclope os olha, de braços cruzados.	<p>Sam: — O escambau que não é! O cara é um vilão em construção.</p> <p>Hulk: — Ele fala como um assassino em série.</p> <p>Kamala: — Não fala nada. Sei lá por quê, o coitado fala como se tivesse trinta anos de idade,</p> <p>Hulk: — Pois é! Ele te faz parecer descontraída.</p> <p>Kamala: — Valeu Hulk!</p> <p>Miles: — Dá um tempo gente. A Viv nos atualizou. O Ciclope adulto que virou vilão morreu. Essa aí é a versão juvenil que veio do passado e ficou presa no nosso presente. O cara está se esforçando muito para fazer o bem. É tipo uma versão alternativa do ciclope.</p> <p>Hulk: — Quão “alternativa”? Essa é a questão, não é? Aceitar o cara não seria como adotar um mini-hitler? E se o caolho seguisse os mesmos passos com o passar dos anos? Como nós podemos...</p> <p>Kamala: — Trabalhar com alguém que pode ser mau?</p> <p>Miles: — A gente não acabou de sair de uma guerra civil com a “justiça premonitória”?</p>

Cena 09		
Personagens presentes na cena:		
Kamala, Sam, Miles Morales, Viv Visão, Hulk, jovem Ciclope e Amal		
Quadro	Dimensão visual	Dimensão verbal
1	O grupo está de frent. Todos olham para Amal, que está de costas na cena. Eles estão em meio a escombros.	Amal: — Meu nome é Amal. Vocês podem nos ajudar a reunir pessoas suficientes para expressar nossa opinião em quantidade. Nós lutaremos com ideias e vocês com a força.
2	A cena aproxima no rosto de Sam e Amal.	Sam: — Agora cê falou a minha lingua.Vamos mostrar para esses terroristas no que dá se meterem com os Campeões. Amal: — Nada disso.
3	Foco no rosto de Amal. Sua expressão é de descontentamento.	Amal: —Não ajuda em nada se parecer que fomos resgatadas. Isso daria a entender que o povo de Lasibad ou qualquer outro país precisa dos americanos para resolver seus problemas. Eu tenho uma sugestão.
4	Sam aparece cochichando com Kamala.	Sam: —Sabe todo aquele papo sobre a escolha de líder da equipe? Kamala: — Eu voto nela.